

Rodrigo Martins Ramassote

***A formação dos desconfiados:
Antonio Candido e a crítica literária acadêmica
(1961 - 1978)***

**Dissertação de Mestrado apresentada
ao Departamento de Antropologia
Social do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas (IFCH) da
Universidade Estadual de Campinas
(UNICAMP), sob orientação da Prof^a.
Dr^a Heloisa Pontes.**

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Heloisa Pontes (orientadora)

Prof^o. Dr^o. Sergio Miceli

Prof^a. Dr^a. Fernanda Peixoto

Campinas, maio de 2006

“Não se pode negar que a intensa integração intelectual e moral, propícia a um trabalho coletivo feliz e altamente produtivo, depende do trabalho permanente de incitação e unificação a cargo de um animador, espécie de maestro ou encenador - ou, ainda, em registro mais modesto, de treinador esportivo -, a quem o grupo galvanizado confere em troca seus poderes “carismáticos” pelo reconhecimento afetuoso que lhe concede. Não custa sublinhar que tal integração é indissociável de uma mobilização contra certos adversários intelectuais e em favor de certas causas científicas e políticas, em lance conjugado”. (Bourdieu, 2004:53).

Índice

Agradecimentos.....	7
Resumo	9
Abstract.....	11
Introdução	12
Capítulo I -Retrato do crítico enquanto jovem	29
1.1. Entre o traço e o contexto	29
1.2. Antonio Candido em Assis e depois	45
Capítulo 2 -A formação das almas	54
2.1. A composição do curso de TLLC.....	54
2.2. Arquivos e alfarrábios	83
2.3. Contrastes e confrontos	93
Capítulo 3 - Epígonos, Parceiros e Concorrentes	98
3. 1. Os críticos ao redor.....	98
3. 2. As mulheres e as Letras	111
3. 3. Crítica em revistas.....	118
3. 4. Rumo ao interior	124
Capítulo 4 - Literatura e Sociologia	132
4.1. Literatura e Sociologia	132
4.2. Malandragem e família extensa.....	136
4.3. Raça, classe e cortiço.....	145
Conclusão	160
Bibliografia	164

Agradecimentos

Na realização dessa pesquisa, pude contar com o auxílio inestimável de várias pessoas e instituições, sem as quais certamente eu não teria conseguido finalizá-la com segurança e tranquilidade. Eis a oportunidade de agradecê-las.

Em primeiro lugar, gostaria de registrar minha gratidão para com minha orientadora Heloisa Pontes, pelas sucessivas leituras e estímulos constantes desde a versão original do projeto de pesquisa até a redação final da dissertação. Além da capacidade intelectual, reconhecida por todos em nível mais amplo, pude conferir de perto ao longo três últimos anos suas qualidades humanas e morais, bem como sua eficiência, seriedade e dedicação aos orientandos.

Aos professores José Luiz dos Santos, Vanessa Léa, Bela Feldman-Bianco, Rita de Cássia Morelli, Robin Wright, Sueli Koffes e Antonio Arnoni Prado pelos cursos acompanhados e pelas conversas na UNICAMP.

Em minha banca de qualificação, pude contar com os comentários críticos e reparos precisos de Andréa Ciacchi e Luiz Carlos Jackson, fundamentais para que eu pudesse refletir sobre vários pontos que vieram a ser incorporados na fase final da redação do trabalho.

Em seguida, agradeço aos professores Sergio Miceli e Fernanda Peixoto, cujos cursos acompanhados na FFLCH-USP e cuja produção intelectual determinaram os rumos tomados por esse trabalho. Espero que ambos reconheçam no corpo do texto os ensinamentos, conselhos e ponderações transmitidos por eles em sala de aula ou em conversas particulares.

Aos professores Walnice Nogueira Galvão, Sandra Nitrini, Telê Ancona Lopez e Antonio Arnoni Prado por me receberem e disponibilizarem-se a esclarecer dúvidas, indicar referências bibliográficas e relembrar de fatos que eles vivenciaram de perto. O professor Antonio Candido concedeu-me prontamente uma entrevista valiosa, revelando ao longo dessa conversa as propriedades pessoais carismáticas evocadas pelos seus antigos alunos e sobre as quais eu apenas havia lido. No fundo, esse trabalho significou para mim uma forma de compartilhar, ainda que vicariamente, do contexto acadêmico e das discussões intelectuais que nosso maior crítico literário coordenou durante quase duas décadas.

Devo ainda agradecer em particular aos professores Piero de Camargo Leirner e Maria da Glória Bonelli pela confiança, conselhos e auxílios prestados durante a graduação em ciências sociais na UFSCar.

Durante a fase de elaboração dessa dissertação, fui beneficiado pelas leituras e comentários de amigos e colegas de curso da UNICAMP. Agradeço aos colegas da turma de 2004, com especial atenção para Ângelo Augusto da Silva e Hugo Soares, presenças constantes, leitores argutos e companhias agradáveis.

Quero registrar um agradecimento especial a Mariana Françoze, Luiz Gustavo Rossi e Iara Rolim, cujos comentários críticos, sugestões bibliográficas, permanente interesse e gentilezas de toda ordem muito me auxiliaram no momento inicial de aclimação na Unicamp. Além deles, gostaria de agradecer as leituras e sugestões dos demais integrantes do grupo de discussão e leitura coordenado por Heloisa Pontes durante o ano de 2004: Daniela Araújo, Grazielle Rosseto e Sabrina Finamori.

Externo ainda minha gratidão aos amigos da cidade de São Carlos, da UFSCar e da UNESP (Araraquara) que continuaram a acompanhar de perto minhas idéias e empreitadas: Cleber, Léo, Paulo, Maike, René Rojo, Luciana Rudi, Douglas F. de Magalhães e Fábio de Oliveira.

Agradeço muito a minha família - Sergio, Roseli, Rafael, Adriana Tiemi, Camila, Marcelo e Gabriel (recém-chegado) - pela inesgotável paciência, compreensão e generosidade que nunca faltaram ao longo de todos esses anos.

Em seguida, registro uma nota especial para Liliam Ferragini Ramos, minha namorada. Sem seu charme, sugestões, carinho, broncas e boa companhia esse trabalho não teria seguido o rumo que tomou, tal como o seu autor. Devo a ela os melhores momentos nesses últimos seis anos e por tudo isso ela pode se considerar a responsável direta pela conclusão desse trabalho.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (CAPES) pela bolsa de pesquisa que viabilizou o suporte financeiro necessário para a realização dessa dissertação.

Resumo

Este trabalho pretende examinar a trajetória institucional e intelectual de Antonio Candido no período compreendido entre 1961 e 1978, quando ele se torna o principal professor, orientador e responsável do curso de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo (USP). Em particular, proponho descrever em detalhe a estrutura e dinâmica organizacional interna desse núcleo acadêmico, levando em consideração, de um lado, o regimento disciplinar, a estrutura curricular, as características específicas de seu quadro docente, o conteúdo das disciplinas oferecidas e, de outro, as áreas e linhas temáticas de pesquisa desenvolvidas e os mecanismos envolvidos na construção da identidade profissional de seus membros componentes. Em seguida, examino as principais características morfológicas do grupo de discípulos reunidos ao redor de Candido e confronto o perfil particular da área em relação aos outros segmentos, pesquisadores e projetos críticos em disputa no seio do campo acadêmico paulista. Por fim, discuto alguns dos principais ensaios de Candido, procurando caracterizar a procedência teórica que inspira os modelos sociológicos neles subjacentes.

Abstract

This dissertation intends to analyse the institutional and intellectual trajectory of the literary critic Antonio Candido when he becomes, between the years 1961 and 1978, the main teacher, guider and responsible for the area of Teoria Literária e Literatura Comparada into the Universidade de São Paulo (USP). In particular, this work focuses on the academic structure and dynamics of the area, considering, on one hand, the disciplinar regiment, the curricular structure, the specifics characteristics of its docent group, the disciplinar contents and, on the other hand, the research themes and areas and the mechanisms responsible for the build of the professional identity of its members. In sequence, it explores the principal characteristics of the disciple's group around Candido and the relationships of the area with other segments, researchers and critics projects presents into the São Paulo's academic field. Finally, the work discusses Candido's principal papers analyzing the theoretical source that inspires their underlying sociological models.

Introdução

O crítico Antonio Candido desfruta de uma posição singular no interior da crítica literária brasileira contemporânea. Aclamado como o maior expoente dessa área de estudos, autor de inovadora e fecunda obra constantemente reeditada pelas principais editoras do mercado, renomado professor aposentado da área de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, cujos cursos eram acompanhados por um contingente de jovens alunos entusiasmados com o rigor analítico e sensibilidade de sua reflexão, Candido tornou-se ao longo dos anos referência indispensável no exercício da disciplina que o consagrou. É de fato difícil pensar em qualquer outro exemplo de intelectual brasileiro que tenha alcançado igual notoriedade entre os próprios pares profissionais e cuja produção tenha se convertido em fonte de inspiração e referência para tantos pesquisadores de nossa literatura. Para citar apenas um exemplo recente, o caderno cultural *Mais!*, editado pelo jornal *Folha de S.Paulo*, estampou, por ocasião do lançamento de duas coletâneas de textos de Candido no exterior, uma entrevista com o organizador da edição portuguesa, em cuja chamada da capa anunciava: *“Depois de EUA e França, o principal crítico literário do país tem seus artigos publicados em livro na Alemanha e em Portugal e se consolida como uma das principais referências intelectuais do Brasil no 1º Mundo”* (*Folha de S.Paulo*, 15/01/2005 - grifos nossos).

Em entrevista concedida para a revista *Cult*, Candido comenta, entre outras coisas, a respeito das origens dessa acentuada propensão para o campo das letras:

*“Tive vocação crítica precoce e por sugestão de minha mãe adquiri desde os quinze anos este hábito de comentar as leituras em cadernos. Por isso, aos vinte e três pude começar a escrever na revista *Clima* sem nenhuma experiência anterior. Desde cedo gostei de ler os críticos brasileiros e franceses, nos jornais, nas revistas, nos livros de meus pais. Digo isso para sublinhar minha identificação profunda com a atividade que sempre exerci a partir dos vinte e três anos, mesmo quando profissionalmente fazia outra coisa na Universidade. Considero-me, portanto, um crítico nato, mas isso não me impede de considerar a crítica um gênero lateral e dependente”* (Candido, 2004a: 53).

Começamos por destacar alguns aspectos contidos nessa enunciação. Em primeiro lugar, não é difícil avaliar o quanto essa visceral vocação crítica, anunciada desde o início da adolescência quando o futuro crítico preenchia, aconselhado pelos pais, seus cadernos escolares com resumos e comentários sobre os livros então lidos, tenha de fato influído na trajetória posterior de Candido, modelando as escolhas dos investimentos e das modalidades intelectuais desde o começo de suas atividades profissionais. Com efeito, já durante a graduação em ciências sociais, cursada entre 1939 e 1942, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), Candido começou a colaborar assiduamente na seção dedicada à literatura da revista *Clima* e logo em seguida a desempenhar a função de crítico literário titular na grande imprensa paulista entre os anos de 1943 a 1947, se afirmando rapidamente nesse domínio de estudos, como atestam, por exemplo, o juízo analítico apurado de suas avaliações ao reconhecer de imediato o talento e valor literário de autores estreantes como Clarice Lispector, João Cabral de Mello Neto e João Guimarães Rosa ou mesmo o convite, em 1947, de Álvaro Lins - consagrado como o “mestre da crítica” nesse período - para que Candido redigisse o prefácio¹ de seu novo livro, numa demonstração incontestável do “prestígio que ele vinha acumulando no meio literário dessa época” (Pontes, 1998: 57).

Do ponto de vista acadêmico, contudo, como sugere uma rápida referência na citação acima destacada - “mesmo quando profissionalmente fazia outra coisa na Universidade” -, o envolvimento permanente com a crítica literária no meio intelectual e na grande imprensa levou certo tempo para se viabilizar, ocorrendo numa etapa avançada e específica de sua carreira profissional. Embora já tivesse conquistado o título de livre-docente na área de literatura brasileira com trabalho sobre Sílvio Romero², logo após a conclusão da graduação em ciências sociais Candido é admitido como professor-assistente de sociologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, permanecendo neste cargo entre 1942 e 1958. Nesse contexto, apesar do prestígio adquirido na atividade crítica, com a

¹ Este prefácio foi recentemente reimpresso em edição especial consagrada ao autor pela revista *Remate dos Males*. Campinas, Unicamp: 1999.

² A tese *Introdução ao Método Crítico de Sílvio Romero* foi apresentada em concurso para provimento da cadeira de literatura brasileira do curso de Letras da USP em 1945.

publicação de coletâneas de artigos e estudos monográficos na área e ampla inserção no meio editorial, Candido poderia ser considerado como um crítico diletante³ - como grande parte dos praticantes desse gênero de estudos ao longo do período em apreço.

É somente num momento preciso de sua carreira profissional, no final da década de cinquenta, quando Candido desliga-se do corpo docente da FFLC-USP transferindo-se para o *campus* da Faculdade de Filosofia e Letras de Assis, no interior do estado, a fim de lecionar literatura brasileira e, em seguida, retorna à instituição de origem para assumir em 1961 a implementação do curso de Teoria Literária e Literatura Comparada, que ele encontra o suporte institucional necessário para desenvolver trabalhos e pesquisas científicas no campo das letras, envolvendo-se em nível acadêmico com os principais estudos contemporâneos da crítica brasileira. Desse ângulo, algumas indagações são suscitadas: como é que Antonio Candido tornou-se o crítico literário de maior projeção no campo acadêmico paulista, ofuscando o nome de pesquisadores como José Aderaldo Castello ou Antonio Soares Amora, cujas formações e carreiras foram realizadas integralmente no âmbito das letras? Qual a importância da área de Teoria Literária e Literatura Comparada para a crítica literária contemporânea? Por que a obra de Candido tornou-se referência tão importante para disciplinas afins, estabelecendo um intenso diálogo sobretudo com a antropologia e a sociologia? São essas algumas questões que serão averiguadas e discutidas ao longo desse trabalho.

* * *

Este trabalho pretende examinar a trajetória institucional e intelectual de Antonio Candido no período compreendido entre 1961 e 1978, quando ele se torna o principal professor, orientador e responsável do curso de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo (USP). Em particular,

³ Em certo sentido um *outsider*, na concepção de Norbert Elias, pois, apesar de dispor da titulação acadêmica e contar com a publicação de estudos importantes na área, a exemplo dos pesquisadores universitários profissionais, Candido ainda não havia conquistado posições acadêmicas necessárias para respaldar seu projeto crítico. Cf. Elias, Norbert e Scotson, John L. (2000) *Os Estabelecidos e os Outsiders*, Rio de Janeiro, Editora Zahar.

proponho descrever em detalhe a estrutura e dinâmica organizacional interna desse núcleo acadêmico, levando em consideração, de um lado, o regimento disciplinar, a estrutura curricular, as características específicas de seu quadro docente, o conteúdo das disciplinas oferecidas e, de outro, as áreas e linhas temáticas de pesquisa desenvolvidas e os mecanismos envolvidos na construção da identidade profissional de seus membros componentes.

A partir dessa descrição detalhada, registrada numa perspectiva de feito etnográfico, desdobro a análise para o exame das principais características morfológicas do grupo de discípulos reunidos ao redor de Candido, visando a qualificar as diferentes modalidades de inserção e participação deles nas hostes do curso. Confronto, por fim, o perfil particular da área de Teoria Literária e Literatura Comparada em relação aos outros segmentos, pesquisadores e projetos críticos em disputa no seio do campo acadêmico paulista.

É importante ressaltar desde logo que não pretendo realizar uma análise exaustiva da trajetória institucional do departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada (TLLC)⁴, nos moldes, por exemplo, dos artigos de Nitrini (1994; 2004), mas abordar as atividades e iniciativas realizadas por Candido à frente do curso ao longo do período demarcado. Ao enfocar de maneira privilegiada a constituição e formato institucional interno do curso em apreço, pretendo salientar o conjunto de fatores de toda ordem responsáveis pelo processo de constituição de uma certa tradição intelectual acadêmica hegemônica⁵. Estou

⁴ A partir desse momento passo a me referir ao curso de Teoria Literária e Literatura Comparada a partir de suas iniciais (TLLC). É necessário ainda esclarecer que em sua origem o curso de TLLC consistia numa disciplina associada ao Departamento de Lingüística e Línguas Orientais, tornando-se Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada apenas em 1991, portanto já fora dos limites cronológicos desse estudo. No texto, para fins expositivos, vou estabelecer a seguinte distinção de nomenclaturas: “curso” de TLLC no primeiro momento, compreendido entre 1961 e 1965, e “área” de TLLC, a partir de 1966, quando alterações significativas de ordem institucional transformam sua estrutura. De modo geral, quando essa distinção não for relevante, designo esse núcleo acadêmico por área de TLLC.

⁵ O objetivo central desta pesquisa consiste no levantamento sistemático dos diversos componentes institucionais responsáveis pela dinâmica interativa interna do curso de TLLC. Não tenho a pretensão de estender a análise para o exame do campo da crítica literária brasileira abrangente nesse período, seja em função do recorte escolhido, seja pela ausência de materiais bibliográficos relacionados aos demais grupos e “escolas” concorrentes. No entanto, o fato de não fazer referências substantivas aos demais envolvidos no campo não significa que essa dimensão não será tratada ao longo do trabalho. Ao contrário, como se poderá verificar no terceiro capítulo, abordo os principais envolvidos na competição interna do meio acadêmico das letras paulista. Para uma

convencido de que somente por meio do exame conjugado das condições objetivas envolvidas no processo de institucionalização dessa área de estudos com a análise da produção crítica de Candido poderemos esclarecer algumas das razões para a sua posição de relevo ocupada hoje em nossa vida intelectual, em geral, e no campo da crítica literária em particular.

Num período de aproximadamente quinze anos a partir da primeira disciplina, ainda em caráter experimental, sobre Teoria e Análise do Romance⁶, oferecida para a graduação de Letras no segundo semestre de 1961, Candido consolidou sua posição de professor e pesquisador na área de literatura emergindo como a principal referência da crítica literária contemporânea no país. Num momento de reformulação dos cursos de graduação e programas de pós-graduação em todo o país, Candido mobilizou investimentos e recursos necessários em diversas frentes de atuação para dinamizar a montagem de uma infra-estrutura acadêmica bem-sucedida na área de TLLC, ao disponibilizar recursos financeiros para pesquisa (através de bolsas de pesquisa da FAPESP); recrutar e contratar entre os alunos e orientados futuros docentes; remanejar outros tantos para a ocupação de cargos e postos de trabalho em instituições universitárias no interior do estado (sobretudo para a recém-inaugurada Unicamp); gerenciar o espólio intelectual e pessoal de grandes intelectuais e escritores (incorporando tal patrimônio ao meio universitário, bem como supervisionando o seu acesso e consulta); desenvolver e implementar amplos projetos de pesquisa coletiva e, finalmente, sugerir temas de investigação particular para seus estudantes.

Por tudo isso, é surpreendente que tal momento particularmente decisivo para o desdobramento da trajetória profissional de Candido não tenha despertado a atenção de nenhuma pesquisa sistemática. Com efeito, ao realizar uma leitura detida da extensa bibliografia sobre a obra e a atuação de Candido no interior da academia que veio a público nos últimos trinta anos⁷, pude constatar que pouca atenção tem

análise dos principais agentes, recursos assuntos e questões em disputa no interior da crítica literária contemporânea, ver Moura (2004).

⁶ Os principais trabalhos realizados no decorrer desse curso foram reunidos no volume *A Personagem de Ficção* (1987).

⁷ Para um amplo e exaustivo levantamento da bibliografia sobre Antonio Candido encontra em trabalhos acadêmicos, livros e artigos, ver Dantas (2002b). Até o momento, foram editados três

sido conferida às condições acadêmicas envolvidas no processo de implementação da área de TLLC. De modo geral, os comentários disponíveis ficam circunscritos a evocações laudatórias ou ao registro de fatos pitorescos e/ou informativos⁸, passando ao largo da compreensão de algumas questões fundamentais quando se trata de examinar as dimensões institucionais envolvidas nesse processo.

Essa situação começou a ser alterada, em grande parte, com uma série recente de pesquisas que enfatizaram a necessidade de se estudar a produção intelectual e acadêmica não apenas enquanto formulações abstratas ou sistemas conceituais, mas privilegiando um enfoque que permita surpreendê-la “por meio do exame do perfil social político e cultural dos produtores, de suas trajetórias e dos constrangimentos institucionais a que estão expostos” (Pontes, 1999a: 51). Essa perspectiva analítica proporcionou um novo tipo de tratamento reflexivo da bibliografia sobre Antonio Candido, resultando em importantes trabalhos de pesquisa.

Refiro-me, por exemplo, ao alentado estudo de Heloisa Pontes (1998) sobre o grupo de intelectuais e universitários da Faculdade de Filosofia da USP que editaram entre 1941 e 1944 a revista *Clima*, periódico que alcançou grande prestígio no meio cultural paulista. Entre os principais integrantes do grupo destacam-se Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes, Gilda de Mello e Souza (então Rocha de Moraes), Lourival Gomes Machado e Ruy Coelho. O trabalho procura apreender, num registro quase etnográfico, a trajetória desse círculo de intelectuais “a partir da recuperação da experiência cultural, intelectual, política e institucional de seus membros mais importantes” (Pontes, *idem*:14) desde o período da formação acadêmica do grupo até a integração derradeira de seus membros mais importantes nos quadros docentes da USP em meados da década de sessenta.

volumes de homenagem dedicados a Antonio Candido. São eles: Lafer, Celso (org.). *Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979; Dincao, Maria Ângela e Scarabôto, Eloísa Faria (org.). *Dentro do texto, dentro da vida*. São Paulo: Companhia das Letras/ Instituto Moreira Sales, 1992, e Aguiar, Flávio (org.). *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Humanitas/ Ed. Fundação Perseu Abramo, 1999.

⁸ É preciso reconhecer, contudo, que tais depoimentos trazem referências valiosas e sugestivas acerca de certos traços da personalidade de Antonio Candido, bem como dos padrões internos de sociabilidade, dos critérios identitários e do legado acadêmico partilhado pelos membros integrantes da área de TLLC, que serão examinados em minha análise.

Uma segunda referência importante consiste no estudo de Luiz Jackson (2002), que acompanha a trajetória profissional e intelectual de Candido no período em que ele exerceu a função de professor assistente de sociologia na Universidade de São Paulo, durante os anos de 1942 e 1958. Em particular, o autor procura dimensionar a relevância da produção sociológica de Candido - sobretudo seu trabalho mais significativo nesse domínio, a tese de doutorado *Os Parceiros do Rio Bonito* (1954) -, demonstrando a interlocução dessa obra com uma determinada tradição do pensamento social brasileiro e ainda com certas preocupações vinculadas à própria reflexão do autor no âmbito da crítica literária.

* * *

Antes, porém, de prosseguir delimitando o objeto proposto, gostaria de destacar algumas das principais referências bibliográficas que amparam minha abordagem. Em contraste ao que sucede no campo das ciências sociais, objeto de pesquisas voltadas para a discussão do processo de institucionalização acadêmica de suas principais disciplinas componentes⁹, a crítica literária brasileira suscitou apenas alguns poucos ensaios e avaliações críticas das obras de seus principais praticantes¹⁰. Diante disso, apoiei-me na literatura antropológica acadêmica que problematiza o trabalho intelectual dos próprios cientistas sociais e os contextos institucionais nos quais eles estão inseridos como marco referencial comparativo para o estudo do desenvolvimento universitário da vertente crítica ligada a Antonio Candido.

Num artigo famoso, o antropólogo norte-americano Clifford Geertz (2002) sustentava a possibilidade e importância de se investigar a dinâmica interna do meio

⁹ Não posso deixar de mencionar a importância para meu trabalho do amplo projeto de pesquisas sobre o processo de institucionalização das ciências sociais no país, coordenado pelo sociólogo Sergio Miceli (1989; 1995) no Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos (IDESP), cujo objetivo mais amplo procurava “conciliar o tratamento das dimensões institucional e profissional da história dos cientistas e das Ciências Sociais no país ao empenho em dar conta do processo de constituição das disciplinas que são o objeto central da investigação, a saber, Sociologia, Antropologia e Ciência Política” (Miceli, 1989:6).

¹⁰ Como exceção, pode-se citar o artigo de Rachel Esteves Lima “A Crítica Cultural na Universidade”, que analisa a atuação institucional de Silviano Santiago na PUC do Rio de Janeiro. Cf. Lima (1997).

acadêmico e científico a partir de uma apreensão contextualizada de seus integrantes, como condição para se avaliar o “pensamento moderno”. Para Geertz, os discursos produzidos no interior da academia não representariam apenas simples “posições intelectuais vantajosas” mas antes “modos de estar no mundo”, permitindo, dessa forma, que se possa compreendê-los a partir de uma abordagem etnográfica do contexto no qual eles fazem sentido. No entender do autor, os pesquisadores acadêmicos convivem, de um lado, em comunidades tão fechadas e organizadas como em uma aldeia camponesa, relacionando-se entre si através de vínculos intelectuais, sociais, morais, políticos e conjugais. De outro lado, a carreira acadêmica estaria marcada em seu percurso por “ritos de passagens, definições de papéis relativos à idade ou ao gênero, elos entre gerações (pais/filhos, mestres/aprendizes)” (*id.*, *ibid.*,: 236). Com base nesse conjunto de fatores semelhantes, o antropólogo norte-americano sustenta a possibilidade de se transportar os métodos e técnicas de pesquisa disponíveis no estudo das sociedades tradicionais para o interior dos centros acadêmicos, posto que “já que os estudiosos modernos não são nem um pouco mais isolados do que os bosquímanos, é possível que o mesmo se aplique também a eles” (*id.*, *ibid.*:234).

Numa perspectiva explicativa semelhante, Mariza Corrêa aborda a produção intelectual e atuação concreta do médico legal e cientista social maranhense Raimundo Nina Rodrigues e seus principais condiscípulos, no interior do meio acadêmico brasileiro na virada do século XIX. A partir de uma “leitura antropológica”¹¹ do itinerário dos principais membros componentes dessa escola, realizada com o auxílio de documentação histórica e relatos biográficos de seus “informantes”, a autora reivindica a importância de uma abordagem que considere “as pequenas observações, as intrigas de bastidores, as acusações de bruxaria” (Corrêa, 1998: 27), ao enfatizar que “uma observação mesmo superficial da

¹¹ Cabe observar, a propósito, que em *As Ilusões da Liberdade* [1982], cuja elaboração antecedeu de alguns anos o afamado artigo de Geertz, Mariza Corrêa já prenunciava a possibilidade de uma etnografia do mundo acadêmico, ao afirmar que “é necessário tomar os alinhamentos teóricos, as alianças políticas e a atuação institucional de nossos intelectuais como partes de um contexto fora do qual, ou isoladas, elas não fazem sentido” (Corrêa, 1998:31). E no desfecho do estudo, a autora acrescenta que “a proposta metodológica que perpassa este trabalho, quase banal nas análises antropológicas tradicionais, embora poucas vezes utilizada na análise de nossa própria sociedade, pode ser resumida na sugestão de que apenas a informação contextualizada nos diz alguma coisa a respeito de uma situação social que nos interessa compreender” (Corrêa, *idem*: 313).

intrincada rede de alianças (pessoais, políticas, institucionais) vigentes hoje nas ciências sociais em nosso país sugere que são esses pequenos movimentos que desembocam afinal nas grandes configurações do saber e políticas (id., ibid.)¹².

Outro referencial teórico pertinente para o encaminhamento de minha análise deriva dos trabalhos do sociólogo alemão Norbert Elias, particularmente o modelo analítico apresentado em *A Sociedade de Corte* (2001)¹³. Nesse seminal estudo monográfico, Elias procura caracterizar a composição e a dinâmica social interativa das sociedades de corte europeias do século XVIII, em particular da vertente francesa durante o reinado de Luís XIV, por intermédio da apreensão detalhada da ambiência e dos constrangimentos internos que envolvem as condutas de seus membros componentes, com o propósito de demonstrar os princípios vigentes de interdependências derivados desse emaranhado de relações. Nesse espaço de sociabilidade, segundo o autor, "cada indivíduo é tributário de uma multiplicidade de indivíduos interdependentes. É no interior dessa malha de interdependências, na qual o homem se insere desde o seu nascimento, que se desenvolve e afirma - com graus e segundo modelos variados - sua autonomia relativa" (Elias, 2001: 151).

Aplicado ao meu trabalho, essa sugestão metodológica implica uma abordagem escorada num movimento analítico intercalado, ora enfocando a atuação institucional de Candido, ora averiguando a sua repercussão na trajetória dos diversos membros integrantes da área, na tentativa de recompor o arcabouço organizacional do curso em vias de constituição. Dessa forma, minha análise não ficará restrita ao itinerário de Antonio Candido, mas irá estender-se ao papel desempenhado e a contribuição específica dos principais pesquisadores

¹² Recentemente, a mesma pesquisadora publicou o livro *Antropólogas e Antropologia* (2003), no qual reconstitui a trajetória e a atuação de algumas antropólogas pioneiras da história dessa disciplina no país, focalizando os constrangimentos institucionais e o balanço das relações de gênero no meio social e acadêmico em que elas estavam inseridas. O título do volume remete, obviamente, ao conhecido trabalho de Adam Kuper (1978), outra contribuição importante para minha proposta investigativa. Neste estudo, o antropólogo sul-africano propõe-se a escrever a história da Antropologia Social Britânica, recuperando as características pessoais de seus principais fundadores, os aspectos institucionais e departamentais e, finalmente, as escolas concorrentes envolvidas no desenvolvimento e conformação dessa tradição intelectual particular.

¹³ Para uma análise da contribuição de Norbert Elias para a antropologia e para o equacionamento de certos dilemas das ciências sociais, ver *Dossiê: Norbert Elias* (1999), especialmente o artigo de Pontes (1999b).

diretamente envolvidos no processo coletivo de consolidação dessa empreitada acadêmica no campo da crítica¹⁴.

* * *

Examinando com maior rigor certas características institucionais da área de estudos em apreço, fui aos poucos me dando conta que seu formato e estilo organizacional como que assegurava uma forte integração institucional e intelectual em torno de seus membros participantes. Desse ponto de vista, bastava folhear as obras de Roberto Schwarz, Davi Arrigucci Jr., Walnice Nogueira Galvão, Lígia Chiappini de Moraes Leite, João Luiz Lafetá¹⁵, entre tantos outros, para encontrar alguma menção à profunda influência e o envolvimento marcante de Candido na moldagem da trajetória formativa e no trabalho de pesquisa acadêmico desse grupo. Essa afirmação pode ser constatada pela leitura dos depoimentos disponíveis, os quais revelam uma maior incidência de menções à influência decisiva da intervenção de Candido do que propriamente ao papel desempenhado pelo curso de TLLC na socialização acadêmica de seus integrantes: “Ser aluno de Antonio Candido”, como assinala a evocação poética e significativa do título de um

¹⁴ Devo ainda assinalar a presença dos principais conceitos-chave extraídos das obras do sociólogo Pierre Bourdieu como outra referência importante para o desenvolvimento dessa dissertação. Nessa direção, utilizo o termo campo intelectual no sentido empregado pelo autor, isto é, um espaço social em que autores, grupos e instituições afins encontram-se envolvidos por relações de concorrência e disputa estabelecidas entre si. Ao longo de extensa obra, Bourdieu procurou enfatizar o impacto e a abrangência das determinações estruturais dos campos nas condutas, tomadas de posição e tipos de investimentos de seus integrantes, ao enredá-los num sistema de disposições práticas incorporadas – *habitus* – que estruturam as orientações cognitivas, morais e psíquicas necessárias para a atuação em seu interior. Entre os vários textos desse autor, pode-se, por exemplo, citar: “A gênese dos conceitos de *habitus* e campo” (1989); *As regras da arte* (1996); “Por uma ciência das obras” (1997).

¹⁵ Estou citando apenas os nomes dos pesquisadores mais próximos do autor. Não se trata, contudo, de um apanhado arbitrário, de vez que o próprio Candido assinalou, em diferentes ocasiões, o estreito convívio e as afinidades comuns entre eles. Numa entrevista estampada recentemente, ele discrimina: “O João [Alexandre Barbosa] já veio formado, não possa me gabar de tê-lo influenciado ou tido como aluno, como foi o caso de Walnice [Nogueira Galvão], Roberto Schwarz, Davi Arrigucci [Jr.], Teresa [Pires] Vara, João [Luiz] Lafetá, Lígia Chiappini [Moraes Leite], para mencionar apenas os que foram também meus colaboradores no curso de Teoria Literária e Literatura Comparada. Eles e outros são críticos de primeira ordem e foi para mim uma sorte extraordinária tê-los como estudantes, orientados e colegas” (Candido, 2002b:30).

artigo de outra discípula, Telê Ancona Lopez¹⁶. Com Candido, esse grupo de discípulos aprendeu a desconfiar ¹⁷dos textos literários, incutindo-lhes “o entusiasmo ante o bom e o descartar do ‘Não presta’, ‘Não vale a pena’, quando se desnuda a matriz sem recriação, a verossimilhança fajuta, o modismo, o experimentalismo frio, companheiro da comoção barata, distantes das verdades viscerais e humanas, semente inegável da arte” (Lopez, 1992: 41).

Em diversas ocasiões são feitas referências ao inestimável débito e ao papel decisivo dessa prolongada experiência de treinamento universitário e do convívio pessoal com Candido nos rumos da trajetória de seus membros componentes. Assim, Davi Arrigucci Jr. reconhece que seu estudo de livre-docência, mesmo sendo redigido e apresentado num período bastante posterior de sua trajetória intelectual, poderia ser convenientemente considerado como um “trabalho de aproveitamento que não pude entregar na hora certa para o Prof. Antonio Candido, em 1963, quando fiz o curso de Teoria Literária sobre o “Estudo analítico do poema, baseado na obra de Bandeira. (Arrigucci Jr, 1990:11). Da mesma forma, Walnice Nogueira Galvão declara sua dívida para com Candido no prefácio de sua tese de doutoramento, *As formas do falso* (1972), ao registrar que: “Agradecimento especial devo a Antonio Candido, de quem fui aluna e depois assistente, e que é, para mim, para sempre, mestre e chefe” (Galvão, 1971: 14). Roberto Schwarz, por seu lado, dedica sua coletânea de ensaios, *O Pai de Família* (1978), com o enigmático e jocoso “mestre Açú-Acê”, aludindo às iniciais de Candido.

Nesses termos, a vivência intelectual na área constitui uma espécie de legado acadêmico, fornecendo uma identidade profissional particulariza os seus integrantes. De acordo com Lopez: “Um laço indelével que amplia, por exemplo, o aplaudir de um ensaio do Roberto, do Davi, da Walnice, da Adélia, da Vera ou da Marisa. Amplia porque inclui um sentimento macio, de estar perto do autor, uma

¹⁶ Nas palavras de Bourdieu: “acumular capital e fazer um ‘nome’, um nome próprio, um nome conhecido e reconhecido, marca que distingue imediatamente seu portador, arrancando-o como forma visível do fundo indiferenciado, despercebido, obscuro, no qual se perde o homem comum” (Bourdieu, 1994:132). Para uma discussão acerca do significado e importância das categorias de nome próprio, gênero e corpo no cenário artístico e cultural brasileiro, ver Pontes (2004).

¹⁷ Referência ao título metafórico da coletânea de ensaios *A Sereia e o Desconfiado*. (1981), de autoria de Roberto Schwarz.

pretensão de conhecê-lo mais e, assim, tocar a beleza revelada. *T'aí: é gente de Antonio Candido, um pouco minha também*” (Lopez, 1992: 42 - grifos nossos).

Entretanto, uma análise comparada da composição social, acadêmica e profissional dos principais membros integrantes da área de TLLC revela a presença de diferentes formas de inserção e influência no interior do grupo. A despeito das várias características comuns, em particular no que se refere à origem social e à formação escolar, pode-se notar na divisão do trabalho acadêmico da área uma nítida divisão hierárquica resultante do impacto das inflexões de gênero intrapares e, em parte daí decorrente, das pretensões e investimentos acadêmicos dos seus componentes. Embora a presença feminina compareça em maior número no conjunto das pesquisas orientadas e na constituição do quadro docente, as mulheres alcançam em geral uma posição subalterna ou intermediária em relação ao prestígio amealhado pelos homens e ao desempenho de áreas e modalidades específicas de pesquisas.

* * *

Ao lado das circunstâncias institucionais envolvidas no processo de implantação da área de estudos sob sua direção, pretendo explorar, como já anunciado, parte da produção crítica de Candido desenvolvida no decorrer desse período específico. Com efeito, a parcela mais significativa de sua produção crítica é elaborada - ou publicada¹⁸ - ao longo desse decênio e meio, incluindo aí seus trabalhos de maior envergadura¹⁹.

¹⁸ Como assinalou recentemente Waizbort, a tese *O Método Crítico de Sílvio Romero* - com a qual Candido obteve sua livre-docência em literatura brasileira -, antes impressa em edição reduzida, foi somente “publicada em 1963, como o primeiro Boletim de Teoria Literária e Literatura Comparada [...]” (idem, 2002: 183).

¹⁹ É importante lembrar que até aquele momento Candido havia publicado *Brigada Ligeira* (1945), *Ficção e Confissão* (1956), *O Observador Literário* (1959) e a *Formação da Literatura Brasileira* (1959). Com exceção do último, clássico da historiografia literária brasileira, os demais volumes são coletâneas de artigos publicados pelo autor na grande imprensa. Em contrapartida, com o avanço da consolidação da área de TLLC, são lançados *Tese e Antítese* (1964), *Literatura e Sociedade* (1965) e *Vários Escritos* (1970), bem como alguns dos principais ensaios isolados do autor: “Literatura de Dois Gumes” (1968), “Literatura e Subdesenvolvimento (1968), “Dialética da Malandragem” (1970), “O Mundo Provérbio”, por exemplo.

Em termos da trajetória crítica de Candido, esse momento corresponderia a uma terceira fase, cuja principal preocupação teórica estaria voltada para o exame da estruturação da obra literária, isto é, pelo “processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo” (Candido, 1993: 9).

No conjunto de ensaios publicados por Candido no período, pretendo explorar em particular a seguinte questão: qual é a procedência teórica que inspira os modelos sociológicos subjacentes envolvidos nas leituras do crítico? Nesses termos, almejo caracterizar as linhas gerais da “realidade do mundo” que sustentam as formulações de Candido em seus principais ensaios isolados.

Enquanto a recepção crítica disponível da produção intelectual de Candido acaba de modo geral apreendendo-a a partir de um acento analítico filiado à história das idéias, cuja principal ambição heurística consiste em explorar as articulações lógicas e argumentativas internas de uma dada obra ou um conjunto de trabalhos²⁰, procurei ao contrário encará-la a partir da interlocução com outras áreas de conhecimento, na intersecção entre a crítica literária e as ciências sociais no intuito de compreender os ensaios mencionados “pela referência a dois espaços sociais aos quais correspondem dois espaços mentais” (Bourdieu, 1989: 13)²¹.

* * *

Dadas as características particulares do meu objeto, lancei mão de diferentes técnicas de pesquisa e diversos tipos de fontes bibliográficas para a realização de

²⁰ É o caso, por exemplo, da pesquisa de doutorado de Célia Pedrosa (1994), que examina alguns dos achados analíticos (conceitos, formulações, imagens) centrais da produção crítica do autor através de sua “*organização discursiva, que os articula em um movimento digressivo e metafórico onde se entrelaçam o literário e o crítico, o expressivo e o expositivo, o ideológico e o científico*” (Pedrosa, 1994: 35). Na mesma direção, embora com maior profundidade e abrangência, recomendaria uma consulta aos trabalhos de Schwarz (1997,1999) e Arantes (1992), que no momento apenas indico pois eles serão posteriormente objetos de reflexão mais detida.

²¹ Nesse ponto, apóio minha reflexão no precioso estudo de Bourdieu sobre *A Ontologia Política de Heidegger* (1989). À primeira vista, o assunto pode afastar os leitores leigos no intrincado arcabouço filosófico do alemão Martin Heidegger. No entanto, do ponto de vista metodológico, o estudo ilustra com vigor os ganhos de uma leitura interna preocupada em deslindar o intercâmbio de uma obra com o campo intelectual em que ela está inserida.

minha análise. De um lado, pude contar com um conjunto numeroso de depoimentos, artigos e informações dispersas de ex-participantes do curso. De outro, foi possível localizar nos volumes de homenagens já citados, em entrevistas a revistas culturais, e ainda em periódicos e artigos sugestivas pistas sobre o processo de implementação.

Além disso, boa parte da produção científica elaborada pelos orientandos de Candido foi publicada por editoras comerciais, tornando-se com isso uma importante via de acesso para a compreensão da singularidade da crítica literária concebida nesse reduto. Como assinala Corrêa, na etnografia das comunidades científicas ganham destaque “a análise institucional e a análise de textos produzidos no contexto da criação de instituições. Documentos públicos, a instituição e o texto ali produzido, podem ser lidos e interpretados também publicamente”. (Corrêa, 1995: 30). Por fim, artigos, ensaios e prefácios produzidos por Candido, apresentam indicações importantes de aspectos reveladores da rotina e acontecimentos acadêmicos ocorridos no interior do curso.

Complementarmente à pesquisa bibliográfica, pude entrevistar alguns dos principais membros da equipe responsável pela criação e manutenção do curso: Antonio Candido, Walnice Nogueira Galvão, Telê Ancona Lopez e Sandra Nitrini, cujas informações e solicitude foram fundamentais para esclarecer as lacunas e apontar pistas pertinentes para a consecução de minha pesquisa.

Em relação às entrevistas realizadas, foi necessário localizar informantes privilegiados, testar hipóteses de trabalho e recuperar informações que seriam cotejadas com o material bibliográfico reunido no intuito de conseguir compreender os padrões institucionais e intelectuais vigentes no curso. Nesse sentido, vale a pena destacar instigante artigo de Olívia Gomes da Cunha (2004) que defende a legitimidade da pesquisa científica em arquivos públicos e coleções pessoais como “*campo* etnográfico” para a reflexão antropológica.

No entender da autora, “a identificação da pesquisa em arquivos com as práticas antropológicas, entre elas a pesquisa de campo e a produção de etnografias, permanece sendo alvo de tensão”, na medida em que “descrever e interpretar a partir de informações contidas em documentos caracterizaria uma atividade periférica, complementar e distinta da pesquisa de campo e suas modalidades

narrativas” (Cunha, 2004: 27). Em conseqüência, a pesquisa em arquivos apareceria “como antítese da pesquisa de campo, e sua transformação em etnografia” seria “vista com ceticismo”. Não obstante, Cunha observa que os antropólogos “têm pretendido bem mais do que ouvir e analisar as interpretações produzidas pelas sujeitos e grupos que estudam, mas entender os contextos - social e simbólico - da sua produção” (id., ibid: 27). Nesse sentido, se em lugar de concebê-las como mero suporte material que documenta definições correntes sobre o objeto as condições de produção das fontes pesquisadas forem incorporadas também como objeto de análise, os “arquivos etnográficos, tradicionalmente reconhecidos como repositórios de informações sobre os ‘outros’, passam a ser reconhecidos como lugares onde o processo de construção de sua objetivação pode ser compreendido”(id., ibid.: 27).

* * *

No primeiro capítulo da dissertação, procedo a uma breve revisão de alguns episódios formativos relevantes de ordem acadêmica, intelectual e pessoal que marcaram o período inicial da trajetória profissional de Antonio Candido. Em seguida, investigo a sua importante, embora pouco comentada, passagem como professor de literatura brasileira pela Faculdade de Filosofia e Letras de Assis, entre 1958 e 1960, com o propósito de compreender determinadas características de sua atuação posterior como coordenador do curso de TLLC.

O segundo capítulo, voltado para a descrição da estrutura e funcionamento do curso de TLLC, aborda os principais aspectos envolvidos em sua constituição, rastreando a rotina acadêmica que envolvia seus integrantes. Apresento as disciplinas oferecidas, os conteúdos lecionados, o perfil singular do quadro docente, os principais núcleos temáticos de pesquisa fornecendo uma descrição minuciosa que permita a compreensão do contexto geral do curso. Em seguida, confronto as trajetórias profissionais de Antonio Candido e Florestan Fernandes no intuito de esclarecer o modelo de atuação profissional e o perfil dos investimentos acadêmicos realizados por Candido à frente do curso.

No terceiro capítulo, procuro discutir três aspectos correlacionados: a) a dinâmica interativa da área de TLLC em relação aos demais grupos e projetos

críticos concorrentes no campo universitário paulista; b) as principais características da composição do grupo de discípulos ao redor de Candido, espreitadas pelo ângulo da questão de gênero; c) o perfil doutrinário e o papel desempenhado pelas revistas culturais editadas pelos integrantes da área. Encerro essa parte com a descrição dos aspectos envolvidos na criação do departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos Lingüísticos (IEL) na UNICAMP, realizada sob a coordenação de Candido.

Por fim, o quarto capítulo é dedicado ao exame dos ensaios “Dialética da malandragem” (1970) e “De cortiço em cortiço” (1996). Em relação ao primeiro, aproximo-o do artigo “The Brazilian Family” (1951), de autoria de Candido, com o objetivo de demonstrar a convergência de um modelo abrangente a respeito da formação histórica brasileira, na medida em que ambos ressaltam a influência e extensão do núcleo familiar na ancoragem da dinâmica societária do país durante o período colonial. Quanto ao segundo, busco cotejá-lo com as principais formulações da chamada “escola paulista de sociologia” a respeito da dinâmica social das relações raciais brasileiras - sobretudo a partir da comparação com as publicações do sociólogo Florestan Fernandes.

Capítulo I

Retrato do crítico enquanto jovem

1.1. - Entre o traço e o contexto

Antonio Candido de Mello e Souza nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em julho de 1918. Proveniente de uma família abastada, com ligações profissionais no ramo da medicina, passou a infância e juventude entre as cidades mineiras de Santa Rita de Cássia e Poços de Caldas, entremeada por influente viagem e estada

durante um ano no exterior, nas quais sobrepõem a importância decisiva do núcleo familiar na sua formação intelectual algo desordenada mas muito produtiva²².

Aos dezenove anos, Candido decide mudar-se para São Paulo a fim de concluir o ensino secundário e ingressar na universidade. Após prestar vestibular e ser reprovado para a Faculdade de Medicina, ele resolve cursar ciências sociais na Universidade de São Paulo (USP), formando-se entre os jovens das primeiras turmas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras entre 1939 e 1941. Ao mesmo tempo, estudou direito na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, abandonando-a antes de bacharelar-se. Nessas opções podemos constatar tanto os padrões gerais de escolhas profissionais das elites do país, quanto o contexto intelectual mais amplo de interesse renovado pelo Brasil presente na década de trinta. Se a aposta na carreira jurídica correspondia aos tradicionais passos trilhados pelas famílias abastadas, o interesse pela área de ciências sociais estava afinado com o “movimento intelectual de ‘redescoberta’ do país que marcou o decênio de 30, tanto no plano dos estudos sociais como no da produção literária”, surgindo a escolha do curso por Candido como “a alternativa mais adequada ao clima da época” (Pontes, 1998: 170).

No contexto de criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1934) da Universidade de São Paulo (USP), encontra-se presente o “interesse renovado pelo Brasil que se expressou nos mais variados setores da vida cultural do país: na instrução pública, nas reformas do ensino primário e secundário, na produção artística e literária, nos meios de difusão cultural e, sobretudo, na ênfase posta no conhecimento do país” (Pontes, *idem*: 89). De outro lado, as análises a respeito do projeto de criação da USP ressaltam a presença de interesses de grupos importantes da elite paulista, desejosos em recuperar no plano intelectual e científico a perda de prestígio político em nível nacional.

Para minha argumentação, basta considerar que a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras propiciou uma renovação nos padrões do meio intelectual da capital paulista, ao romper com o modelo intelectual anterior, no qual imperava a figura do bacharel, além de consolidar “a vivência de uma

²² Para uma análise aprofundada das influências formativas na juventude de Candido, ver Jackson (2002); Pontes (1998) e Peirano (1991).

ambiência acadêmica, enfim, o estilo de pensamento próprio à instituição” (Arruda, 1994: 316)²³. Para os cargos docentes, foram contratos, por intermédio das missões francesas²⁴, professores estrangeiros - em sua maioria franceses e italianos - para preencher as vagas das principais cadeiras constantes do quadro curricular dos cursos oferecidos.

Do ponto de vista formativo, os principais mestres destacados por Antonio Candido nesse período são os docentes franceses Jean Maügué e Roger Bastide. Maügué chegou ao Brasil em 1935, para lecionar disciplinas na área de filosofia; Bastide veio três anos depois, incumbindo-se dos cursos de sociologia.

A respeito de Maügué, Candido assinala, de um lado, sua extraordinária capacidade docente em detrimento do legado de sua obra. Na opinião de Candido o professor de filosofia era “um gênio didático, um expositor expressivo e penetrante, tinha uma inteligência original, pronta e luminosa, completada pela imaginação fora do comum e o mais incrível senso de auditório” (Pontes, 1998:15). De outro lado, Maügué defendia uma concepção de abordagem filosófica interessada “sobretudo como reflexão sobre o cotidiano, os sentimentos, a política, a arte, a literatura. O nosso grupo incorporou profundamente este ponto de vista, que explica porque, sendo nós todos formados em filosofia e ciências sociais, acabamos, quase todos, críticos” (Candido, 1992:147).

Roger Bastide, por sua vez, definia-se como um sociólogo preocupado com assuntos diversos, abrangendo desde temas filiados à sociologia das religiões até questões de ordem estética e psicológica²⁵. Ao contrário de outros pesquisadores egressos com a missão francesa, Bastide permaneceu no país durante dezesseis anos, pesquisando e participando do cenário intelectual paulista. Afora os encontros e conversas nos corredores da faculdade, os cursos oferecidos por Bastide foram bastante proveitosos para a formação acadêmica de Candido. Em 1940, o sociólogo francês oferece o curso sobre sociologia da arte, cujo conteúdo discutido

²³ Sobre o contexto de criação da FFCL-USP ver: Miceli (1989); Limongi (1989); Arruda (1989; 2001; 2003); Pontes, Heloisa (1998); Corrêa (1995); Massi (1989).

²⁴ Sobre as principais características sociais e intelectuais dos integrantes das missões francesas ver, em particular, Massi (1989).

²⁵ Para uma análise da trajetória acadêmica, das preocupações intelectuais e da inserção e influência de Bastide no meio intelectual brasileiro ver Peixoto (2000) e Queiroz (1983).

em aula pode ser vislumbrado nos artigos do volume *Arte e Sociedade* (1945). No mesmo ano, surge o importante curso sobre o barroco brasileiro. Em 1943, por sugestão de Candido, Bastide oferece para os alunos do terceiro ano um curso voltado para o estudo da sociologia dos mitos. Uma curta declaração de Antonio Candido é suficiente para aferir a importância de Bastide em sua formação intelectual: “Eu, pessoalmente, lhe devo muito e às vezes me surpreendo, relendo a anos de distância algum escrito dele, ao verificar até que ponto certas idéias que julgava minhas são na verdade não apenas devidas à sua influência, mas já expressamente formuladas por ele” (Candido, 1993b:100). Na opinião de Maria Lúcia Braga, a trajetória de Candido não pode ser compreendida sem referência a Bastide, seja por este encarnar o exemplo de uma reflexão ausente de especializações, seja em razão da influência de sua “linha de interpretação”, “baseada no tratamento objetivo dos fenômenos artísticos à procura de determinantes sociais e ao mesmo tempo da influência da arte sobre a sociedade” (Braga, 2000:342)

Essas observações permitem constatar que, a despeito da sólida formação científica adquirida no interior da instituição universitária, os professores citados “procuravam formar mais ‘homens de cultura’, com interesses diversificados, do que propriamente profissionais e especialistas” (Peirano, 1991:27). Nesse contexto, “a figura do intelectual amador está distante no horizonte, ainda que o profissional, no significado inteiro do termo, não seja uma realidade completa” (Arruda, 1995:131).

Durante as aulas ministradas por Maügué, freqüentadas por inscritos na disciplina, curiosos e ex-alunos que não “conseguiram se desprender de seu fascínio”, Candido fortalece o contato com um conjunto de jovens estudantes - entre eles, Décio de Almeida Prado, Gilda Rocha, Ruy Coelho, Paulo Emílio Salles Gomes, Lourival Gomes Machado - que viriam a formar o célebre Grupo *Clima*. Ao investigar os laços de amizade que constituíram o grupo, Heloisa Pontes assinala como relevantes o convívio estreito no interior da faculdade, a origem social semelhante e o conjunto de referências intelectuais comuns compartilhadas entre seus integrantes.

Desse fecundo encontro, que se prolongaria para alguns a vida toda, surge a idéia da confecção de uma revista cultural voltada para a discussão das artes em geral: literatura, música, cinema, teatro e artes plásticas. Editada mensalmente entre 1941 e 1944 (com interrupções, sobretudo entre abril de 1943 e novembro de 1944), a revista *Clima*, em seus dezesseis números, foi emblemática do período de transição pela qual passava a vida intelectual paulista do período, se considerarmos, de um lado, o padrão do formato expressivo das análises apresentadas pelo periódico, assentado em “conhecimentos sistemáticos, hipóteses bem fundamentadas, ferramentas conceituais sólidas” (Pontes, *idem*: 216), em contraste com as demais modalidades vigentes do ensaísmo brasileiro e, de outro, a ênfase na especialização dos autores em áreas de conhecimento específicos, diferenciando-se da atitude polivalente típica dos produtores intelectuais do período. Na visão de Pontes, os integrantes de *Clima* demarcaram sua posição no meio intelectual da época situando-se “entre os literatos, os modernistas, os jornalistas polígrafos e os cientistas sociais”, construindo “seu espaço de atuação por meio da crítica, exercida em moldes ensaísticos mas pautada por preocupações e critérios acadêmicos de avaliação” (*id.*, *ibid.*:14)

Antonio Candido atuou como colaborador destacado da revista, responsável pela seção de crítica literária. Aí ele escreve os primeiros artigos na área que o consagraria, alcançando de imediato o reconhecimento público no meio intelectual paulista. Ainda de acordo com Pontes, a “revista *Clima* ocupa um lugar muito preciso na trajetória de seus editores e colaboradores mais próximos. Por meio desse experimento cultural de juventude, com forte conotação de marco inaugural, conseguiram um tríplice feito: fixaram os contornos da plataforma intelectual e política da geração e, em particular, do grupo de que faziam parte; lançaram as bases para a construção de uma dicção autoral própria; viabilizaram o início de suas carreiras como críticos profissionais” (*id.*, *ibid.*:112).

De fato, com o destaque obtido ao participar da revista *Clima*, Candido habilitou-se a prosseguir nesse ramo de atividade profissional com a inserção na grande imprensa paulista. Entre 1943 e 1947, ao lado das atividades docentes como professor-assistente da cadeira de sociologia II, Candido ocupou o cargo de crítico literário titular dos respectivos jornais: *Folha da Manhã* (7 de janeiro de 1943 a 21

de janeiro de 1945) e, em seguida, *Diário de São Paulo* (20 de setembro de 1945 a 27 de fevereiro de 1947)²⁶.

Nas primeiras críticas publicadas na *Folha da Manhã*, ficam visíveis os parâmetros e critérios valorativos derivados das ciências sociais na apreciação das obras literárias. No artigo “Ouverture”, por exemplo, Candido postula como “a tarefa do crítico será porventura mais de integrar a significação de uma obra no seu momento cultural do que, tomando-a como um pretexto, procurar tirar dela uma série de variações pessoais”. Afastando-se do impressionismo crítico, apesar de reconhecer a importância da intuição pessoal como “prolegômeno de toda atividade crítica”, Candido defende como foco analítico a “significação geral da obra - entendendo por tal coisa o sistema de relações que a prendem ao seu momento e a posição dele, leitor, ante ambos” (Candido, 2002: 25-26). Note-se pois a ênfase no condicionamento histórico-social amparando as ponderações dessa crítica “funcionalista”, preocupação que viria a ser contrabalançada com a redação, em 1945, do estudo “O método crítico de Sílvia Romero”.

Após dois anos de atividade crítica ininterrupta na imprensa paulista, Candido elabora extensa e precursora monografia sobre os pressupostos analíticos embutidos na obra do crítico literário sergipano Sílvia Romero (1851-1914), com o objetivo de concorrer ao cargo de professor de literatura brasileira em concurso. Em 1944, foi aberto concurso público para provimento da cadeira de Literatura Brasileira do curso de Letras da USP. De acordo com a legislação em vigor, poderiam se candidatar à vaga todos os portadores de diploma de ensino superior em qualquer área de especialidade, preenchendo-se os seguintes requisitos: apresentar um trabalho acadêmico original; “prova de títulos; prova escrita com ponto sorteado na hora; aula com ponto sorteado 24 horas antes” (Galvão, 1999: 180). Animado pela possibilidade de conquistar as credenciais necessárias para uma possível transferência para o campo das letras, Candido inscreve-se, após

²⁶ Uma pequena parte desses artigos foi reproduzida na revista *Literatura e Sociedade*, São Paulo, USP, nº 5 e 6. Outros tantos foram republicados em *Textos de Intervenção* (2002). Para a realização de minha análise, utilizarei como parâmetro os artigos contidos nessas publicações.

alguma hesitação, com um estudo que permitia conciliar as duas frentes de atuação em que atuava²⁷.

Redigido entre junho de 1944 e fevereiro de 1945, “O método crítico de Sílvio Romero”²⁸ averigua os fundamentos críticos norteadores do conjunto da obra de Romero. Ao longo dos quatro primeiros capítulos, Candido acompanha a “marcha das idéias”, “a evolução do pensamento de Sílvio Romero no tocante à crítica literária”, salientando os critérios mobilizados pelo crítico em suas apreciações: as noções de raça, as condições histórico-sociais, a teoria da mestiçagem (baseada na convicção de que a mestiçagem no plano racial responderia pela peculiaridade da literatura brasileira, colocada “entre a realidade duma tradição européia que já não é mais nossa, e a fermentação dum processo de fusão racial e cultural, ainda em pleno *fieri*”) e a teoria da representatividade do autor (o mérito e relevância dos produtores literários seria aferido segundo a contribuição trazida no sentido da diferenciação nacional). Segundo Candido, ao contrário da crítica literária romântica precedente, cujo juízo crítico derivava da obediência das obras literárias ao repertório de regras veiculado pelos manuais de retórica e poética, Romero propunha redefinir a atividade crítica exercida no país com base nos modelos científicos “dos mestres europeus” (sobretudo Taine e Buckle) de sua época, acentuando o impacto do meio físico, da mestiçagem e dos fatores sociais na conformação da literatura brasileira.

De acordo com meus objetivos, interessa registrar as considerações levantadas no capítulo “O problema crítico em Sílvio Romero”, no qual Candido discute e busca superar os impasses metodológicos da postura crítica adotada pelo intelectual sergipano. Para Candido, a despeito da inegável contribuição de Romero

²⁷ Ao final da disputa, com o empate entre Candido e Mário Pereira de Souza Lima, a vaga foi decidida em favor do segundo candidato, então regente interino da cadeira, o que resultou em protestos e controvérsias junto a pessoas próximas do jovem crítico; ainda assim, mesmo com a derrota, Candido conquista a titulação de livre-docente em literatura brasileira, “o que muito lhe valeu quando, anos e anos mais tarde, pôde passar para a literatura na Faculdade de Assis, o que ficaria inviabilizado para o portador de um título em ciências sociais” (Galvão, 1999:181).

²⁸ No artigo “Mário e o concurso”, Candido aborda as dificuldades na escolha do assunto, as sugestões de Mário de Andrade e a polêmica gerada com a decisão do concurso. Cf. Candido, Antonio. “Mário e o concurso” in *Recortes*. Companhia das Letras, 1993.

ao ressaltar os aspectos sócio-culturais²⁹ envolvidos na criação literária, o excessivo acento determinista das análises acabou por prejudicar suas apreciações estéticas. No entender de Candido, nas “relações entre a literatura e os fatos sociais, devemos nos lembrar sempre de que estes devem nos servir para esclarecer a natureza daquela, e não ela para elucidá-los. O crítico deve comportar-se como crítico e jamais como sociólogo. Foi o que nem sempre fez Sílvio, devido a um conceito falho das relações entre literatura e sociologia ou história. Na sua concepção de crítica sociológica, acentuou indevidamente o segundo termo, esquecendo-se de que se tratava de *crítica literária* sociológica” (Candido, 1988: 106). Ao privilegiar a cadeia de fatores externos condicionantes, Romero descuro de perceber a “especificidade do fenômeno estético”.

Em contrapartida, Candido defende que “haja o que houver e seja como for, em literatura a importância maior deve caber à obra. A literatura é um conjunto de obras, não de fatores, nem de autores” (Candido, 1988: 103). Se o exame da “infra-estrutura física, biológica, psicológica” na análise dos fenômenos sociais mostra que “estes *condicionam*, mas não *determinam* e, sobretudo, não *explicam* o fato social, com muito mais razão não explicam o fenômeno literário, de natureza diversa. Para chegar a este, a crítica deverá ser *literária*” (id., *ibid.*: 102). Nessa direção, Candido refuta na análise literária os exageros dos preceitos científicos empunhados por Romero, que, no século XIX, significavam, em síntese, a aplicação “ao seu estudo os métodos de outras ciências”; em consequência, afirma: “só podemos conceber como científica a crítica que se esforça por adotar um método literário científico, um método específico, baseado nos seus recursos internos. Estabelecimento de fontes, de textos, de influências; pesquisas de obras auxiliares, análise interna e externa, estudo da repercussão; análise das constantes formais, das analogias, do rimo da criação: esta seria a crítica científica, a ciência da literatura” (id., *ibid.*: 110).

²⁹ Na opinião de Candido: “Sociólogo demais para ser chamado naturalista, excessivamente naturalista para sociólogo, talvez fosse melhor, de um ponto de vista moderno, chamar de cultural à sua crítica, como faz Antonio Soares Amora” (Candido, 1988: 100). Páginas adiante, Candido declara: “refletindo detidamente sobre a sua obra, parece-nos que ela pode ser definida como uma crítica étnico-sociológica, em que a importância final fosse atribuída de preferência ao aspecto social” (id., *ibid.*: 105).

Como se pode notar, o trabalho sobre Sílvia Romero pode ser considerado com um “divisor de águas” na trajetória de Candido, ao mostrar a “fragilidade da crítica sociológica”, quando erigida como critério de avaliação artística³⁰. De outro lado, encontramos esboçadas no estudo as principais diretrizes e convicções a respeito da crítica literária que irão nortear a atividade crítica de Candido a partir de então: a primazia da análise formal em detrimento dos elementos fatoriais (sociais e psíquicos), a noção de literatura como conjunto de obras e a reivindicação da especificidade do fenômeno literário³¹. Nesse mesmo ano, Candido lança seu primeiro livro editado comercialmente, *Brigada Ligeira* (1945), coletânea das críticas de rodapé publicadas na *Folha da Manhã*, com especial ênfase em artigos dedicados à prosa de ficção.

Ao lado das atividades como crítico militante, Candido prosseguia a carreira na área de ciências sociais. Ao concluir o curso em 1942, Candido foi convidado por Fernando de Azevedo³² a ocupar o cargo de professor-assistente da cadeira de sociologia II. No ano seguinte, Candido se inscreve no programa de especialização em sociologia com o propósito de realizar sua pesquisa de doutorado, sob a orientação de Fernando de Azevedo. Com a derrota no concurso, ele passa a priorizar investimentos na área de sua formação acadêmica original, freqüentando como matérias optativas da especialização os seminários da cadeira de antropologia organizados por Emílio Willems e as aulas de Roger Bastide na

³⁰ Entre outras coisas, a monografia sobre Sílvia Romero inaugura um filão temático relevante na produção intelectual de Candido: reflexão sobre o pensamento social brasileiro. Ao lado disso, como veremos no decorrer desse capítulo, o exame dos principais críticos literários brasileiros constituirá um foco temático bastante significativo nas pesquisas realizadas sob sua orientação no âmbito do curso de TLLC.

³¹ A repercussão desse esforço de auto-superação das posições críticas anteriores já se faz notar nos rodapés publicados na imprensa. No artigo de estréia de sua colaboração no *Diário de S. Paulo*, em 20/09/1945, intitulado “Começando”, Candido admite: “Quando comecei a criticar, o ambiente literário me pareceu alheio demais ao drama do nosso tempo [...] apaixonavam-me sobremaneira os problemas de sociologia do conhecimento, a relação das ideologias com as estruturas sociais. Lutei, pois, ao meu modo, procurando interpretar a literatura num sentido finalista de integração social [...] penso que é chegado o momento de um ponto de vista mais literário e menos político - no tocante ao critério de interpretação [...]. Isso posto, resumirei a questão dizendo que pretendo tratar a literatura cada vez mais literariamente, reivindicando sua autonomia e independência, acima das paixões nem sempre límpidas do momento” (Candido, 2002: 43)

³² Para um relato desataviado das relações com Fernando de Azevedo e das ocupações exercidas junto a cadeira, ver “Doutor Fernando” in Candido, Antonio. *Textos de Intervenção*. São Paulo, Editora 34, 2002.

cadeira de sociologia I. Segundo Luiz Jackson, o “ano de 1947 inaugura uma nova fase, marcada por maior envolvimento do jovem professor na sociologia. Para tanto contribuíram, ao mesmo tempo, a frustração com o resultado do concurso, a conquista do regime de trabalho integral para os assistentes e a decisão de sair um pouco de evidência para investir em trabalho de fôlego [...]” (Jackson, 2004: 277).

Após alguma indecisão inicial, quando hesitou entre pesquisar a aculturação dos americanos da Vila Americana ou dos alemães de Santa Amaro, Candido elegeu por fim como temática de trabalho o universo sócio-cultural caipira, tomando como referencial empírico o município de Bofete, localizado no interior do estado³³. A partir de 1947, as estadias em campo para o trabalho de observação e coleta de dados amiudaram-se, e “foi aguçando no pesquisador o senso dos problemas que afligem o caipira nessa fase de transição. Querendo conhecer os aspectos básicos, necessários para compreendê-lo, cheguei aos problemas econômicos e tomei como ponto de apoio o problema elementar da subsistência (Candido, 2001b: 12). Não é meu propósito aqui resumir o estudo, mas vale a pena salientar determinados traços e aspectos do trabalho que ajudam a explicar sua recepção no meio acadêmico. Composto de três partes articuladas, cada uma caracterizada por um tipo específico de abordagem, a pesquisa tinha como objetivo principal discutir o processo de transformações pelas quais passavam os meios de vida e da cultura caipira frente aos fenômenos da urbanização e industrialização em curso no estado de São Paulo. Na orientação interdisciplinar que caracteriza o trabalho, resultado, segundo o autor, “de certas orientações do antropólogo a outras mais próprias do sociólogo”, predomina a importância da reconstrução etnográfica, influenciada decerto pelas discussões antropológicas realizados no seminários conduzidos por Willems.

No primeiro capítulo, Candido realiza uma reconstituição histórica da vida tradicional caipira, desde os primórdios do processo de colonização em São Paulo, por meio de fontes históricas legadas pelos viajantes do século XVIII e XIX e depoimentos de velhos moradores locais. Nessa parte, a pesquisa analisa “com

³³ Em *A Tradição esquecida: Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia* de Antonio Candido (2002), Luiz Carlos Jackson realiza uma análise abrangente desse trabalho, bem como do conjunto da obra de Candido inscrita na área de sociologia.

brevidade aspectos referentes à obtenção dos meios de vida [...] a fim de verificar até que ponto ela se enquadra nas situações sócio-culturais mínimas, que interessa estudar; segundo a fim de compreender o significado das atuais condições de vida do caipira paulista, como as fui pesquisar num agrupamento dos nossos dias [...]" (Candido, 2001b :45). Atentando para as características gerais legadas pela atividade nômade e predatória do povoamento paulista aos caipiras, Candido chama a atenção para a rusticidade das habitações, vestuário, modo de vida, atividades agrícolas, dieta alimentar e forma de solidariedade nos bairros rurais.

Na segunda parte, tem lugar a etnografia do bairro rural localizado num dos núcleos habitacionais da fazenda Bela Aliança, em Bofete, região escolhida em razão da permanência da cultura caipira tradicional. Após identificar os motivos sociais que tornaram Bofete um município "de certo modo marginal", participando do processo de urbanização e da expansão cafeeira e deles se apartando, Candido afirma que sua "população adventícia se acaipirou sensivelmente, e os imigrantes de Bofete são por certo dos mais assimilados em todo o estado. A agricultura de semi-subsistência avultou de novo, recobrando os destroços do café, cuja invasão viera perturbar o seu ritmo tradicional. Do mesmo modo, a vida caipira, um momento abalada pelo colono português ou vêneto, retomou a sua eminência discreta, incorporando-o aos seus padrões" (Candido, 2001 :130). Em decorrência, o local proporciona as condições favoráveis para a descrição da rotina da vida caipira, considerada por meio das técnicas e ritmo do plantio, da divisão sexual do trabalho e da dieta e preparo dos alimentos.

Na terceira parte, Candido destaca as dificuldades trazidas com o processo de urbanização para a continuidade dos padrões tradicionais da cultura caipira no grupo por ele investigado. Com a expansão capitalista e a abertura de mercados, o caipira acaba por ser incorporado nesse processo, afetando-o em suas relações de comércio, ajustamento e equilíbrio ecológico com o meio abrangente, relações de posse e propriedade, e por fim, crenças, costumes e representações mentais. Embora caminhe para a sua extinção, Candido aborda ao final desse bloco as diversas formas de resistência encontradas pelos caipiras diante do processo descrito.

Ao concluir o trabalho, Candido defende proposta política de reforma agrária, pois sem “planejamento racional, a urbanização do campo se processará cada vez mais como um vasto traumatismo cultural e social, em que a fome e a anomia continuarão a rondar o seu velho conhecido” (id., *ibid.*:281).

Para compreender a importância e peculiaridade desse notável estudo, vale a pena recuperar o engenhoso argumento de Jackson (2002) a respeito de *Os parceiros do Rio Bonito*. Segundo o autor, pode-se evidenciar a profunda incorporação de elementos da tradição ensaística do pensamento social brasileiro - mormente das grandes interpretações do Brasil produzidas na década de trinta - no cerne da proposta teórico-metodológica defendida ao longo da tese de doutorado. Essa filiação fica evidente na preocupação geral de compreender, ainda que através de um estudo restrito, o processo mais amplo de formação da sociedade brasileira e também no cuidado com a elegância da escrita, destituída de jargões e termos técnicos.

Concluído em 1954, com o título de “Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e as transformações dos seus meios de vida”, o trabalho foi defendido como tese de doutorado em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, perante banca examinadora composta por Fernando de Azevedo (orientador), Roger Bastide, Paul-Arbousse Bastide, Aroldo de Azevedo e Egon Schaden. No ato de defesa, o trabalho suscitou algumas críticas e objeções, tendo Roger Bastide recusado-lhe “a nota máxima porque considerava que aquele não era um trabalho de sociologia. Argumentava que a cadeira era de sociologia e o trabalho tinha, nitidamente, um cunho antropológico” (Peirano, 1991: 28).

Na verdade, ao negar a nota máxima ao estudo de Candido, Bastide expressava as transformações pelas quais passavam a área acadêmica das ciências sociais nessa conjuntura. Deve-se ter em vista que no extenso espaço de tempo compreendido entre o início da pesquisa em Bofete e sua defesa os parâmetros e critérios avaliativos da produção científica acadêmica na área das ciências sociais uspianas sofreram significativas alterações em virtude do processo em curso de demarcação das fronteiras disciplinares e da busca do rigor teórico-conceitual requerido no tratamento dos temas de pesquisas.

A figura que mais contribuiu para consolidar o conhecimento produzido pela área em bases científicas foi, sem dúvida, o sociólogo Florestan Fernandes³⁴. Proveniente de uma modestíssima família de imigrantes portugueses, Florestan nasceu na capital paulista em 1920. Ao longo da juventude humilde, exerceu diversas atividades ocupacionais - engraxate, garçom, etc - enquanto procurava cursar, de maneira intermitente, os estudos secundários em diferentes escolas públicas de São Paulo. Em 1941, após concluir os estudos por meio do regime de madureza, foi aprovado nos exames de admissão para o curso de ciências sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, concluído em 1944.

A despeito da defasagem educacional em relação aos seus colegas de curso, oriundos em grande parte de famílias com certa tradição no desempenho de atividades intelectuais e culturais, Florestan destacou-se rapidamente como aluno aplicado e pesquisador promissor, publicando já durante a graduação pesquisas sociológicas a respeito das manifestações folclóricas populares. Após a conclusão do curso foi convidado pelo professor Fernando de Azevedo para trabalhar como professor-assistente da cadeira de sociologia II, ao lado de Candido. Nos anos subseqüentes, Florestan realizaria uma trajetória acadêmica fulgurante, culminando na nomeação para a cadeira de Sociologia I em 1954, ocupada até então por Roger Bastide, e na consolidação e liderança acadêmica da chamada “escola paulista de sociologia”.

Nas três primeiras obras de fôlego de Florestan, os trabalhos “A organização social dos Tupinambás”, “A função da guerra na sociedade Tupinambá” e “O método de interpretação funcionalista na sociologia”, defendidos entre 1947 e 1953, ficam patentes as marcas sensíveis das principais alterações provocadas pelas mãos do jovem sociólogo nas pesquisas científicas: a) a forma de expressão rebuscada de seu estilo expositivo, permeado de conceitos e vocabulário técnicos, indicando o empenho em utilizar noções e conceitos de sentido preciso; b) a “obsessão teórico-metodológica”, presente em todos os trabalhos decorrentes das etapas de sua

³⁴ Para uma apreciação mais aprofundada da biografia e trajetória de Florestan Fernandes, conferir os trabalhos de Mariza Peirano (1991), Maria Arminda Arruda (1995), Heloisa Pontes (1998) e Sylvia Garcia (2002).

titulação acadêmica, com o propósito de “atribuir legitimidade acadêmica à disciplina sociológica” (Arruda, 1995: 141); c) a demarcação rígida das fronteiras disciplinares. Apesar de iniciar sua carreira na sociologia com um tema ligado à discussão etnológica, possibilidade franqueada pela “tradição francesa da época, seguida também na Faculdade de Filosofia de São Paulo, que permitia ‘incluir o estudo de povos primitivos no campo da sociologia’” (Pontes, 1998:183), Florestan se incumbiu de diferenciar as fronteiras disciplinares dos trabalhos realizados no interior da área de ciências sociais. Segundo Arruda, apesar “do objeto de estudo ser nitidamente antropológico, o fato de ter sido analisado por um sociólogo, completamente identificado com a sua disciplina, exprime a hegemonia dessa modalidade de reflexão entre as outras Ciências Sociais. O próprio Florestan delimitou as fronteiras disciplinares, considerando a Etnologia um domínio que estuda ‘o condicionamento, as orientações e os efeitos supra-individuais do comportamento humano, que só podem ser descritos e interpretados mediante a consideração de fatores que operam em algum ou em vários níveis de cultura’. Isto é, as distinções dizem respeito ao modo como se interpreta e se analisa o objeto. O que significa, explicitamente, a maneira de sua construção” (Arruda, 1995:148).

Nesse contexto, não é difícil perceber que a pesquisa realizada por Candido destoava em parte dos critérios e padrões científicos requeridos no momento, seja pela forma de expressão adotada, pelo quadro eclético de referências teóricas oriundo de diferentes áreas disciplinares no corpo da análise e ainda pela presença da proposta política defendida na conclusão. Como esclarece Jackson, “Escrito na década de cinquenta, quando a grande preocupação era buscar orientação cada vez mais científica na USP, PRB afastou-se do ‘espírito’ acadêmico vigente e causou estranhamento. Embora tenha sido bem recebido - o livro teve nove edições entre 1964 e 2001 - foi criticado por misturar esquemas teóricos incompatíveis e também por apresentar linguagem pouco científica” (Jackson, 2002: 62).

Após a defesa da tese doutorado, constatam-se certas redefinições substantivas na produção intelectual de Candido. De um lado, a redação de *Os*

Parceiros do Rio Bonito e a publicação, nos dois anos posteriores, de três artigos³⁵ encerram em definitivo a produção do autor na área de sociologia, voltada sobretudo para questões referentes ao universo rural e ao sistema educacional brasileiro, sem qualquer incursão posterior. No total, foram doze artigos publicados entre 1947 e 1956, “com exceção de 1950, quando não publicou, e 1954 e 1955, quando foram duas publicações” (Jackson, 2002: 54).

Pode-se presumir que tanto as objeções levantadas contra o formato expressivo da tese no seio do meio acadêmico, quanto as dificuldades encontradas por Candido em conciliar as frentes de atuação nas quais distribuía sua produção intelectual respondem pela razão dessa interrupção. O processo de implantação do rigoroso padrão de investigação científica, levado a cabo por Florestan Fernandes, e a dissonância entre seus interesses intelectuais e os rumos tomados pelas pesquisas sociológicas no momento³⁶ criaram sérios constrangimentos para os moldes da produção intelectual de Candido, que acabou por encontrar “cada vez menos espaço na cadeira de sociologia para dar continuidade ao seu verdadeiro interesse intelectual: a literatura e a cultura em sentido amplo” (Pontes, 1998: 176).

Do outro lado, no terreno das letras, ocorre a retomada de intervenções críticas do autor na grande imprensa, ao contrário dos anos anteriores nos quais se percebem “um intervalo significativo de 1947 a 1955”, quando Candido “não deixou de publicar, mas o fez sem alarde, acumulando trunfos, ao mesmo tempo que elaborava pacientemente sua opção profissional definitiva” (Jackson, 2004: 277). Ao circunscrever sua atenção na elaboração da pesquisa de doutorado em sociologia e na redação de *A Formação da Literatura Brasileira* (1959), Candido diminui o ritmo de suas publicações a uma média anual de três artigos ao longo do período em apreço.

Como exceção, surge em 1956 o ensaio *Ficção e Confissão*, tentativa de apreciação, elaborada a partir da reunião de artigos publicados na grande

³⁵ São eles: “L’état actuel et les problèmes plus importants des études sur les sociétés rurales du Brésil” (1955); “O papel sociológico da escola na sociologia educacional” (1955) e “Possíveis raízes indígenas de uma dança popular”(1956).

³⁶ Mariza Peirano revela que Candido chegou a elaborar um programa de estudos na área de sociologia da literatura, “que consta no anuário da Faculdade”. No entanto, uma especialização na área pareceu ao autor uma “exorbitância”, na medida em que “acreditava que as tarefas didáticas deveriam vir em primeiro lugar” (Peirano, 1991: 31)

imprensa, do conjunto da obra literária de Graciliano Ramos - composta de quatro romances, seis livros distribuídos entre contos, crônicas e relatos de viagens e dois volumes de memória. Acompanhando o desenvolvimento da produção literária do escritor alagoano, na ordem em que foi composta, Candido vislumbra a transição dos primeiros romances marcados pela “necessidade de inventar”, pela elaboração ficcional, para a emergência nas últimas obras de narrativas baseadas em recordações íntimas e depoimentos pessoais do escritor. Dessa forma, os livros de Graciliano Ramos poderiam ser agrupados em dois grandes blocos sucessivos que se distinguem pela ênfase posta na imaginação e manipulação fictícia. A despeito da inflexão assinalada por Candido, no conjunto da obra de Graciliano Ramos subsistiria um “desejo intenso de testemunhar sobre o homem, e que tanto os personagens criados quanto, em seguida, ele próprio, são projeções desse impulso fundamental, que constitui a unidade profunda de seus livros” (Candido, 1992b: 64).

No mesmo ano, Júlio de Mesquita Neto, proprietário do jornal *O Estado de S. Paulo*, planejava o lançamento de um suplemento literário semanal voltado para a discussão da produção cultural em geral. Para a coordenação desse projeto, Mesquita Neto convidou Candido, que recusa o convite, mas sugere como substituto o amigo Décio de Almeida Prado. Editado, conforme o projeto original de Candido e sob a direção de Décio, entre outubro de 1956 e meados de 1967, o *Suplemento Literário* acolheu em suas páginas as principais referências intelectuais do país, numa publicação que seguia em moldes semelhantes o “escopo e ideário” da revista *Clima*. Como esclarece Jackson, “‘Literário’ aqui tem sentido amplo, englobando literatura propriamente dita (nacional e universal), teatro, cinema, artes plásticas, pensamento social, filosofia, política, sociologia, antropologia etc. A composição da revista mesclava ainda, aos estudos críticos, poesias, contos, desenhos e gravuras. Dessa forma, podemos apreender seu objetivo mais amplo, a ‘formação humanística’, expressão bem ao gosto de Antonio Candido” (Jackson, 2004: 278).

Nas páginas do *Suplemento*, Candido retomou a publicação de artigos no campo das letras, tornando-se colaborador assíduo da publicação. Em certo sentido, a participação no projeto editorial do *Suplemento* e a colaboração

destacada na seção de críticas literárias propiciaram-lhe um desafogo sobre as incertezas que rondavam o futuro de sua carreira nesse momento específico. Não obstante, a decisão de abandonar o cargo de professor-assistente de sociologia permanece presente, repercutindo em seu afastamento durante quase todo o ano, “combinando duas licenças-prêmio com as férias e disposto a não voltar” (Candido,1993a: 37). Como ele mesmo afirmará depois, “não sabia bem o que iria fazer. Pensei em voltar à crítica literária nos jornais e cheguei a esboçar um plano com Antonio Olavo Pereira, da Editora José Olympio, que sugeriu a distribuição dos rodapés por vários jornais do país, de modo a multiplicar o lucro. Pensei também em associar a isto o ensino de literatura no curso colegial. A única certeza é que não voltaria a ensinar sociologia.” (Pontes,2001:27).

No final de 1957, essa tensão profissional, no entanto, começa a ser resolvida por meio do convite do professor Antonio Soares Amora para que Candido integrasse o grupo de professores que estavam organizando a implantação da Faculdade de Filosofia e Letras de Assis, no interior do estado de São Paulo. Como ele recorda: “Foi quando um amigo meu, José Quirino Ribeiro, a par dos meus problemas, sugeriu a Antonio Soares Amora que me convidasse para ensinar literatura brasileira na Faculdade que este ia dirigir em Assis, uma das três que o Governo do Estado estava criando no interior. Amora me convidou no fim de 1957, eu aceitei e comecei a participar no primeiro semestre de 1958 das sessões de organização da nova Faculdade, no Instituto de Estudos Portugueses. Ela começaria a funcionar em 1959, mas se instalaria em 58, com alguns professores que dariam cursos preparatórios para o vestibular” (Pontes, 2001: 28).

1. 2. Antonio Candido em Assis e depois

A bibliografia disponível a respeito do período em que Antonio Candido lecionou literatura brasileira na Faculdade de Filosofia e Letras de Assis é bastante escassa, a despeito da importância decisiva dessa curta passagem para o desdobramento de sua trajetória profissional no campo das letras. Conforme vimos, o processo de implantação institucional da Faculdade de Assis foi realizado sob a coordenação de Antonio Soares Amora, professor titular de literatura

portuguesa da Universidade de São Paulo. Ele comandou a equipe responsável pelo desafio de implementar numa cidade distante da capital uma instituição universitária de alto nível de excelência acadêmica, iniciando em 1958 o “trabalho preparatório do corpo docente por meio de reuniões prévias, ainda em São Paulo, a fim de que a equipe se entrosasse na medida do possível e definisse seu espírito” (Candido, 1992c:250). Na seleção da equipe inicial de professores, Amora procurou convocar professores recém-habilitados oriundos das hostes da USP, “todos enfrentando, pela primeira vez, a responsabilidade de inaugurar cátedras no interior” (Prado, 1992: 54). Informado por colega em comum das dificuldades pelas quais Candido passava nessa conjuntura, Amora decide convidá-lo para integrar o grupo de professores, oferecendo-lhe a frente disponível na área de literatura brasileira. Sem hesitar, Candido aceita a oportunidade e começa no mesmo ano a participar das reuniões periódicas da cúpula de professores que então projetavam a estrutura acadêmica e administrativa da nascente instituição em Assis. Ainda sob a coordenação de Amora, são indicados os primeiros passos para a montagem dos pré-requisitos institucionais essenciais para a implantação do novo curso de Letras, tais como o “plano da biblioteca-piloto, a iniciativa da *Revista de Letras*, previsão de uma série de monografias” (id., ibid.:250).

Embora tenha participado desde o início do processo de implantação, Candido ficou impedido de se dirigir para Assis durante a primeira metade do ano de 1958 em virtude de já ter assumido o compromisso de ministrar o curso de “Organização Social Brasileira” para o segundo ano do curso de ciências sociais na USP. No segundo semestre, enfim, Candido inicia sua participação como docente das disciplinas de literatura brasileiras em Assis, lecionando para os alunos ingressantes no curso. O primeiro curso oferecido por ele para a graduação foi “Introdução aos estudos literários: crítica textual”³⁷, voltado para o exame da edições críticas, a partir do estudo dos “diversos tipos de edição que ele trazia para

³⁷ Este curso foi na verdade um segmento da disciplina “Introdução aos estudos literários”, lecionada a quatro mãos devido à inexistência de um professor titular. Nas discussões do projeto do curso, Candido propôs “que se desse aos problemas de crítica textual mais atenção do que lhe costumavam dar os currículos de Letras. O curso foi então dividido em duas partes, cabendo-me esta. Ao falecido Professor Naief Sáfydy [responsável por Literatura Portuguesa] coube a iniciação à análise de texto” (Candido, 2005: 8). No ano seguinte, “o curso foi atribuído a um titular (Jorge de Sena), já como parte de uma cadeira denominada Teoria da Literatura [...]” (Candido, 1995:31).

a sala de aula, como a edição príncipe, a fac-similar, a edição diplomática e o exemplar da edição crítica de Rodrigues Lapa, que servia de texto básico para o curso[...]” (Vara, 1999:227). Para apoio didático das discussões realizadas em aula, Candido redige a apostila “Crítica Textual”³⁸, manual que fornecia aos alunos os rudimentos do paciente trabalho de investigação de edições críticas.

No ano seguinte, Antonio Candido oferece o curso optativo “O romance romântico brasileiro: Manuel Antonio de Almeida e Alencar”. Nele, Candido explorou durante o ano todo em aulas “particulares”, com a “única aluna que escolheu literatura brasileira”, a leitura e análise do romance *Memória de um Sargento de Milícias* (1853). De acordo com Teresa Vara, a aluna em questão³⁹, o romance foi perscrutado ao longo do ano em sala de aula, esmiuçado de modo exaustivo na composição de seu trecho, na tentativa de “captar a trama, o tecido, a combinação dos fios narrativos, os elementos de ligação de um capítulo para o outro (os elementos conectivos como ele denominava), os cortes e a costura, até chegar bem próximo de entender o princípio estrutural que explicava o romance como um todo” (*id.*, *ibid.*:230).

No plano intelectual, a curta passagem por Assis provocou significativas alterações na produção crítica de Candido, ao revigorar o dinamismo de suas publicações e proporcionar as condições adequadas para o lançamento das bases teóricas de seu programa de trabalho. Esse fato é assinalado por ele próprio, ao registrar que “a Faculdade de Assis representou para mim uma espécie de renascimento intelectual [...]” (Candido,1992c: 251). Ao contrário dos anos anteriores, marcados apenas pelo lançamento do ensaio *Ficção e Confissão* (1956), Candido publica nesse momento a coletânea de artigos *Observador Literário* (1959) e *Formação da Literatura Brasileira* (1959), sua obra de maior

³⁸ Em 2005, com o título de *Noções de análise histórico-literária*, Candido aprova a “reprodução, para uso interno de nossa Faculdade, deste texto parcial de um curso introdutório que dei na faculdade de Assis para o primeiro ano, em 1959. A minha intenção naquela altura era redigir o curso à medida que o fosse ministrando com base em anotações, mas acabei fazendo isso apenas para os tópicos iniciais, que correspondem mais ou menos à terça parte” (Candido, 2005: 7).

³⁹ A partir de 1964 Teresa Vara retoma o contato com o antigo professor, inscrevendo-se na pós-graduação da área de TLLC sob a orientação de Candido.

envergadura. Além disso, Candido colabora com o importante ensaio “Estrutura e Função do *Caramuru*”(2000b)⁴⁰ na *Revista de Letras* editada pelo curso de Assis.

Em junho de 1961, Candido organiza, em conjunto com Antonio Soares Amora, o “II Congresso de Crítica e História Literária”, reunindo na recém-inaugurada Faculdade de Letras e Filosofia de Assis o conjunto mais expressivo de estudiosos da crítica literária brasileira. “Ali, naquela cidadezinha pacata do interior paulista, ele reunia os bambas da crítica, figuras do porte de Sérgio Buarque de Holanda, Anatol Rosenfeld, Paulo Emílio Salles Gomes, Décio de Almeida Prado, Wilson Martins, Wilson Cardoso, Joel Pontes, Hércio Martins, Benedito Nunes, Adolfo Casais Monteiro, Afonso Romano de Sant’Anna, Roberto Schwarz, João Alexandre Barbosa, Décio Pignatari, Augusto de Campos, Haroldo de Campos” (Vara, 1999: 234).

A partir dos dados apresentados, pode-se notar a importância crucial da transferência momentânea para Assis na redefinição da carreira profissional de Candido, por uma série de razões. Em primeiro lugar, as aulas na área de literatura brasileira propiciaram-lhe o primeiro contato direto e regular com a docência e pesquisa acadêmica na área de Letras. Adiante veremos que os cursos oferecidos em Assis e o projeto inovador de ensino de literatura irão nortear as diretrizes do curso de TLLC⁴¹. Por enquanto, basta notar que a Faculdade de Assis permitiu a Candido selar em definitivo seu compromisso com a crítica literária. Mas julgo que a passagem por Assis exerceu uma influência fundamental no processo de recomposição simbólica da identidade profissional de Candido, na medida em que lhe garantiu o respaldo acadêmico ainda necessário para se legitimar na condição de professor e pesquisador da área de Letras. Senão vejamos.

Do ponto de vista do modelo de carreira profissional, a inusitada transferência da prestigiosa USP para uma acanhada faculdade do interior, como repara Pontes, representaria um “movimento inverso ao de uma carreira

⁴⁰ Nesse estudo, Candido ensaiou as premissas básicas do processo crítico de “redução estrutural”, cuja expressão sistemática encontra-se em “Dialética da Malandragem” (1970).

⁴¹ Na opinião de Candido, a decisão de transferir-se para Assis permitiu que ele retomasse os estudos na área de Teoria Literária: “Fiz os estudos e me preparei para os muitos cursos que dei mais tarde na USP. Apreendi técnicas de análise e li muito sobre teoria literária. Foram dois anos e meio de aprendizado total” (Candido, 1993f: 113).

ascendente, que, quando parte da ‘periferia’, almeja chegar ao ‘centro’ do sistema profissional” (Pontes, 1998:179), podendo ser tomada nessa altura como um passo em falso⁴². No entanto, a mudança para o interior permitiu a resolução do conflito que pontilhou todo o início de sua profissionalização acadêmica: a alternância entre a docência na área de sociologia e a produção de conhecimento no âmbito da crítica literária. Em certo sentido, a passagem por Assis pode ser considerada como uma espécie de ritual de passagem - na concepção clássica do termo - na trajetória acadêmica de Candido⁴³. Ao retornar para a criação do curso de TLLC, Candido havia dissipado a ambigüidade que rondava sua identidade profissional até então. Como ele próprio assinala: “foi bom passar dois anos fora da USP. Quando voltei, no começo de 1961, as pessoas já estavam habituadas à minha nova condição” (Candido, 1993a:37)⁴⁴.

De outro lado, a realização do “Congresso de Crítica e História Literária” decerto também contribuiu para legitimar em definitivo a nova condição profissional de Candido perante os principais críticos literários brasileiros. Em face da distância espacial da capital, das instalações acanhadas e da ausência de tradição acadêmica nessa pequena cidade do interior em descompasso com a magnitude do evento, tudo leva a crer que essa dimensão não pode ser menosprezada; em consequência, o ponto alto do evento para Candido ocorreu com a participação em mesa-redonda na qual ele delineou publicamente os alicerces

⁴² Não era outra a opinião, por exemplo, de Paulo Emílio Salles Gomes que, como descreve o próprio Candido, ao receber na Europa a notícia de que o amigo havia se transferido para Assis, teria dito: “Que coisa extraordinária! Antonio Candido vai poder afinal se dedicar à literatura, e ensinando literatura brasileira naquela paisagem da Umbria! Que coisa extraordinária! (risos). Ele imaginou que seria uma faculdade italiana e me viu em Assis, na Úmbria”. Ao ser esclarecido de que Assis ficava situada no interior do estado, o crítico de cinema “bradou: Assis da Sorocabana? Então o Antonio é uma besta!” (Candido, 1993f: 113).

⁴³ Na acepção de Bourdieu, ritual de instituição, cuja “investidura exerce uma eficácia simbólica inteiramente real pelo fato de transformar efetivamente a pessoa consagrada: de início, logra tal efeito ao transformar a representação que os demais agentes possuem dessa pessoa e ao modificar sobretudo os comportamentos que adotam em relação a ela [...] em seguida, porque a investidura transforma ao mesmo tempo a representação que a pessoa investida faz de si mesma, bem como os comportamentos que ela acredita estar obrigada a adotar para se ajustar a tal representação” (Bourdieu, 1996b:99).

⁴⁴ A propósito da ambigüidade profissional que enredada Candido até essa altura, o depoimento de Teresa Vara é bastante significativo. Segundo ela, “não sabia nada sobre o mestre que se dispunha a passar dois anos na Faculdade de Assis, aliás nós, os seus alunos, não sabíamos nada sobre ele, apenas que terminara uma pesquisa na área de ciências sociais, que só posteriormente viríamos a conhecer quando publicou *Os Parceiros do Rio Bonito*” (Vara, *idem*: 229).

teórico-metodológicos de seu retocado projeto intelectual com o ensaio “Crítica e sociologia”. Ao mesmo tempo, o congresso ensejou a ocasião para uma série de contatos e acordos com alguns intelectuais que viriam posteriormente a assumir cargos docentes no curso de TLLC, tais como o aluno do curso de ciências sociais Roberto Schwarz e o colega João Alexandre Barbosa, como veremos em detalhe adiante.

Ainda em Assis, Candido publica *Formação da Literatura Brasileira* (1959). Ao cabo de um longo processo compositivo e de sucessivas revisões, a *Formação* aguardou o momento oportuno para ser lançada, na medida em que sua publicação também contribuiu no processo de legitimação da nova identidade profissional de Candido⁴⁵.

Na introdução do volume, pode-se encontrar talvez as considerações mais influentes e debatidas de Candido. De acordo com ele, no processo formativo da literatura brasileira deve-se distinguir analiticamente, de um lado, as “manifestações literárias”, e, de outro, “literatura propriamente dita”. No primeiro caso, encontra-se um conjunto de obras isoladas e desarticuladas entre si, predominante na fase inicial da produção literária no Brasil, entre os séculos XVI e XVIII. A despeito da presença de obras e autores de valor nessa fase inicial, eles acabaram não fluindo na formação de nosso sistema literário.

De outro lado, o ponto de partida da formação do sistema literário brasileiro, como “aspecto orgânico de civilização”, inicia-se a partir de meados do século XVIII, definido pela presença de “obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes de uma fase [...]. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, formando os tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos) que liga uns aos outros” (Candido, 1981: 23). No entender do autor, é somente quando se consolida o sistema autor-obra-público que se torna possível a “formação da continuidade literária - espécie de

⁴⁵ Em entrevista Candido adverte que o livro “dava certo peso” para sua contratação posterior para o comando da área de TLLC. Cf. Candido (1993a).

transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos do todo” (id., ibid.:24).

No intuito de “focalizar os momentos em que se discerne a formação de um sistema”, Candido direciona sua atenção “*aos seus artífices imediatos, mais os que se vão enquadrando como herdeiros nas suas diretrizes ou simplesmente no seu exemplo [...] Salvo melhor juízo, sempre provável em tais casos, isto ocorre a partir de meados do século XVIII, adquirindo plena nitidez na metade do século XIX. Sem desconhecer grupos ou linhas temáticas anteriores, nem influências como a de Rocha Pita e Itaparica, é com os chamados árcades mineiros, as últimas academias e certos intelectuais ilustrados, que surgem homens de letras formando conjuntos orgânicos e manifestando em graus variáveis a vontade de fazer literatura brasileira*” (id., ibid.: 25). Apesar de apresentarem diferenças consideráveis do ponto de vista estético, os movimentos literários árcade e romântico respondem pelos “momentos decisivos” da implantação do sistema literário brasileiro, aproximados pela “solidariedade estreita” ao considerarem “a atividade literária como parte do esforço de construção do país” (id., ibid.:26).

Capítulo 2

A formação das almas

*“Se você considerar a crítica brasileira atual, verá que alguns dos seus melhores praticantes trabalharam e fizeram pós-graduação comigo”
(Candido, 1993f: 115).*

2.1. - A composição do curso de TLLC

Em 1959, por iniciativa de um grupo de professores da USP, dentre os quais encontrava-se Antonio Candido, ainda nesse período lecionando literatura brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, foi proposta criação da disciplina experimental de “Teoria Literária” para integrar o currículo do curso de Letras da USP, com o intuito de aperfeiçoar a formação acadêmica dos alunos nessa área de estudos⁴⁶. Para facilitar a tramitação do pedido diante dos requisitos e exigências administrativas, o curso foi inicialmente denominado de “Teoria Geral da Literatura”, alegando-se como justificativa a existência de uma disciplina introdutória geral nas demais áreas de ciências humanas, como acontecia com Direito, História, Educação, etc. Em face da impossibilidade de ocupar um posto no departamento de literatura brasileira, cuja única cadeira, em razão do sistema de cátedra vigente, já estava preenchida pelo professor titular da área - na ocasião, Mário Pereira de Souza Lima -, Candido foi nomeado como responsável pelo curso⁴⁷. Através do auxílio dos professores Mário de Souza Lima, João Cruz Costa e Fernando de Azevedo, a proposta foi aprovada com rapidez pelo conselho

⁴⁶ De uma perspectiva geral, pode-se afirmar que a criação do curso de TLLC decorre da necessidade de providenciar um cargo na área de Letras para Candido, como alternativa diante da impossibilidade de ocupar uma vaga nas demais cadeiras desse departamento, já totalmente preenchidas.

⁴⁷ Em entrevista realizada conosco em 15/06/2005, Candido observa a respeito da criação do curso que “foi aprovada não a cadeira mas o curso de “Teoria Geral da Literatura”. E também eu fui contratado como professor colaborador não como professor titular. Mas professor colaborador em nível de titular. Eu ganhava como titular mas não pertencia, por exemplo, à congregação”.

universitário. Como Candido recorda: “Eu conversei com o João Cruz Costa⁴⁸, com Fernando Azevedo e com Souza Lima, e eles defenderam a criação de uma disciplina de Teoria Geral da Literatura na USP, o que acabou acontecendo” (Candido, 1993f: 114).

Ao assumir a direção do curso, no início de 1961, Candido providenciou a alteração da denominação inicial para “Teoria Literária e Literatura Comparada” em razão de suas principais convicções sobre a perspectiva adequada para o estudo da literatura brasileira⁴⁹. Nas palavras do autor: “resolveu-se na Universidade de São Paulo mudar o nome da disciplina de Teoria Literária para Teoria Literária e Literatura Comparada, a fim de situar a primeira num quadro mais largo que o das literaturas nacionais; e de assegurar a presença da segunda, chamando para ela a atenção dos estudiosos”(Candido, 1975: 9).

2.1.1 – Período Formativo (1961 - 1965)

No prefácio de *O Estudo analítico do poema* (2004), podem-se encontrar delineadas as principais diretrizes do programa de trabalho norteador do ensino nesses primeiros anos. O principal critério defendido consiste no estudo concreto das obras e dos textos literários ao “ensinar de maneira aderente ao texto, evitando teorizar demais e procurando a cada instante mostrar de que maneira os conceitos lucram em ser apresentados como instrumentos de prática imediata, isto é, análise” (Candido, 2004b: 8). Em entrevista pessoal, Candido comenta que ao enfatizar as técnicas de análise literária como esteio do curso procurava se contrapor ao “ensino

⁴⁸ No ensaio “Lucidez de Cruz Costa”, Candido assinala a decisiva importância do filósofo nesse processo ao revelar que “quando decidi passar do ensino da sociologia para o da literatura, recebi dele um apoio caloroso e eficiente, tendo sido dos que mais trabalharam para a criação da disciplina que vim a ensinar” (Candido, 1993b:169).

⁴⁹ A importância da perspectiva comparada no conjunto da obra de Candido foi assinalada por Nitrini em livro sobre o assunto (2000). Basta lembrar, na esteira da autora, a abertura do ensaio “Literatura e cultura de 1900 a 1954”: “Se fosse possível estabelecer uma lei de evolução de nossa vida espiritual, poderíamos talvez dizer que toda ela se rege pela dialética do localismo e do cosmopolitismo, manifestada pelos modos mais diversos” (Candido, 2000: 101). Além disso, a autora observa que embora o conceito de literatura comparada não esteja mencionado no corpo do texto, *A Formação da Literatura brasileira* (1959) “é de leitura obrigatória para todos os que venham a se dedicar a estudos de literatura comparada no Brasil porque constitui o testemunho cabal de que a história da literatura brasileira, em seu período de formação, acha-se vinculada a modelos estrangeiros e não escapa a uma aproximação comparatista” (Nitrini, 2000: 195).

de literatura vigente nesse período, marcado sobretudo pelo ângulo histórico: biografia dos autores e caracterização dos períodos literários” (Depoimento concedido em 15/06/2005).

No ano de 1961, têm início as atividades acadêmicas da recém-fundada disciplina TLLC. Nesse primeiro momento, o currículo institucional da área ficou composto da seguinte forma: no âmbito da graduação, foram criadas duas disciplinas inicialmente facultativas: “Introdução aos Estudos literários”, oferecida para os alunos ingressantes do primeiro ano, e “Teoria Literária e Literatura Comparada” destinada às turmas do quarto ano, ambas nesse momento sob a incumbência de Antonio Candido. Em extensa carta enviada em 1963 a João Alexandre Barbosa, então professor da Universidade Federal de Pernambuco, que solicitava ao colega sugestões para a criação de disciplina congênere naquela instituição, Candido comenta que:

“A fim de verificar a viabilidade, eficácia e aceitação do Curso, pedi que fosse considerado totalmente facultativo em todos os níveis, e assim tem sido [...]. Os cursos despertaram interesse. O do 1º ano, sendo facultativo, foi seguido talvez por mais da metade dos inscritos nos cursos de letras, que o reputam importante para a iniciação. Este curso introdutório é mais ou menos fixo, e vai mudando aos poucos cada ano com a experiência”. Com a consolidação da área, entretanto, a disciplina “Introdução aos Estudos Literários” torna-se obrigatória no currículo dos alunos. Conforme Candido informa: “Neste ano [1963] a situação mudou com a revisão curricular, alguns professores estabeleceram Teoria Literária como obrigatória na 1ª série [...]”. (Candido, 1995: 32). Por outro lado, em decorrência do estágio formativo avançado do público discente, a disciplina oferecida para o quarto ano permanece seletiva, com base em seminários de estudo - ‘Nas séries finais, impõe-se o curso monográfico ou o seminário em torno de um problema.[...]’(id., ibid.,:32).

Em relação ao conteúdo programático debatido com os alunos de “Introdução aos estudos literários” ao longo dos três primeiros anos de experiência do curso, pode-se obter um esboço geral da matéria lecionada por intermédio da

carta referida. Em anexo, Candido remete a João Alexandre Barbosa o programa de estudos correspondente ao ano de 1963, reproduzido pela revista *Magma* como segue:

“PROGRAMA

Introdução ao estudo de literatura

Programa para o 1º Ano em 1963 (quase igual ao de 62)

1 aula semanal

1. Natureza da literatura

(a). sua universalidade

(b). suas modalidades

(c). sua função

Mostra a universalidade, indicando literatura oral e escrita, a correspondência a necessidades profundas do homem para a ficção, o devaneio, mas também para a interpretação e a ação sobre o mundo através dela. Fala-se da função da literatura no ensino, entra-se com uma teoria minha (!) do conhecimento literário como plural e hierarquizado conforme as camadas da significação. Donde a pluralidade do seu efeito, etc., etc.

2. Os fatores externos da obra

(a). sociais

(b). culturais

(c). Psíquicos

é uma sociologia e psicologia da literatura. Mostra a sua ligação com a estrutura social, a sua dependência dos meios de comunicação, o seu caráter representativo ou não, a sua relação com a pessoa do criador, a sua expressão de realidades profundas do ser, etc. Uso um meu escrito sobre Arte e Sociedade, mais outras coisas; em psicologia, Freud e psicologia social.

3. Os fatores internos

(a). normas

(b). gêneros

(c). estilo

É o estudo das leis de produção e definição da obra. Fala-se da especificidade do fato literário que não pode ser compreendido no nível anterior, mas que só se completa pelo que tem de seu, e que está contido no trabalho de enquadramento ou utilização ligados a este nível interno (v. Wellek, Audiat, Picon, etc.). A literatura anterior e posterior à subversão dos gêneros. O estilo, antes, como dado, agora, como obtido, como criação e não como adoção, etc. Vários exemplos comentados de estilos. Posição eclética mas não negativa em face dos gêneros (crítica a Croce, etc.)

4. O destino da obra

(a). fortuna no tempo e no espaço

(b). influências entre as obras

(c). influência na vida

Uma vez pronta, como se “comporta” a obra. Aceitação, rejeição, voga, moda, influências (lit. comparada entra também como vaga noção), etc. Inf. nos costumes, na sensibilidade (tb., “imitação da arte pela vida”), etc.

5. Modos de estudar a obra

(a). erudito

(b). histórico

(c). analítico

(d). ensaístico

Aqui entra o problema de como se estudam as obras. Noções de erudição (crítica, autoria, autenticidade, etc) Exemplos vários. História Literária. Períodos, gerações, etc. crítica propriamente dita (ensaio, apreensão global, etc.) E sobretudo, largo desenvolvimento do item c., em se tratando de “ensino” de literatura para eventuais professores. Ele aborda e exemplifica a análise de textos, sob a forma tradicional dos franceses e mais a contribuição de cada um. Aí é hora de tomar um poema, um trecho de prosa, e mostrar como se manipula o bicho, trazendo à baila todas as noções anteriores: sociológicas, históricas, biográficas, estéticas, e treinando o aluno por meio de exercícios progressivos. [...]

Passando rapidamente aos cursos adiantados. Em 1961 e em 1962 dei um sobre romance, com programas mais ou menos iguais. Na primeira vez, expus durante o 1º semestre a parte teórica e apliquei no 2º as noções ministradas em uma análise

bastante aprofundada sobre *Senhora*, de Alencar. Como parte do curso promovi debates sobre o problema da personagem: do ângulo filosófico (Anatol Rosenfeld), do teatro (Décio de Almeida Prado) e do cinema (Paulo Emílio). No ano de 62 espichei a parte teórica um pouco mais, e exemplifiquei com *Fogo Morto*. Além disso, os alunos devem fazer trabalhos de análise sobre romances escolhidos, a fim de demonstrarem autonomia no aproveitamento”. (Candido, 1995: 35).

Não é difícil surpreender nesse minucioso programa de trabalho as linhas de força do modelo científico de crítica esboçado no estudo *O método crítico de Sílvio Romero*⁵⁰. Conforme vimos, na tese para concurso redigida em 1945 Candido concebia como crítica científica trabalhos fundamentados num “método literário científico, um método específico, baseado nos seus recursos internos” (Candido, 1988: 110). Ressurgem nesse prospecto, ponto a ponto, as diretrizes formuladas na tese: a análise conjugada dos fatores externos e internos, o exame da repercussão histórica das obras literárias, o estabelecimento das fontes eruditas e influências e a centralidade do estudo concreto dos textos.

Os cursos oferecidos para o quarto ano concentravam suas leituras em discussões teóricas monográficas sobre aspectos básicos da disciplina. Nos anos de 1961 e 62, Candido oferece a disciplina “Teoria e Análise do Romance”⁵¹. Em “A Personagem do Romance”, Candido discute as principais técnicas de caracterização dos personagens fictícios, levando em consideração que o conhecimento sempre parcial e finito da realidade e do ser humano implica na necessidade de simplificação ficcional, o que leva o escritor a selecionar e organizar de maneira coerente num personagem uma gama de “traços, gestos, frases, objetos significativos” que propicie verossimilhança no interior da obra.

Segundo o autor, na “marcha do romance moderno” pode-se divisar a passagem, a partir do século XVIII, de “enredos complicados com personagens simples” para composições literárias com enredos simples mas com personagens

⁵⁰ Não é casual, como mencionado, que o primeiro Boletim de Teoria Literária e Literatura Comparada tenha impresso esse trabalho, marco nas formulações de Candido sobre a atividade crítica.

⁵¹ O tópico relativo à personagem foi publicado, primeiramente, como Boletim nº 284 da FFLCH, e em seguida foi impresso no volume *A Personagem de Ficção* (1987).

complicados, “no rumo de uma complicação crescente da psicologia das personagens, dentro da inevitável simplificação técnica imposta pela necessidade de caracterização” (Candido, 1987: 1959). Nesse processo de “seleção estrutural” dos traços componentes de determinada personagem importa antes a escolha de elementos expressivos entrosados com a composição geral da obra do que a cópia fiel da realidade, podendo-se concluir que “no plano crítico, [...] o aspecto mais importante para o estudo do romance é o que resulta da análise de sua composição, não da sua comparação com o mundo. Mesmo que a matéria narrada seja cópia fiel da realidade, ela só aparecerá tal na medida em que for organizada numa estrutura coerente” (id., *ibid.*: 75).

Nos anos de 1963 e 1964, a disciplina lecionada é “O estudo analítico do poema”. Na “Apresentação do programa” do curso, cujo conteúdo seria depois editado⁵², Candido esclarece que a disciplina não visa a discutir o “problema da criação poética em abstrato”, da “natureza íntima” da poesia, mas abordar manifestações concretas de poemas. Na operação crítica de leitura, Candido distingue como procedimentos técnicos fundamentais o comentário (voltado para o “esclarecimento objetivo dos elementos necessários ao entendimento adequado do poema”, “sobretudo dados históricos e filológicos”), a análise (preocupada com “o levantamento analítico de elementos internos do poema, sobretudo os ligados à sua construção fônica e semântica, e que tem como resultado uma decomposição do poema em elementos, chegando ao pormenor das últimas minúcias”) e a interpretação (etapa “eminentemente integradora, visando mais à estrutura, no seu conjunto, e aos significados que julgamos poder ligar a esta estrutura”). Nesses termos, análise e “interpretação representam os dois momentos fundamentais do estudo do texto, isto é, os que se poderia chamar respectivamente o ‘momento da parte’ e ‘o momento do todo’, completando o círculo hermenêutico, ou interpretativo, que consiste em entender o todo pela parte e a parte pelo todo, a síntese pela análise e a análise pela síntese” (Candido, 2004b: 29)⁵³.

⁵² Cf. Candido, Antonio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo, FFLCH-USP, 1987.

⁵³ No programa do curso oferecido pra o 4º ano/1963, constam os seguintes tópicos debatidos: “Introdução - 1. Os fundamentos do poema: a. sonoridade; b. ritmo; c. metro; d. verso.; 2. As unidades expressivas: a. figura; b. imagem; c. tema; d. alegoria; e. símbolo.; 3. A estrutura: a. princípios estruturais; b. princípios organizadores; c. sistemas de integração.; 4. Os significados: a.

No tocante aos autores estudados nas duas disciplinas oferecidas na graduação, cabe distinguir a seguinte preocupação pedagógica: enquanto que para os alunos do primeiro ano as leituras de ficção e poesia concentravam-se de preferência em “autores tradicionais”, por apresentarem menores dificuldades de leitura, destacado-se Gregório de Mattos, Raimundo Correia, alguns trechos de José de Alencar e contos de Machado de Assis, os alunos do quarto ano e da especialização encaravam uma bateria de leituras de autores relacionados ao movimento modernista e releituras atualizadas “dos ‘clássicos’, como, por exemplo, José de Alencar (*Senhora*) e Machado de Assis (*Quincas Borba*, alguns contos)” (Candido, 2004b: 8)⁵⁴.

Ao longo desses primeiros três anos de trabalho, Candido encarregou-se por conta própria das disciplinas formativas oferecidas para a graduação. Não obstante, ele “preocupou-se desde logo em formar uma equipe, que pudesse continuar e desenvolver as atividades da disciplina recém-criada” (Candido, 1974: 21). O primeiro integrante recrutado para auxiliá-lo nas atividades docentes do curso foi o jovem cientista social e crítico Roberto Schwarz. Filho de imigrantes judeus austríacos que vieram para o São Paulo após a ascensão do nazismo, Schwarz cursou ciências sociais na USP entre 1957 e 1960. Já durante a graduação, ele

sentido ostensivo e latência; b. tradução ideológica; c. poesia “direta” e “oblíqua”; d. clareza e obscuridade.; 5. A unidade do poema”. No volume *O estudo analítico do poema* (2004), contudo, o material abrange apenas os dois primeiros tópicos.

⁵⁴ Essa mesma preocupação pedagógica encontrava-se no esmero dispendido no preparo prévio do conteúdo das aulas ministradas. Com efeito, Arriguuci Jr. destaca “a fala do grande professor, que, com notável senso auditório, busca comunicar até o mais complexo e intratável dos assuntos em termos acessíveis à maioria. Nesse sentido o seu estilo escrito depende, em larga medida, da fala do mestre incomparável que ele é em classe, e uma de suas proezas é decerto ter levado à elaboração de sua escrita também este elemento de sua prática efetiva como professor, sem se deixar petrificar no estilo pomposo do formalismo professoral, na pior acepção do termo” (Arriguuci Jr., 1999 :239).

No livro *Destino ímpar*, Sylvia Gemignani Garcia confronta as características docentes de Florestan Fernandes e Antonio Candido, ressaltando as transformações pedagógicas deflagradas por ambos no período em que atuavam como professor-assistente na cadeira de sociologia II. Por iniciativa de Candido, logo encampada por Florestan Fernandes, os assistentes deram início com os alunos da graduação turmas de leitura e interpretação de textos, conhecidos como “colóquios”, com vistas a minorar a carência de conhecimentos gerais dos alunos ingressantes através do contato com os rudimentos das disciplinas de ciências sociais. Para a autora, Florestan Fernandes e Antonio Candido encarnavam “estilo acadêmicos muito diferentes, que se expressavam nitidamente nas salas de aula”(Garcia, 2002 :144). Enquanto para Florestan, a sala de aula funcionava como esboço para o resultado final de suas reflexões, para Candido, o magistério tinha como função priorizar a importância do processo formativo dos alunos.

estabeleceu contato com Candido, tendo sido seu aluno no terceiro ano do curso na disciplina “Organização Social do Brasil”. Além disso, o jovem sociólogo havia chamado a atenção do mestre por intermédio da publicação de artigo sobre o romance *O Amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, no *Suplemento Cultural* de O Estado de S. Paulo. Mas é no término da graduação que, levando em conta as dificuldades em se adaptar ao formato de trabalho acadêmico corrente nas ciências sociais e a discrepância entre suas preocupações intelectuais efetivas e as vertentes temáticas predominantes na área da sociologia, Schwarz decide procurar, por ocasião do “II Congresso de Crítica e História Literária” em Assis, Antonio Candido, no período, como vimos, vinculado a esta instituição. No depoimento do autor: *“No terceiro ano da faculdade comecei a enxergar o rumo que as ciências sociais tomavam. Estava ficando claro que o bom sociólogo era alguém que faria pesquisa empírica, de preferência quantitativa, com metodologia norte-americana. Eu senti que não era minha vocação. Fui, então, chorar as mágoas com Antonio Candido, que tinha passado para as letras, e naquele momento, estava em Assis. [...] Então fui até lá perguntar a ele o que achava da minha crise, que, mal comparando, já tinha sido a dele. Ele me estimulou e depois me convidou a ser assistente dele, desde que eu fizesse um mestrado em teoria literária e literatura comparada no estrangeiro.”* (Schwarz, 1997c: 10).

Decidida a questão, Schwarz foi contratado como professor-assistente da área de TLLC e, ao mesmo tempo, por recomendação de Candido, obteve uma bolsa de pesquisa para aperfeiçoar os estudos em teoria literária no meio universitário norte-americano, no período de um ano e meio, sob a orientação de René Welleck na Universidade de Yale⁵⁵. De volta em meados de 1963, Schwarz foi

⁵⁵ No memorial apresentando em 1990 na Unicamp, Schwarz comenta sobre as impressões iniciais ambivalentes suscitadas pelo meio-acadêmico norte-americano: *“Em Yale recebi as primeiras impressões – contraditórias – da vida norte-americana. Tomei contato com a envergadura e opulência das universidades, a presença freqüente de nomes ilustres, a riqueza das bibliotecas, os professores e estudantes vindos de toda parte, o ritmo intenso de trabalho (p.2). No mesmo documento, ele se refere aos cursos acompanhados na pós-graduação. São eles: 1961/1962: Literary Criticism in the Later Nineteenth Century (Wellek) – Honors; Dostoievski in his European Setting (Wellek) – H; Aspects of the Modern Novel (R.W.B Lewis) – H; Lessing (Demetz) – H; 1962/1963: European and American Criticism of the 20TH Century (Wellek) – H; European Realism (Demetz) – H; American Literature (Feidelson) – H; L’Art du Théâtre du XVI^e Siècle à Diderot (Guicharnaud) – H”*. Dentre eles, destaca as aulas “do professor Charles Feidelson Jr., empenhado em assinalar e interpretar as singularidades da tradição literária e reflexiva local, vista do ângulo de

nomeado professor-assistente do curso, ficando encarregado das aulas de “Introdução aos Estudos Literários”. Sobre esse período, ele declara: “*A pós-graduação estava começando. Na época só fazia mestrado e doutorado o pessoal que já estava trabalhando nalguma cadeira. Como eu vinha de Ciências Sociais, para ensinar em Letras precisava de um título apropriado. Fui aos Estados Unidos fazer um mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada, na Universidade de Yale*” (Schwarz, 2004: 14). Por outro lado, é possível encarar a escolha da Universidade de Yale como uma instituição estratégica na medida em que permitiu ao futuro crítico reciclar sua formação prévia como cientista social e autodidata em teoria literária mediante um estágio prolongado de maior familiarização com a linguagem e com as técnicas de análise praticadas pelas principais tendências críticas voltadas para análise imanente das obras literárias⁵⁶.

No nível da pós-graduação - por enquanto “Especialização”, ou quinto ano -, o curso começara a oferecer disciplinas formativas desde 1961, ocorridas na “sala 11, a sala de aulas maior do prédio da rua Maria Antônia, às sextas-feiras, às dez, aula dupla, prolongando-se até depois do meio-dia” (Lopez, 1992: 43). No primeiro ano de atividades, a disciplina lecionada concentrou-se na discussão dos principais problemas sobre Ecdótica (Edição Crítica)⁵⁷, examinando, para efeito de demonstração, alguns contos de Machado de Assis. Não obstante as dificuldades de se acompanhar assunto temático de ordem técnica, restrito ao domínio de

sua precariedade em comparação com a Europa, ponto de vista sugestivo para um brasileiro” (Schwarz, 1990:2). Uma amostra significativa da sua produção crítica realizada nesse período – sobretudo por intermédio dos trabalhos de aproveitamento de curso - encontra-se em *A Sereia e o Desconfiado* (1965/ 1981), primeira publicação de ensaios do autor.

⁵⁶ É relevante lembrar que o outro crítico convidado para auxiliar nas atividades do curso foi Haroldo de Campos. Como ele registra, “*eu fui realmente convidado por Antonio Candido para ser assistente dele. Isso depois do Congresso de Crítica Literária de Assis (SP) e de eu ter publicado na imprensa meus primeiros artigos sobre Oswald de Andrade ('Miramar e Macunaíma', de 63), depois também de eu ter sido escolhido por Candido para escrever os prefácios para a reedição da prosa e da poesia oswaldianas. Aconteceu que eu já tinha carreira feita, no campo jurídico, àquela altura. Nunca tinha dado aulas, achei que mudar de profissão poderia me complicar a vida. Fiquei muito contente, muito homenageado com a lembrança do Candido, que sempre foi muito cordial, muito elegante para comigo*” (Campos, *Folha de S.Paulo*, 5/04/1992).

⁵⁷ Parte do conteúdo ministrado nesse curso pode ser encontrado no volume: Candido, Antonio (2005). *Noções de análise literária*. São Paulo, Associação Editorial Humanitas.

especialistas, esta disciplina viria a ser bastante proveitosa para alguns de seus alunos ouvintes⁵⁸.

Se levarmos a sério uma afirmação de Candido que assinala o fato de que “as aulas estimulavam meus escritos, e quase todos os meus **ensaios são sucedâneos de cursos e conferências**” (Candido, 1993a:39 - grifos nossos)⁵⁹, poderemos obter uma visão aproximada do conteúdo de alguns cursos oferecidos e das questões candentes nele debatidas. Para as leituras dos contos de Machado de Assis realizadas no curso de Ecdótica, podemos recorrer ao importante ensaio “Esquema de Machado de Assis”. Segundo Candido, ao contrário da existência pacata e apegada ao formalismo dos encargos públicos que exerceu, na obra machadiana “funcionava um escrito poderoso e atormentado, que recobria os seus livros com a cutícula do respeito humano e das boas maneiras para poder, debaixo dela, desmascarar, investigar, experimentar, descobrir o mundo da alma, rir da sociedade, expor algumas das componentes mais esquisitas da personalidade. Na razão inversa da sua prosa elegante e discreta, avultam para o leitor atento as mais desmedidas surpresas” (Candido, 1995d: 21). Após definir o “tom machadiano”, isto é, a matriz formal que rege a ficção do autor, baseada na sugestão das “coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob a aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro”(id., ibid.: 27), Candido

⁵⁸ Em entrevista realizada em 8/12/2004, Walnice Nogueira Galvão chamou minha atenção para a importância dessa disciplina, observando que ela e Telê Ancona Lopez foram beneficiadas por participarem do curso quando vieram a confeccionar, respectivamente, as edições críticas de *Os Sertões*, *Grande Sertão: Veredas* e das obras de Mário de Andrade. Não tenho dúvidas quanto ao impacto do estudo da crítica textual no conjunto da produção intelectual de Tê Ancona Lopez, posto que ela foi a principal responsável, por exemplo, após permanente “insistência amável”, pela recente publicação da apostila didática “*Noções...*” (2005). Contudo, diversamente da trajetória formativa de grande parte dos alunos de Candido, Telê realizou sua graduação fora da USP e não chegou a cursar essa disciplina uma vez que em 1961 ela ainda estudava na PUC de São Paulo. Apenas em 1962 ela ingressa na especialização, quando teve “obrigação de freqüentar também as aulas de teoria do quarto ano do quarto ano - *Fogo Morto*, de José Lins do Rego” (Lopez, 1992: 43).

⁵⁹ Nesse sentido, Walnice Nogueira Galvão recorda que a “seus jovens colaboradores ensinava, com paciência e reticência, que os alunos merecem a atenção de uma aula previamente preparada. [...] A aula deve ser estudada, fundamentada, redigida... e até batida à máquina de antemão. Com isso, dizia, em vez de vocês dispersarem seus esforços, a cada par de anos poderão dispor de um ensaio original quase pronto para publicar” (Galvão, 1992:48).

aborda os principais contos do escritor carioca, ressaltando em seu conjunto temas recorrentes como a crise de identidade do sujeito, os grandes dilemas éticos e morais, as fronteiras porosas entre sanidade e loucura, a aspiração obsessiva da perfeição artística, a relação entre fatos reais e imaginados, os sentidos (ou ausências de) dos atos individuais e a reificação das relações humanas.

No ano seguinte, o assunto tratado na “Especialização” foi a leitura do romance *Quincas Borba*⁶⁰, de Machado de Assis. Sobre a importância desse curso, Lopez recorda que “nunca vou esquecer a força que o episódio da cestinha de frutas ganhou, na crítica de Antonio Candido. Ou, a educação da leitura, a chegada do elemento externo ao texto, do social, a pedido desse mesmo texto para uma correta interpretação: Sofia passa de caleça, veículo dos bem-postos, indício da ascensão social que alcançava. Ovo de Colombo para quem não passava de menina xereta” (Lopez, 1992: 43)⁶¹.

Nesse primeiro momento, o perfil heterogêneo do público discente que confluía ao curso, composto de estudantes egressos de diversas áreas de conhecimento⁶² (direito, pedagogia, ciências sociais, etc), escritores, pesquisadores de áreas afins e curiosos - como lembra Lopez “vinha gente do cinema - o Maurice Capovilla, o Rudá de Andrade, às vezes, até o Paulo Emílio Salles Gomes. Vinham senhoras da alta sociedade [...] Lúcia Fagundes e compareciam os matriculados, quase tudo meninada” (Lopez, 1992: 43) - acabavam por transformar as aulas num processo coletivo de reflexão e debate. Em depoimento pessoal, Candido esclarece

⁶⁰ Ao contrário dos outros cursos, a discussão em sala de aula realizada na leitura desse romance não pode ser vislumbrada ou aferida em qualquer ensaio de autor. No entanto, em intervenção em mesa redonda, Candido recorda um aspecto debatido com os alunos, ao observar que num “seminário da Especialização (como se chamava), no ano de 1963, estávamos analisando o *Quincas Borba* em equipe. A certa altura alertei para o que me parecia um defeito de composição, a saber: quando a trama vai se complicando e vão surgindo novos personagens, o autor descuida do principal, Rubião, e só vai retomá-lo quase no fim. Mas uma estudante de alta qualidade, Pérola de Carvalho, observou que não se tratava de um erro, e sim de um modo sutil de indicar na própria estrutura da narrativa a devoração lenta de Rubião pelos egoísmos e interesses de aproveitadores, com Sofia e Palha na frente. O seu eclipse era a técnica usada para a fim de mostrar Humanitas devorando Humanitas para que Humanitas sobrevivesse, de modo que quem punha o personagem de lado era a lógica da narrativa” (Candido, 1990: 210).

⁶¹ Com a ressalva, apenas, do lapso da autora nessa passagem ao evocar no lugar de *Quincas Borba* outro romance do bruxo do Cosme Velho: *Dom Casmurro*. Anos depois, Teresa Vara apresentará como tese de doutorado o estudo, baseado numa leitura do romance.

⁶² É o caso, por exemplo, de Celso Lafer, Maria Fraga Rocco, Victor Knoll, Mariano Carneiro da Cunha, entre outros, provenientes de diversas áreas de conhecimento no interior da USP.

que no curso relativo ao *Quincas Borba*: “Eu cheguei a propor aos alunos que dividissem o romance em capítulos que ficariam a cargo de pequenos grupos para apresentação de um trabalho final.”(Depoimento concedido em 15/06/2005). À medida que a organização interna do curso se consolida, o influxo do público discente fica restrito somente aos alunos de Letras.

É interessante observar que as primeiras disciplinas conduzidas no nível da “Especialização” do curso de TLLC reproduzem os parâmetros curriculares estabelecidos na Faculdade de Filosofia e Letras de Assis. A exemplo das disciplinas facultadas no interior do estado, Candido apostou de início em cursos monográficos voltados para problemas de crítica textual e leituras dos principais romancistas brasileiros do século XIX. Além disso, cumpre salientar que na “Especialização” permanecia a mesma preocupação de ensino centrado no estudo concreto dos textos literários em lugar do estudo dos períodos e da bibliografia dos autores. Na rubrica “Crítica e Teoria de Ensino”, presente em seu memorial, Candido declara sua “atenção constante em relação à análise literária como atividade central do ensino. Ela se manifesta sobretudo nos cursos, em grande parte dos quais a Teoria é canalizada para o estudo dos textos [...]” (Candido: 1974: 5).

A partir de 1963, os cursos oferecidos tanto para o quarto ano quanto para a “Especialização” passam a explorar a produção poética dos principais expoentes do modernismo brasileiro, voltando-se para a análise monográfica sobretudo das obras de Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. É instrutivo assinalar que ainda nesse momento o currículo dos cursos de Letras ficava circunscrito até o estudo de autores naturalistas - admitindo-se, no limite, a leitura de Aluísio Azevedo e Raul Pompéia - seguindo critérios vigentes em nível mundial, que estabeleciam como legítimas apenas as análises de autores já assentados pelo juízo da tradição crítica. Contrapondo-se aos padrões vigentes dessa tradição de ensino acadêmico, sintetizados pela afirmação do professor Fidelino de Figueiredo, para quem “Só se estuda autor morto, porque a obra já está fechada e você pode fazer a avaliação”, Candido oferece para os alunos do quarto ano cursos centrados nos principais autores do modernismo, auxiliado por sua vez pela publicação “de edições acessíveis dos poetas, as da Editora do Autor, no Rio de

janeiro, dirigida por Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos. Eles fizeram antologias de Cecília Meireles, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Vinícius de Moraes e outros. Com esses livros em mãos, pude dar curso sobre os poetas modernos” (Candido, 2002b: 25)⁶³. Em relação a este aspecto, observa Arriguicci Jr: “O primeiro impacto, muito grande, é que o Candido trazia para dentro da universidade o estudo da literatura moderna, que antes ali não existia [...] De repente trazia Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Cecília Meireles, Drummond (Arriguicci Jr., 1999: 344). Essa escolha parece estratégica já que Candido, em virtude de suas relações pessoais e intelectuais com as principais autores do movimento modernista, tornou-se, de certa forma, herdeiro dessa tradição intelectual, contribuindo para sua sedimentação no interior da academia.

Em consequência, no decorrer do ano de 1963 os alunos do quarto ano enfrentaram, como se pode constatar no conjunto das aulas datilografadas reunidas em *O estudo analítico do poema*, a leitura de poemas de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Mário de Andrade e João Cabral de Mello Neto. Em relação a Manuel Bandeira, o depoimento entusiasta da então aluna Maria Fraga Rocco permite recompor com nitidez o andamento das discussões realizadas durante as aulas. Segundo a autora, durante as primeiras aulas do curso Candido indicou aos alunos a leitura da recém-publicada *Antologia Poética* de Bandeira, orientando-os “para que lêssemos todos os poemas e anotássemos o nome daqueles que mais nos tinham atraído. Era tarefa para a aula seguinte. Não se tratava exatamente de uma ordem - antes uma indicação de caminho que pessoa alguma sequer cogitava em não seguir [...]”.

⁶³ A respeito dessa tendência consuetudinária de estudos nas Letras, Candido afirma: “*Há uma tradição universitária, não brasileira, mas universal, de você só estudar autores mortos. Tem uma certa justificativa: a obra está pronta, você tem uma perspectiva completa. Na França, por exemplo o primeiro autor moderno a ser estudado na Sorbonne foi Guillaume Apollinaire, em 1960, mais ou menos, depois de 42 anos de sua morte em 1918, por iniciativa de uma mulher, Marie Jeanne Durry. Objeto de tese podia ser, como Valéry foi ainda vivo. Mas dar curso para os alunos não podia. Isso é universal*” (Candido, 2002b: 25). Ao contrário, Candido “*partia de um ponto de vista diferente, inclusive devido ao que li no Anuário do Instituto de Inglês, da Universidade de Columbia, para o ano de 1940, livro que Mário de Andrade me deu. Lá havia um estudo de William York Tindall sobre a pesquisa erudita em literatura contemporânea, tão legítima quanto qualquer outra*” (id., ibid.:25). Agradeço a Walnice Nogueira Galvão pela indicação dessa entrevista.

Antonio Candido, como fazia com todos os textos que cada um de nós indicava, leu o poema todo, *disse* o poema, daquela forma tão especial que caracterizava suas leituras em classe”. Ao final, “a escolha recaiu em “Última Canção do Beco”. Semanas e semanas permanecemos debruçados sobre o poema” (Rocco, 1992: 177)⁶⁴.

Em “Estrela da Vida Inteira”⁶⁵, Candido e Gilda de Mello e Souza esboçam um panorama do conjunto da obra do poeta pernambucano, constatando nela “certo tipo de materialismo que o faz aderir à realidade terrena, limitada, dos seres e das coisas, sem precisar explicá-los para além de suas fronteiras; mas denotando um tal fervor, que bane qualquer vulgaridade e chega, paradoxalmente, a criar uma espécie de transcendência, uma ressonância misteriosa que alarga o âmbito normal do poema” (Mello e Souza e Candido: 1980: 58). Essa paradoxal reversão de sentidos entre adesão e transcendência ganharia expressão no lirismo amoroso e na evocação da morte, vazadas num estilo despojado de artifícios, reduzido ao essencial. Avaliando o percurso estilístico da poesia de Bandeira, da influência literária penumbrista às conquistas estéticas modernistas, o casal assinala “duas conseqüências aparentemente contraditórias: de um lado, a adesão mais firme ao real, reforçando a naturalidade ameaçada pela delinqüência pós-simbolista; de outro lado, a criação de contextos insólitos, libérrimos, parecidos com os mundos imaginados, mas rigorosos, da arte moderna. E assim veremos, na sua poesia madura, o cotidiano tratado com um relevo que sublinha a sua verdade simbólica e, inversamente, o mistério tratado com uma familiaridade minuciosa e objetiva que o aproxima da sensibilidade cotidiana -, porque o poeta conquistou a posição-chave que lhe permite compor o espaço poético de maneira a exprimir a realidade do mundo e as suas mais desvairadas projeções” (id., *ibid.*: 63).

Após a tentativa de apreciação abrangente das principais características da obra poética de Bandeira, o casal seleciona como exemplo concreto o poema “Canção das Duas Índias” a fim de discutir os temas e facetas mais salientes da poética bandeiriana: a frustração diante das alternativas de vida impedidas pela

⁶⁴ Ao que tudo indica, esse mesmo conteúdo programático foi reproduzido no ano seguinte para os alunos do quarto período.

⁶⁵ Cf. Mello e Souza, Gilda e Candido, Antonio. “Estrela da Vida Inteira” in *Exercícios de Literatura*, São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1980.

doença, a visão onírica como refúgio imaginário, musicalidade dos versos, golpe de vista certo para surpreender o “momento poético”, a presença constante da figura da morte, o sentido das imagens recorrentes da rosa e estrela.

Na “Especialização”, a disciplina de 1963 se volta para o exame da poesia de Mário de Andrade. Durante meses os alunos exploraram com minúcia o poema “Louvação da Tarde”. Novamente, podemos nos valer do ensaio “O Poeta Itinerante” como ponto de partida para desvendar o conteúdo ministrado no decurso das aulas. No entender de Candido, esse longo poema meditativo, escrito em outubro de 1925, registraria tanto um momento de guinada no itinerário poético de Mário de Andrade, ao realizar a transição da poesia “mais exterior dos primeiros tempos de luta modernista” para as “manifestações de um lirismo mais profundo, menos comprometido com a notação exterior e o pitoresco”, quanto transformações mais gerais no interior do ideário estético modernista, ao incorporar “as conquistas expressionais e temáticas a um esquema do passado”, indicando que a “mensagem da vanguarda poderia se entroncar na tradição” (Candido, 1993e: 258). Através de uma “leitura crítica” da composição do poema, baseada no exame de seus aspectos técnicos (verso, ritmo e vocabulário) e por meio de inferências comparativas com certas modalidades tradicionais de poesia meditativa romântica, de procedência inglesa e francesa, Candido demonstra as inovações produtivas conferidas por Mário na temática: a presença do automóvel no lugar da caminhada solitária ou a cavalo e a extensa amplitude do devaneio, abarcando tanto reflexões pessoais quanto ponderações de ordem mais geral sobre o país. Por tudo isso, Candido conclui que “o tema de ‘Louvação da tarde’ parece transcender ao tempo, na medida em que encarna também o andamento da produção literária, mostrando que Mário de Andrade era capaz de passar do modernismo propriamente dito à modernidade, que recupera a tradição de superá-la” (id., *ibid.* : 278).

No decorrer das aulas do curso surgiu a idéia de proceder com os alunos interessados um levantamento sistemático das anotações marginais registradas nos livros presentes na biblioteca particular de Mário de Andrade. Como descreve Lopez: “Em maio, Antonio Candido contou que os livros do autor de *Macunaíma* eram donos de uma rica *marginalia* que precisava ser levantada e estudada. Eu me

assanhei e propus: 'Nas férias de julho se podia fazer isso'. A classe visitou a casa da Lopes Chaves; vimos os livros e em julho, de fato, começamos. Maria Helena Grembecki, uma jovem chamada Yvone Aguilera, depois substituída por Nites Feres, pesquisadora exemplar, e eu. Entramos em 63 e o trabalho só terminou em agosto de 68, isso porque, com a ajuda do professor, começamos a microfilmarmos. Tombamos os livros e transcrevemos/microfilmamos a *marginalia*. O método era simples: ficha laranja - ou terra de Sienas, como falávamos, convencidas - para o registro bibliográfico e brancas para as anotações de Mário (Lopez, 1992: 45)⁶⁶.

No ano de 1964, o curso oferecido abordou o universo poético de Carlos Drummond de Andrade. No ensaio "Inquietudes na poesia de Drummond", Candido identifica as principais características e temas da obra poética do escritor mineiro, chamando a atenção para a relação conflituosa de base entre a experiência existencial e social - individual e coletiva - na construção do discurso lírico de Drummond, ambas referidas "ao problema decisivo da expressão, que efetua a sua síntese" (Candido, 1995c: 112). Considerando tais inquietudes como um "núcleo emocional a cuja volta se organiza a experiência poética" de Drummond, Candido destaca como principais preocupações dessa poesia o questionamento sobre a exploração da subjetividade como matéria poética, o sentimento permanente de culpa revelado pelo tema da automutilação, a relação tensa com o mundo social abrangente, vista pelo ângulo do amor, da sociedade e da família sob a forma distorcida da frustração amorosa e da rotina conjugal convencional, da incompreensão, incomunicabilidade e medo diante da realidade ao redor, a despeito das tentativas de engajamento e participação ensaiadas pela poesia social, e da lembrança remissiva da cidade natal, da casa familiar e da autoridade patriarcal na tentativa de se auto-compreender. Ao lado desse conjunto de temas, sobressai na obra de Drummond a meditação sistemática "sobre o problema da poesia", carreando para o domínio estético as inquietudes que a caracterizam.

É publicado no mesmo ano *Tese e Antítese*, volume composto de ensaios redigidos em diferentes circunstâncias e impressos nos principais veículos da

⁶⁶ Nessa mesma época, outra aluna do curso, Pérola de Carvalho, foi convidada por Candido a elaborar pesquisa de doutorado sobre a produção jornalística de Machado de Assis. Essa pesquisa, contudo, não chegou a ser concluída.

grande imprensa. A despeito dos ensaios densos e sofisticados sobre Alexandre Dumas, Joseph Conrad, Stendhal, Eça de Queirós, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos, nos quais Candido demonstra domínio absoluto sobre os temas discutidos, as análises são representativas de um momento anterior, vinculado à fase de crítica militante do autor. No conjunto, os ensaios averiguam o processo de “divisão ou alteração, seja na personalidade do escritor, seja no universo de sua obra” (Candido, 1964: introdução).

Entre 1964 e 1965, a convite da Universidade de Paris VIII (Sorbonne), Candido se afasta das funções acadêmicas da Faculdade para lecionar nos quadros dessa prestigiosa instituição. Atento aos acontecimentos marcantes de ordem política que convulsionavam o país nesse momento e estimulado pela proposta recebida, Candido aproveita a oportunidade para também se afastar do cerne da vida pública brasileira. Nessa ocasião, ele ministrou cursos sobre romance brasileiro moderno, em nível de pós-graduação, e sobre poesia árcade, a poesia indianista de Gonçalves Dias, a obra de Carlos Drummond de Andrade e o romance urbano brasileiro para a graduação. Essas escolhas temáticas⁶⁷, em grande parte destoantes do conteúdo programático lecionado no Brasil, decorrem de imposições “de programas pré-determinados que eu tive que seguir. Eu dava aulas na Sorbonne e no Institut des Hautes Études de l’Amérique Latine, seguindo exatamente em ambos o que o Ministério da Educação francesa havia determinado. Em geral, eles incluíam nos curso autores que seriam objetos de concurso”. (Depoimento concedido em 15/06/2005).

Ao cabo de cinco anos de funcionamento, o curso de TLLC reunia as condições básicas necessárias para dar continuidade com êxito aos empreendimentos de ordem acadêmica, destacando-se: a) formação de grupo de alunos e discípulos empenhados em levar adiante os projetos intelectuais de seu principal responsável; b) início das primeiras de pesquisas científicas com base nas

⁶⁷ De acordo com memorial de Candido, os curso lecionados foram: a) Graduação: 1964 -1965 – Les poètes de l’ escola Mineira (1º sem. Sorbonne); Tomás A. Gonzaga et les Cartas Chilenas (2º sem. Idem); Les roman urbain dans la littérature brésilienne: Manuel Antonio de Almeida (1º sem. Institut des Hautes Études de l’ Amérique Latine); La poésie moderne et Carlos Drummond de Andrade (2º sem. Idem); 1965 – 1966 – “Cláudio Manuel da Costa et les poètes de l’ Escola Mineira (1º sem. Sorbonne); “La poésie indianiste et Gonçalves Dias (1º sem. Institut des Hautes Études de l’Amérique Latine;b) Pós-graduação: Structure du roman brésilien moderne (1º sem. 3º ciclo).

frentes temáticas transmitidas pelas disciplinas lecionadas; c) expansão do quadro docente, com elementos recrutados dentre os próprios alunos. Nesse último, é possível discernir como critério de recrutamento dos pesquisadores passíveis de preencher as vagas disponíveis no curso, a preferência tanto por alunos formados sob a tutela de Candido que firmavam sua reputação pelo alto nível de desempenho intelectual demonstrado ao longo das participações nos cursos oferecidos quanto através do contato pessoal de Candido com a excelência da produção crítica de pesquisadores oriundos de outros departamentos ou instituições.

Em 1965 é publicado *Literatura e Sociedade*, coletânea composta por oito ensaios distribuídos entre panoramas histórico-literários e intervenções teórico-metodológicas. Na primeira parte do livro, Candido discute e sistematiza as principais questões e problemas referentes à área da sociologia da literatura, sustentando que o verdadeiro desafio colocado para essa vertente consiste em apreender os fatores sociais enredados nas obras literárias “não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura [da obra], tornando-se, portanto, *interno*” (Candido, 2000: 6). Com a publicação do livro, pode-se perceber, nesse momento, a preocupação de Candido em afirmar a identidade disciplinar da modalidade de crítica por ele defendida, demarcando-se as fronteiras entre as áreas de estudo e fixando um determinado estilo de trabalho intelectual.

Nos dois anos em que Candido se ausentou, as atividades do curso no nível da graduação foram exercidas pelos assistentes Roberto Schwarz e Walnice Nogueira Galvão, essa contratada em 1965 para auxiliar a equipe da disciplina. Formada em ciências sociais com especialização em letras pela FFCL-USP, Walnice foi uma das primeiras alunas de Candido no curso⁶⁸. Em uma análise da composição dos estudantes em termos de gênero, é relevante observar que apesar

⁶⁸ Levando-se em conta os critérios de recrutamento esboçados acima, Walnice estaria relacionada ao primeiro deles. No primeiro curso oferecido por Candido para o quarto ano da graduação, sobre “Teoria do Romance”, Walnice entregou como trabalho de conclusão um precioso estudo, intitulado “No tempo do rei” sobre *As Memórias de um Sargento de Milícias*, que recebeu a nota máxima e foi encaminhado por Candido para a publicação no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*. Valeria a pena confrontá-lo com a “Dialética da malandragem”, pois acredito que ele proporciona uma via de acesso ao longo processo compositivo do célebre estudo. Cf. Galvão, Walnice Nogueira (1976) “No tempo do rei” in ___ *Saco de Gatos*, São Paulo, Editora Duas Cidades.

do predomínio de mulheres freqüentando os cursos de Letras, nesse período a crítica literária brasileira ainda consistia num domínio marcadamente masculino, a despeito de algumas raras exceções, como é o caso, por exemplo, da crítica Lúcia Miguel-Pereira. Veremos com maiores detalhes esse aspecto adiante.

2.1.2 – Consolidação (1965 - 1970)

Em regresso ao país, Candido decide expandir as atividades acadêmicas do curso, inaugurando o regime de pós-graduação. Como Lopez, relata: “Voltando, em 66, comunicou-nos: Vocês vão fazer máster, que agora é o começo da carreira na universidade!” (Lopez, 1992: 45). As modificações desse período, com a criação da pós-graduação da área de TLLC, marcam a sua consolidação, começando a ganhar os contornos definitivos que perdurarão nos anos seguintes. Em lugar da disciplina isolada na “Especialização”, os alunos deveriam cursar o conjunto de disciplinas da recém-criada pós-graduação⁶⁹.

Do ponto de vista da estrutura curricular, o conjunto de disciplinas que formavam o currículo da pós-graduação ficava sob responsabilidade dos principais integrantes do grupo *Clima*. Antonio Candido ministrava os cursos de *Teoria Literária A e B*; Paulo Emílio Salles Gomes oferecia a disciplina *Teoria e História do Cinema*; Ruy Coelho era responsável pela disciplina optativa de *Sociologia da Arte ou Literatura*; Gilda de Mello e Souza lecionava a disciplina optativa de *Estética*; e, finalmente Walter Zanini⁷⁰, com *História da Arte*. Essa forte unidade curricular, composta em torno de intelectuais que compartilhavam, como vimos atrás, de um ideário crítico comum, contribuiu para homogeneizar as disposições intelectuais e cognitivas dos alunos. Com efeito, os depoimentos disponíveis de ex-alunos registram a influência impregnante do grupo de professores, fortalecendo os mecanismos de coesão interna e a eficácia do processo de socialização acadêmica na área. Adélia Bezerra de Menezes pondera: “Em suma: éramos alunos do Grupo Clima! (Seríamos os “chatos netos”?)” (Menezes, 1988:131).

⁶⁹ A partir desse momento passo a designar o curso de TLLC por *área* de TLLC, em razão da ampliação das suas atividades acadêmicas.

⁷⁰ Segundo declaração de Candido: “Nunca ninguém escolheu História da Arte”. (Depoimento concedido em 15/06/2005)

Nesse sentido, é possível afirmar, como assinala Bourdieu, que “o que os indivíduos devem à escola é sobretudo um repertório de lugares-comuns, não apenas um discurso e linguagens comuns, mas também terrenos de encontro e acordo, problemas comuns e maneiras comuns de abordar tais problemas comuns”. Na aprendizagem escolar se transmite “um programa homogêneo de percepção, de pensamento e de ação [que] constituem o produto mais específico de um sistema de ensino. Os homens formados em uma dada disciplina, ou em uma determinada escola, partilham de um certo ‘espírito’, literário ou científico” (Bourdieu, 1999: 207). A solidariedade do grupo responsável pela pós-graduação garantiu a permanência de uma tradição de pesquisa acadêmica particular entre os alunos, que contrasta ainda hoje com outros centros de pesquisa e instituições universitárias.

A admissão dos pesquisadores ingressantes na pós-graduação ficava a cargo de entrevista pessoal com o próprio Candido, que decidia quem seriam os alunos adequados a aprimorar sua formação acadêmica e a acompanhar os cursos oferecidos. Conforme ele registra: “Os candidatos são entrevistados, avaliando-se o nível da instituição de que precederam, a qualidade de seus professores, o currículo do aluno, seus conhecimentos na matéria, habilidade de ler em línguas estrangeiras e tempo disponível. Após a aceitação pelo professor, faz-se necessária também a aceitação pela CPG. Quanto à duração do curso, tudo depende do plano de trabalho de cada um” (Candido, 1973:417). Nesse regimento, a área funcionava da seguinte forma: “Durante o primeiro ano o aluno era levado a fazer cursos estranhos ao currículo de Letras, tais como: Teoria e História do Cinema, Estética, Sociologia da Literatura, História da Arte. Durante o segundo ano, estudava as Teorias Críticas, após o que os bons alunos eram encaminhados para a elaboração de uma tese” ⁷¹ (Candido, 1973:415).

⁷¹ Com seus orientandos, Candido organizava seminários em que cada um expunha publicamente a pesquisa que estava desenvolvendo. Vara registra que “*Ali naquela pequena sala da Maria Antônia vi surgirem os primeiros e mais importantes trabalhos que iriam definir, mais tarde, as diversas linhas de pesquisa em Teoria Literária e Literatura Comparada, todos eles voltados para as relações entre forma literária e realidade social: o trabalho de Roberto Schwarz sobre o romance machadiano, a tese de Walnice Nogueira Galvão sobre Guimarães Rosa, a pesquisa de João Alexandre Barbosa sobre José Veríssimo, o trabalho de Onédia Pereira de Queiroz [Barboza] sobre*

No biênio 66/67, as disciplinas da “Especialização” consistem em cursos monográficos sobre poetas brasileiros: em 1966 é oferecido curso sobre o poema *I – Juca Pirama*, de Gonçalves Dias; no ano subsequente, os autores examinados são Gregório de Mattos, alguns poetas românticos e Manuel Bandeira. Na graduação, Candido retoma as aulas para o quarto ano com os seguintes cursos: “Compreensão e realismo no romance”, em 1966, e no ano seguinte “Realidade e irreabilidade na ficção”, averiguando a saga de “A Demanda do Santo Graal”.

Em função do recrudescimento da repressão política em 1968, Candido decide deixar novamente o país, dirigindo-se nessa oportunidade para os Estados Unidos. Na Universidade de Yale, ele leciona na pós-graduação o curso “Le milieu et la représentation dans le roman naturaliste”⁷². Ao retornar ao Brasil, Candido ministra seu último curso no regimento antigo da pós-graduação: “Leitura política dos textos literários: o Ricardo II, de Shakespeare”. À primeira vista, o tema oferecido se afasta das preocupações intelectuais centrais de Candido. No entanto, nessa conjuntura, marcada pela repressão política e censura, o conteúdo disciplinar do curso fazia alusão ao regime autoritário em voga, compondo um sugestivo paralelo com a realidade do país no final da década.

No ensaio “A culpa dos reis: mando e transgressão no *Ricardo II*”, pode-se divisar o conteúdo das discussões em sala de aula. Após resumir os acontecimentos da peça *Ricardo II*, um dos dez dramas de Shakespeare sobre a história da Inglaterra, no qual sobrepõem como episódios centrais a usurpação do trono e o assassinato de Ricardo pelo príncipe Henrique Bolingbroke, Candido procura averiguar “algumas situações dramáticas e as imagens que constituem o substrato simbólico da peça, transfigurando a realidade dos interesses políticos”. No núcleo da peça, instaura-se o conflito dramático entre a legitimidade convencional do mando baseada no direito divino e na hereditariedade, encarnada por Ricardo, e a usurpação do trono amparada na eficácia da atuação de Henrique. Com isso, “a

as repercussões de Byron no Brasil, e as primeiras leituras de Mário de Andrade, realizadas por Telê Ancona, Nites Terezinha Feres e Maria Helena Grembecki” (Vara, 2001: 29)

⁷² Novamente, a saída do país resulta da conjuntura repressiva e do início dos processos de cassações que assolavam os meios universitários. A respeito do período vivenciado em Yale, podemos lançar mão de uma crônica evocativa de Francisco de Assis Barbosa, intitulada “Madison, Ws, 1968”. Cf. *Esboço de figura*. (1979) São Paulo, Editora Duas Cidades.

estrutura do poder no Ricardo II condiciona a ação dramática e o sistema simbólico, pois as situações e as imagens são geradas em grande parte pelo direito divino, a unção religiosa e a personalidade do rei. Assim, nas partes iniciais avultam as imagens ligadas ao sangue, veículo do direito divino [...] No meio da peça avultam imagens vegetais e cósmicas, assim como referências à unção; elas marcam a crise do poder, com a perda conseqüente da ligação entre rei e natureza [...] Na parte final, perdida a sua autoridade, destacam-se imagens materiais que mostram a dissociação entre a função e a pessoa, pois Ricardo perdeu a realeza e se tornou apenas um indivíduo” (Candido: 1996: 90).

Além da montagem da estrutura organizacional da pós-graduação, Candido organizou um grupo de estudos, reunido em encontros quinzenais no decorrer do segundo semestre de 1966, formado por pesquisadores de diferentes áreas do curso de Letras com trabalhos voltadas para a discussão de questões ligadas à literatura comparada, que ficou conhecido como “Círculo de Literatura Comparada”⁷³. Para esses encontros informais de leitura, que chegariam a funcionar durante “dois anos”, Candido convidou os seguintes pesquisadores vinculados à USP para expor sobre seus respectivos temas: “Carla de Queiroz sobre Metastásio e os árcades brasileiros, em literatura italiana; Marion Fleischer, em literatura alemã, sobre obras publicadas em alemão no Rio Grande do Sul; Onédia de Carvalho Barboza, em literatura inglesa, sobre traduções de Byron no Brasil” (Candido, 1993b: 214)

Com as reformas do sistema de ensino superior deflagradas em 1968, que, entre outras coisas, aboliram em nível federal o regimento institucional de cátedras e definiram a estrutura departamental em vigência nas atuais instituições universitárias, a pós-graduação do curso de TLLC passou a funcionar com base no sistema de créditos e com disciplinas de duração semestral, escolhidas aleatoriamente pelos alunos. De outro lado, a partir desse momento o conteúdo das disciplinas ministradas por Candido também sofre alterações significativas. No final da década, os cursos oferecidos se voltam para o exame das principais teorias críticas contemporâneas em lugar dos cursos monográficos anteriores sobre

⁷³ Ao contrário do que supõe Nitrini, para quem Candido “fundou e dirigiu um círculo de estudos de literatura comparada, de 1962 a 1964, orientando dissertações de mestrado e teses de doutoramento de literatura comparada”(Nitrini, 2000: 194), os círculos de literatura comparada na verdade foram realizados no final da década de sessenta.

autores modernistas. Essa mudança resulta, possivelmente, de uma espécie de ajustamento das matérias e do currículo disciplinar às transformações pelas quais passavam os padrões teóricos e metodológicos dos estudos literários nesse momento. Com isso, é oferecido no segundo semestre de 1969 o curso sobre “Teorias críticas contemporâneas: New-Criticism, Estilística, Estruturalismo”. No ano seguinte, os alunos assistem ao curso de “Teorias críticas contemporâneas: Formalismo Russo, Estruturalismo”⁷⁴.

Ao lado das transformações no conteúdo os cursos, passam a funcionar também seminários de pesquisa com os orientandos através de encontros quinzenais para o debate coletivo de textos teóricos previamente distribuídos. Nessas ocasiões, como descreve o então jovem aluno Antonio Arnoni Prado, “Antonio Candido escolhia um assunto para cada aluno e passava as leituras. Por exemplo, numa segunda-feira ele me pediu que apresentasse na quarta um seminário sobre Propp [...] Cada um de nós tinha que apresentar um autor. Com Candido, aprendi a ler um texto, a ler os problemas de um texto, pois para ele um bom seminário é articulado a partir dos problemas que se encontram dentro do texto e não uma apresentação de toda a bibliografia sobre aquele autor. Ele queria saber o que o aluno achou do tema. A gente não tinha como não se colocar perante os colegas. Além disso, o seminário era um momento em que todos expunham. Nós sabíamos que cada um estava esperando os problemas apresentados pelo outro para poder discuti-los e discutir os nossos. Por isso, não dava para furar com o grupo” (Arnoni, 2000: 126). Essa medida, segundo Candido, visava a “refinar os

⁷⁴ As transformações pelas quais passaram tanto os currículos dos cursos de Letras em nível nacional quanto a estrutura organizacional da área de TLLC repercutiram de maneira profunda nos alunos. Em entrevista, Davi Arrigucci Jr. comenta *que “as gerações que vieram um pouco depois, de João Luiz Lafetá, de José Miguel Wisnik, de Flávio Aguiar, já receberam um banho de formalismo maior que o nosso, embora a diferença de idade não seja grande, às vezes nenhuma...Os que vieram um pouco depois, com diferença de 5 ou até 10 anos, quer dizer, a geração posterior realmente, receberam um treino de formalismo para o qual nós já estávamos prevenidos, dadas a nossa formação e a penetração do marxismo. Eles receberam o formalismo diretamente do estruturalismo, e não pegaram a estilística, que era muito aberta para o contexto [...]”* (Arrigucci Jr, 1999: 350). Nesses termos, pode-se aferir que a diferença geracional entre os alunos está marcada menos com a idade biológica dos pesquisadores do que com o processo de socialização acadêmica em que estavam inseridos.

instrumentos durante o processo de elaboração e redação final das pesquisas” (Depoimento concedido em 15/06/2005).

No plano administrativo, as reformas educacionais obrigaram os professores sem titulação e alunos de pós-graduação com pesquisas em andamento a concluir e apresentar seus trabalhos até o início da década de setenta, sob o risco de perderem ou verem recusados os seus contratos temporários de trabalho ou então os créditos disciplinares cursados, respectivamente. A esse propósito, Lígia Chiappini Leite recorda o sufoco provocado pela medida. Na mesma situação que Lucila Bernardet, ambas se auxiliaram mutuamente no final de 1970 “na corrida para entregar a dissertação de mestrado até dezembro, ainda dentro do sistema antigo, pois ia começar o novo sistema centralizado para o Brasil inteiro e teríamos de fazer outros tantos créditos se não concluíssemos até essa data. Fizemos. E defendemos no mesmo dia”. (Chiappini, 1996: 99).

Além disso, as mudanças institucionais acarretadas pela reforma do ensino superior permitiram, a partir de 1969, uma ampliação expressiva do quadro docente da área, com a contratação dos professores Davi Arrigucci Jr., João Alexandre Barbosa, Lucila Bernardet e Teresa Pires Vara, todos orientandos de Candido “em condições de assumir com eficiência a responsabilidade plena dos cursos de graduação e pós-graduação” (Candido, 1974: 21).

Nascido em São João da Boa Vista, interior do estado de São Paulo, em 1943, Davi Arrigucci Jr. cursou Letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo entre 1961 e 1964. Logo no primeiro ano de curso foi convidado pelo “Prof. Julio Garcia Morejón para ser seu assistente na então Cadeira de Espanhol”. Em 1963, foi aluno de Candido na disciplina “Estudo analítico do poema”, centrado no exame da poesia de Manuel Bandeira, fato mencionado no prefácio de sua tese de livre-docência a respeito da obra poética do escritor pernambucano. Após a conclusão do curso, foi contratado como professor assistente na área mencionada e acompanhou durante dois anos as disciplinas, no sistema antigo, do curso de Pós-Graduação da mesma, quando decidiu, depois de alguma hesitação, redigir como tese de doutorado trabalho sobre o escritor argentino Julio Cortázar. Entretanto, em 1968, por razões desconhecidas, Arrigucci Jr. “teve de pedir rescisão” de seu contrato profissional, desligando-se dessa

cadeira. Graças à intervenção direta de Candido, que aceitou, “primeiro por carta - ele se achava então nos Estados Unidos -, e logo de viva voz” (Arrigucci Jr., 1990: 10), orientá-lo e ao mesmo tempo convidou-o para integrar a equipe de trabalho da área sob sua responsabilidade, Arrigucci Jr. pôde remanejar suas pesquisas e foi contratado para o cargo de docente em 1969⁷⁵.

No mesmo ano, João Alexandre Barbosa foi recrutado para assumir o corpo docente do curso de TLLC. Como vimos, Barbosa conheceu pessoalmente Candido no célebre Congresso de Assis. Após concluir o bacharelado em direito na Faculdade de Direito do Recife, Barbosa começou a lecionar literatura brasileira em duas universidades locais. Em 1963, assumiu a direção do curso de Teoria Literária na então Universidade do Recife. Com o golpe de 64, decide deixar o cargo após ter por “duas vezes a nossa casa invadida pela polícia, pelo exército”. Nessa ocasião, Barbosa procurou pelo amigo Candido “que acenou com a possibilidade de vir para cá (São Paulo)”. No entanto, “nesse mesmo ano, o Antonio Candido foi convidado para ir a Paris, mas, através de recomendação e correspondências dele com o escritor Cyro dos Anjos, que era Diretor do Departamento de Letras da Universidade de Brasília, eu fui para lá com minha família no início de 1965” (Barbosa, 1995: 26). Essa instituição, contudo, foi invadida pelos militares nessa ocasião e grande parte de seu quadro de professores foi demitido. Diante disso, Candido ofereceu ao amigo a oportunidade de trabalhar ao seu lado junto ao curso de TLLC. Apesar do convite e da vinda de Barbosa para São Paulo, Candido não conseguia obter verba para a contratação do assistente, adotando como alternativa uma bolsa da Fapesp em caráter “especial porque eu tinha a obrigação de ser uma espécie de auxiliar da área de Teoria Literária na Faculdade”. Finalmente, em 1969, Barbosa conseguiu ser contratado, defendendo tese de doutorado no ano seguinte sobre a obra crítica de José Veríssimo.

Lucila Ribeiro Bernardet passa a ensinar na área de TLLC após exercer a função de instrutora voluntária junto à disciplina de pós-graduação de Teoria e História do Cinema, sob a responsabilidade de Paulo Emílio Salles Gomes, entre

⁷⁵ Tais informações foram extraídas do memorial apresentado pelo autor, em 1990, para concurso de livre-docência, bem como em entrevista republicada em *Outros Achados e Perdidos*. A propósito, os temas e autores submetidos à análise no volume *Achados e Perdidos*, primeiro livro publicado pelo crítico, refletem a trajetória acadêmica sinuosa de Arrigucci Jr. nesses anos.

1966 e 1970. A mais velha da equipe, Lucilla formou-se em Letras pela Universidade de São Paulo entre 1954 e 1957. Após formar-se obtém duas bolsas de pesquisa na área de literatura francesa, passando um tempo na França; em seguida passa a atuar por breve período como docente no setor de cinema do curso de Jornalismo da Universidade de Brasília, interrompida pela ocupação militar dessa instituição. Em seguida, retorna a USP para ocupar a função acadêmica mencionada, sendo contratada pela área de TLLC e defendendo em 1970 dissertação de mestrado a respeito do cinema pernambucano.

No mesmo ano, Teresa Pires Vara é contratada para lecionar na área de TLLC, deixando o cargo de professora de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia e Letras de Assis, área em que ela passou a atuar após o encerramento da graduação. Desde 1964, Vara freqüentava os seminários organizados por Candido com os alunos de doutorado. Nesses encontros, cada um dos alunos “apresentava parte da pesquisa que vinha desenvolvendo e esta era discutida em seminário; eu vinha de Assis com as primeiras leituras de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cujo interesse inicial era analisar as variações do ângulo do narrador no romance, que dava muito pano para a manga”. Ao final, a pesquisa da tese acaba reduzida “ao estudo analítico de *Quincas Borba*, que me parecia o romance mais bem acabado de Machado. Minha intenção era analisar a matriz estrutural da narrativa, implícita no romance, que me permitia focalizar as grandes tensões do romance com um todo” (Vara: 2001: 29).

Em 1970, Candido publica *Vários Escritos*, coletânea de ensaios que resultam em sua grande maioria, como vimos, da redação definitiva do conteúdo das aulas ministradas ao longo da década. Dos oito ensaios que compõem o volume, três deles foram temas de cursos na área de TLLC. Os dois ensaios sobre Oswald de Andrade ilustram a epígrafe do livro - “/... / what is the use of book, thought Alice, without pictures or conversations?” - no sentido em que combinam o depoimento da convivência pessoal com o escritor paulista com considerações simultâneas à sua produção literária. Ao executar esse retrato intimista de Oswald baseado em reminiscências pessoais, Candido assegurava sua posição de intérprete privilegiado da produção literária de Oswald de Andrade num momento de reabilitação e disputa do legado do autor de *Serafim Ponte Grande* e ao mesmo tempo inaugurava um

importante filão em sua obra ensaística: escritos que procuram entrelaçar, em seu andamento reflexivo, o juízo crítico sobre a produção intelectual de personalidades da cultura e literatura brasileira com reminiscências pessoais do próprio Candido⁷⁶.

Ao contrário dos demais cursos de ciências humanas da USP, a área de TLLC não foi afetada por cassações ou aposentadorias compulsórias de professores. O único membro do quadro docente que chegou a ser assediado pela repressão policial foi Roberto Schwarz, que, embora não tenha perdido o cargo, decidiu, com o recrudescimento da repressão política no final da década, deixar o país, refugiando-se na França. Como ele relata: “Em começo de 1969, à vista da prisão e tortura de pessoas próximas, julguei prudente viajar. Andei bem, pois pouco depois o meu apartamento foi visitado pela polícia. Chegando à França, contei com a solidariedade que colegas e governo deste país manifestavam aos refugiados - o que me valeu durante um ano o estipêndio destinado a “personalidades convidadas”. Assim, pude retomar a vida intelectual em boas condições” (Schwarz: 1990: 3).

Com efeito, no ano de 1976 ele apresenta sua tese de doutorado em letras na Universidade de Paris III. Com o título de “Forma Literária e Processo Social nas Origens do Romance Brasileiro”, sob a orientação de Raymond Cantel⁷⁷, diretor do Institut d’Études Portugaises et Brésiliennes da Universidade de Paris III, Schwarz realiza uma leitura inovadora da primeira fase da produção literária de Machado de Assis, detectando as relações de favor e compadrio no universo ficcional da prosa machadiana. Em memorial, Schwarz revela, sem qualquer esclarecimento maior a respeito, que o trabalho foi inicialmente recusado pela banca examinadora, “depois aceito e aprovado tal qual, com menção ‘très bien’” (Schwarz, 1990: 3).

⁷⁶ Esse filão será posteriormente prolongado em alguns ensaios recolhidos em *Teresina, etc.* (1980) e, sobretudo, *Recortes* (1993).

⁷⁷ Doutor em letras portuguesas, especialista na área de literatura popular, Raymond Cantel esteve por diversas vezes no país em busca de exemplares e materiais relativos à extensa literatura de cordel brasileira. Nesse momento, ele era responsável pela direção do instituto referido, assumindo a orientação de pesquisas elaboradas por alguns críticos brasileiros. É o caso, por exemplo, da tese de doutorado de José Guilherme Merquior, *Verso Universo em Drummond*, defendida nessa instituição em junho de 1972.

No intuito de buscar compreender as prováveis razões para essa recusa inicial, talvez seja oportuno recuperar o artigo “As Duas Críticas”⁷⁸, do crítico literário francês Roland Barthes. Refletindo sobre o perfil intelectual da produção crítica francesa desse período, ele detecta a coexistência de duas grandes vertentes antagônicas: a “universitária” e a “ideológica”. Na vertente “universitária”, representada por intelectuais ligados às instituições acadêmicas tradicionais da França, especialmente a Sorbonne, a visada crítica, tributária dos métodos tradicionais do século XIX, defendia a pesquisa de fontes e erudição, acercando a leitura das obras literárias através do exame de elementos de ordem biográficas e dados contextuais. No ângulo oposto, a congênere “ideológica”, encarnada pelos expoentes da crítica literária francesa desse período (entre eles, Jean-Paul Sartre, Lucien Goldmann, Jean-Paul Richard e o próprio Barthes), procurava explicitar sua filiação aos grandes modelos teóricos das ciências humanas contemporânea, submetendo a interpretação das obras literárias “às grandes ideologias do momento, existencialismo, marxismo, psicanálise, fenomenologia” (Barthes, 2003:143).

Na opinião de Barthes, a diferença crucial entre as duas críticas consiste no fato de que, para a crítica “universitária”, não haveria a possibilidade de realização de uma leitura interna da obra literária com base em conceitos extraídos de outras disciplinas (embora ela mesma utilizasse, na explicação das causas externas motivadoras, princípios provenientes de disciplinas afins, em versão positivista), enquanto que para a vertente “ideológica”, a análise e a ideologia convergem para “trabalhar num domínio puramente interior à obra” (id., *ibid.*: 154).

Considerando o quadro esboçado por Barthes, não é difícil imaginar a resistência que a tese de Schwarz deve ter encontrado diante da banca examinadora

⁷⁸ As considerações de “As Duas Críticas” foram redigidas por ocasião da polêmica envolvendo Roland Barthes e Raymond Picard, professor catedrático da Sorbonne e especialista na obra teatral de Racine, a respeito da apreciação crítica do primeiro das obras do dramaturgo clássico francês, em *Sur Racine* (1963). Ao focalizar a obra de Racine de modo inusual e por meio de uma linguagem expressiva incomum, numa coletânea composta por três capítulos dedicados ao exame do “mundo trágico” de Racine, “descrevendo sua população” por meio de “antropologia raciniana, ao mesmo tempo estrutural e analítica”, Barthes desencadeou ao mesmo tempo a irritação e indignação de Picard, levando-o a publicar um opúsculo virulento intitulado *Nouvelle critique, nouvelle imposture*, no qual ele acusa Barthes de realizar uma leitura críptica de Racine, baseada numa visão sexual obsedante.

da tese (idéias fora do lugar, presença mediadora do favor, ideologia de segundo grau, etc.). Na contracorrente dos padrões acadêmicos vigentes entre os *sorbonnards*, marcados pela leitura centrada no biografismo positivista e na *explication de texte*, Schwarz abordou a obra de juventude de Machado de Assis e os principais romances de José de Alencar a partir de amplo esquema sociológico e com base na perspectiva analítica dos principais críticos literários marxistas⁷⁹. A despeito da opinião inicial desfavorável, o trabalho acabou aceito e Schwarz conquistou enfim o título de doutor em literatura brasileira⁸⁰.

2.2. - Arquivos e alfarrábios

No que diz respeito às linhas de pesquisa levadas a cabo pela área de TLLC, chama a atenção, de início, a presença marcante de duas grandes vertentes críticas de investigação: de um lado, um amplo projeto de pesquisas a respeito da produção literária modernista⁸¹ e, de outro, um extenso conjunto de investigações sobre os principais representantes da crítica literária brasileira⁸².

Conforme vimos, as primeiras três pesquisas científicas iniciadas sob a orientação de Candido surgiram durante o curso dedicado à leitura da poesia de Mário de Andrade, quando se decidiu vasculhar as anotações e reflexões registradas nas anotações marginais dos livros contidos na biblioteca pessoal de Mário de Andrade. Esse minucioso e paciente trabalho de levantamento, coligido e

⁷⁹ Consta que o impasse a respeito da aprovação da tese de Schwarz foi resolvido pela intervenção providencial de Jean-Michel Massa, outro especialista em Machado de Assis, autor de estudo exaustivo sobre o período de juventude do escritor carioca e nesse momento integrante do corpo docente da Universidade de Paris III. Para uma apreciação apurada das principais feições e particularidades do método analítico desenvolvido por Schwarz, ver Miceli (2004).

⁸⁰ Diversamente dos cursos de Letras de feição mais tradicional, a área de TLLC estimulava e admitia trabalhos de pesquisa científica interdisciplinares, marcados pelo fecundo intercâmbio entre áreas afins no conjunto das ciências humanas. Nesse sentido, é possível conjecturar que se defendida junto à área, a tese de doutorado de Schwarz não teria provocado as mesmas reações adversas do que em sua banca examinadora francesa. No quarto capítulo, veremos como o cruzamento de áreas disciplinares afins, sobretudo entre crítica literária e sociologia, constitui uma dimensão crucial da produção intelectual de Candido.

⁸¹ O predomínio dessa temática perdura no interior do curso de Letras da USP, a ponto de Arriguicci Jr. advertir que “Hoje nos temos que voltar ao romantismo e à literatura colonial, à pesquisa histórica, que é fundamental no Brasil (e quase já não tem se feito isso)” (Arriguicci Jr., 1999: 344).

⁸² Na realização do exame do conjunto de trabalhos de pesquisa defendidos sob a orientação de Candido limitei minhas considerações àqueles que foram publicados por editoras comerciais.

catalogado ao longo de três anos, resultou nas três primeiras dissertações de mestrado sobre o movimento modernista defendidas na área (e no curso de Letras da USP) no ano de 1966. São elas: “O Se-Sequestro da Dona Ausente”, de autoria de Telê Ancona Lopez; “Leituras francesas de Mário de Andrade”, redigida por Nites Teresinha Feres e “Mário de Andrade e L’Esprit Nouveau”, de Maria Helena Grembecki⁸³. Essas três dissertações de mestrado constituem exemplos típicos das inovações introduzidas com a valorização da pesquisa empírica em arquivos pessoais: recortes temáticos restritos, exaustivamente discutidos, como via de acesso privilegiada para maior esclarecimento sobre o conjunto da obra do escritor pesquisado e fundamentação teórica embutida no corpo da análise.

Ao vasculhar os volumes do acervo de Mário, Telê Ancona Lopez encontrou vários envelopes contendo documentação diversa com a indicação “Sequestro da dona ausente”, os quais provavelmente deveriam fornecer matéria-prima para um ensaio de maior fôlego ou monografia sobre a temática da ausência da mulher amada na literatura popular brasileira. De acordo com as anotações de Mário, esse fenômeno teria se originado na Península Ibérica em razão das constantes separações dos amantes ocasionadas pela necessidade de garantir a subsistência através de viagens marítimas. Com o ciclo das grandes navegações, “a ausência se acentua” e a “constância do problema teria criado no inconsciente coletivo uma mística amorosa: a mulher passa a ser super-avaliada e sua falta compensada através de símbolos”. Esse complexo teria sido legado pelos portugueses ao brasileiro que “por sua vez, não só teria se apropriado dos elementos, como os desenvolveria em outros sentidos, com novas tonalidades, pois suas condições

⁸³ A partir desse ciclo de pesquisas, ocorreu o início da incorporação do acervo pessoal de Mário de Andrade no IEB (Instituto de Estudos Brasileiros). De acordo com Candido: *“Mário tinha manifestado informalmente à família dele o desejo de distribuir seu acervo por várias instituições: Biblioteca Municipal, Biblioteca de Araraquara, Pinacoteca, Cúria - o que seria uma pena. A família não deu andamento e ficou tudo na casa da Rua Lopes Chaves, onde a irmã dele foi morar. Um dia o irmão dele, Carlos de Moraes Andrade, me chamou e disse: “Nós estamos numa situação um pouco complicada porque precisamos dar um destino a isto. Além disso minha irmã está em situação difícil porque o marido morreu e ela precisa de dinheiro. Nós não queremos vender, porque o Mário não queria vender nada, mas queríamos ceder para alguma instituição que desse uma compensação pequena a ela [...]”*. Por fim, os familiares decidiram destinar o acervo à universidade, episódio motivador da fundação do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), que viria a exercer importante função ao acolher arquivos de outros escritores e tornar-se um importante centro de estudos sobre a literatura moderna no Brasil; ao lado disso, o IEB acabou por municiar as pesquisas vindouras na área de TLLC.

eram diferentes” (Lopez, 1972: 138). A partir do material coligido, surgiu a dissertação de mestrado⁸⁴ “O Se-sequestro da Dona Ausente”, defendida em 1966, perante banca examinadora composta por José Aderaldo Castello e Florestan Fernandes. No caso de “Leituras Francesas de Mário de Andrade” (1969), Nites Feres averigua as anotações de ordem estética e psicanalítica deixadas por Mário de Andrade em suas leituras francesas tanto por via “indireta, através das menções de livros ou de autores franceses encontradas nas notas à margem de obras da literatura brasileira”, quanto “direta, nos apontamentos escritos em textos de língua francesa” (Feres, 1969: 9). No levantamento do material em edições brasileiras, os comentários de Mário recaíam em geral sobre aspectos de técnica literária, mencionando com destaque autores franceses preocupados com os processos de “construção das personagens de maneira a concretizar, no romance, o que se poderia chamar de psicologismo literário” (Feres, 1969: 54). Esse fato acarretou a decisão da autora em limitar a leitura dos volumes de língua francesa, realizada no terceiro capítulo, aos livros de psicologia científica lidos por Mário de Andrade. Por fim, Maria Helena Grembecki em *Mário de Andrade e L'Esprit Nouveau* (1969), aborda a influência intelectual da revista francesa *L'Esprit Nouveau* (1920-1925) na conformação do ideário estético das primeiras obras de Mário de Andrade. Através da leitura das anotações do escritor registradas nos 28 exemplares encontrados em sua biblioteca pessoal, Grembecki averigua que “as influências estéticas européias sentidas no nosso modernismo e propagadas por MA [Mário de Andrade] foram resultantes de uma fonte específica (as revistas francesas) que, por sua vez, resumem certas tendências teóricas comuns à época e, nesse processo, recebendo influências de todo um complexo cultural que se reflete nas suas páginas” (Grembecki, 1969: 18).

Para a realização desse conjunto de pesquisas científicas, Candido foi auxiliado com o apoio financeiro da Fundação de Amparo a Pesquisa (FAPESP),

⁸⁴ Este trabalho jamais foi publicado e o exemplar correspondente à versão final da dissertação, fornecido pela autora logo após sua defesa para a biblioteca da FFLCH, desapareceu. Contudo, pode-se ter uma idéia aproximada do objeto enfrentado por ela na dissertação através de ensaio publicado por seu orientando na revista *Leitura*. Cf. Carvalho, Ricardo Souza. (2002) “O Sequestro da dona ausente” in *Leitura*. São Paulo, maio de 2002. Devo tais indicações a uma conversa realizada com a autora. O trecho acima citado deriva de um subitem discutido em sua tese de doutorado *Mário de Andrade: ramais e caminhos* (1972), que será abordada mais à frente.

que inaugurava assim a dotação de recursos destinados à área de ciências humanas. Ao reconstituir as origens do processo de implantação e envolvimento da FAPESP nas atividades de pesquisa científica desenvolvidas pelas áreas de ciências humanas e sociais, Forjaz (1989) transcreve um interessante depoimento de Candido, proferido por ocasião do 25º aniversário dessa agência financiadora, que reproduzo a seguir: *“Os estudos superiores de Letras (Literatura e Línguas) começaram no Brasil com a fundação da Universidade de São Paulo em 1934. Creio que depois disso o fato mais importante neste setor foi o apoio dado pela FAPESP a partir de 1963. A princípio este apoio foi tímido e meio desconfiado. Mas em seguida se tornou amplo e mais confiante, ao longo das diferentes gestões da Fundação. Eu fui o primeiro professor que pediu e obteve bolsa para um orientando trabalhar na investigação sobre literatura [...] Com efeito, sempre houve uma certa resistência dos cientistas, não, é claro, quanto à validade intrínseca das Letras, pois são homens de cultura e saber; mas quanto à legitimidade dos estudos que elas comportam. Insensivelmente, faz-se certa confusão entre a Literatura e os estudos Literários [...] A partir do momento em que a FAPESP sentiu bem esta diferença entre atividade criadora e atividade investigadora, as barreiras diminuíram”* (Forjaz, 1989 :33). No entender da autora, “não é casual que o primeiro financiamento para Letras tenha sido concedido a pedido de Antonio Candido [...] Além do grande prestígio acadêmico, foram trunfos importantes dos intelectuais das humanidades, para obter o reconhecimento de suas disciplinas, participar de círculos de intelectuais influentes e possuir relações sociais que possibilitassem a legitimação de suas demandas” (id., ibid.: 34). Com efeito, a amizade estreita com os diretores dessa instituição foi decisiva para a obtenção das bolsas de pesquisas necessárias para a consecução das pesquisas em andamento na área⁸⁵.

⁸⁵ Num depoimento mais completo, Candido revela: *“Chego a pensar que me concederam uma bolsa para Letras porque o diretor científico me conhecia e tinha confiança em mim. Como era eu que pedia...”*. E adiante: *“solicitei a primeira bolsa ali por 1963, para a licenciada em Letras, Pérola de Carvalho, que seguia meu curso de especialização (não se falava ainda em pós-graduação) a fim de realizar no Rio de Janeiro pesquisas sobre as fontes inglesas de Machado de Assis. Ela fez um trabalho notável, reunindo um material enorme e significativo, sempre louvada pelos assessores. Infelizmente acabou desistindo e terminou a tarefa. Animado por este precedente, pedi em seguida bolsas para três estudantes de especialização fazerem o levantamento das anotações marginais da*

Nesse mesmo ciclo de pesquisas sobre o modernismo, baseadas em investigações de arquivos pessoais ou levantamentos bibliográficos, podemos encontrar o trabalho de levantamento bibliográfico realizado por Suzy Sperber sobre a biblioteca pessoal de Guimarães Rosa. Em *Caos e Cosmos* (1976), tese de doutorado da autora defendida em 1972, o foco da pesquisa incidiu sobre o conjunto de “leituras espirituais” efetuadas por João Guimarães Rosa, o qual compreende cerca de 10% de seu acervo de livros. Nessa categoria, a autora abarca desde a Bíblia e textos esotéricos até Platão e Plotino. Ao contrário de Mário de Andrade, Guimarães Rosa não deixara apontamentos marginais sobre suas leituras, apenas símbolos que indicavam interesse, direcionando a pesquisa da autora para a comparação das leituras espirituais com as obras do escritor mineiro. Lígia Chiappini de Moraes Leite, por sua vez, realizou em “O Modernismo Gaúcho”, em 1970, um levantamento bibliográfico comentado sobre as fontes disponíveis a respeito do modernismo gaúcho. No caso de Vera Chalmers, a pesquisa “A obra dispersa de Oswald de Andrade”, apresentada em 1970, tratou do conjunto das crônicas jornalísticas publicadas por Oswald na grande imprensa paulista, reunindo o material disperso numa edição comentada.

Em nível de doutorado, Lígia Chiappini e Vera Chalmers voltariam a trabalhar com seus respectivos temas de pesquisa, ampliando o foco de leitura. Em *Regionalismo e Modernismo* (1978), Chiappini ensaia uma análise estrutural da ficção regionalista gaúcha, evidenciando os padrões recorrentes e as limitações estéticas desse *corpus*, bem como sua vinculação com os interesses ideológicos ostentados pela classe dominante gaúcha no momento da Revolução de 1930. Em relação ao trabalho sobre Oswald, Vera Chalmers alarga o escopo da leitura em *3 linhas e 4 verdades* (1976) para a consideração da personalidade literária anedótica e controversa plasmada por Oswald em seus textos jornalísticos. Mário de Andrade

Biblioteca de Mário de Andrade, ainda na casa onde vivera. O pedido foi recusado, pois naturalmente acharam que eu estava abusando e querendo mais exceções...As moças começaram a pesquisa sem qualquer auxílio. Tempos depois encontrei numa recepção o dr. Celso Antonio Bandeira de Mello, secretário geral da FAPESP, e ele me perguntou por que eu não tinha mais feito solicitações. Conte a recusa e ele me aconselhou a insistir. Insisti e (naturalmente, por intermédio dele) recebi as bolsas [...] A partir de então, não tive dificuldade em obter bolsas, graças ao exemplo que foi o rendimento excelente das primeiras bolsistas. Elas mostraram a FAPESP que na área de humanas, inclusive Letras, o trabalho pode ser sério e produtivo” (Candido, 2002c: 95).

ressurge como tema da tese de doutorado de Telê Ancona Lopez, em *Mário de Andrade: ramais e caminhos* (1972), a partir da análise do ideário ideológico que alicerça as preocupações do escrito paulista nos campos da cultura e literatura popular e na reflexão sobre o país. Já Haroldo de Campos, em sua tese *Morfologia do Macunaíma* (1973), aborda a obra de Mário de Andrade pela leitura de *Macunaíma* (1928), procurando evidenciar no trecho do romance uma rígida articulação em seus diversos episódios.

Por fim, cabe registrar ainda nessa vertente o estudo *O Coro dos Contrários* (1977), dissertação de mestrado de José Miguel Wisnik, que investiga a presença das práticas musicais no conjunto dos acontecimentos da Semana de Arte Moderna de 22 através do programa dos espetáculos ocorridos, dos participantes envolvidos e da repercussão do movimento em resenhas polêmicas e artigos de fundo⁸⁶.

Enquanto as pesquisas acadêmicas baseadas nas obras dos principais autores do período modernista derivavam dos conteúdos das aulas ministradas, a promoção do conjunto de estudos centrados na crítica literária brasileira era estimulada pessoalmente por Candido. Em prefácio, ele revela que o “livro [*A recepção crítica*] faz parte dum conjunto (não organizado, mas premeditado) de estudos sobre a crítica brasileira, feitos no âmbito da disciplina de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo” (Candido, 1983: xii)

Nesse conjunto, destacam-se os trabalhos de pesquisa realizados por João Alexandre Barbosa, na tese de doutorado *A Tradição do Impasse* (1974), sobre a obra crítica de José Veríssimo, acompanhando de perto os percalços da “linguagem crítica” do autor, impressada em sua época entre o naturalismo crítico e o

⁸⁶ Sobre o tema inusitado escolhido por Wisnik, Lígia Chiappini descreve que: “*O Zé Miguel Wisnik, por exemplo, tenho o orgulho de dizer que quem o botou nesse negócio de música fui eu. Porque - na época ele estava fazendo mestrado com Antonio Candido - ele me disse um dia na sala dos professores do Equipe (nós dávamos aula lá) : ‘Ai...o Antonio Candido quer que eu faça uma tese sobre ala direita do modernismo - Prudente de Moraes, Plínio Salgado -, disse aí nada estudado, mas não tenho vontade de trabalhar com isso!’.* Eu tinha andado no IEB pesquisando as coisas do modernismo e tinha visto - a Telê me mostrado - todo material de música que o Mário de Andrade tinha; ela falou ‘Olha, esse material não está trabalhado porque não tem gente que entende de música’. E o Zé Miguel era formado em música, era um pianista de primeira, e estava meio interrompendo a carreira para se dedicar às letras. Então falei para ele: ‘Por que você não faz algo sobre a música no modernismo?’. Ele se entusiasmou, propôs para Antonio Candido, que disse: ‘Eu não entendo de música, mas posso ler e te mandar para quem entenda...’. Ele acabou fazendo o mestrado, daí saiu *O Coro dos Contrários*, seu primeiro livro [...]” (Chiappini, 2004 :61)

impressionismo. Já *1930: a crítica e o Modernismo* (1974), de João Luiz Lafetá, explora a produção crítica no decênio de trinta, por meio da leitura das obras de Tristão de Athayde, Mário de Andrade, Octávio de Faria e Agripino Grieco, em relação ao processo de estabilização dos avanços estéticos modernistas. No mesmo grupo, pode-se encontrar a leitura do conjunto das intervenções críticas de Álvaro Lins, realizada por Adélia Bezerra de Meneses Bolle em sua dissertação de mestrado *A obra crítica de Álvaro Lins* (1979). Em *A Recepção Crítica* (1983), Salete Cara discute a apreensão das inovações estéticas da linguagem poética do movimento literário parnasiano-simbolista por parte dos principais críticos literários brasileiros do século XIX.

Embora Candido alegue que os “diversos autores trabalharam individualmente e com independência, usando os pressupostos e os métodos que desejavam (também nisso houve premeditação), mas em geral mostraram interesse em abordar os críticos do passado recente e remoto sob dois aspectos: a eventual singularidade da sua obra e as correlações dela com o momento” (Candido, 1983: vii), uma observação cuidadosa do conjunto permite discernir uma questão de fundo debatida por todos os autores: como os principais críticos brasileiros enfrentaram o desafio de equacionar a análise da organização interna da obra literária com a apreciação conjunta dos condicionantes de ordem social, discussão central da área de TLLC.

Nota-se a ausência de trabalhos de pesquisa relacionados com o estudo de poesia, fato surpreendente se considerarmos a importância suscitada pelos cursos centrados nesse gênero literário, revelado nos relatos entusiastas dos ex-alunos, e o número significativo de orientações acadêmicas a respeito da obra ficcional e as intervenções em prosa de alguns dos maiores poetas do modernismo paulista. Ainda que possa se admitir a menor ocorrência de estudos na área de poesia em comparação à prosa como um fenômeno presenciado em âmbito acadêmico mundial, acredito que no caso da área de TLLC haveria a possibilidade de se especular outras razões pertinentes. De um lado, pode-se constatar que os principais estudos realizados na área de sociologia da literatura focalizaram sobretudo composições narrativas, em detrimento da poesia; de outro lado, as principais tendências da poesia moderna, de modo geral, rumaram em direção da

autonomia da função poética, deixando de lado a preocupação com o referente social, característica das grandes obras líricas. Em consequência, os estudos sobre poesia apresentariam menores possibilidades de se explorar a relação entre literatura e contexto social, principal arcabouço analítico da maioria das pesquisas realizadas⁸⁷.

Além disso, do ponto de vista institucional, com o avanço das tendências críticas de cunho semiológico, voltadas para o exame da função poética através da mobilização de um aparato conceitual e o léxico expressivo pretensamente científico, poder-se-ia conjecturar que uma dada leitura que não procedesse de acordo com os modelos técnicos de análise em voga pudesse gerar a suspeita de um retrocesso em direção ao impressionismo crítico, anacronismo que talvez colidisse com as aspirações profissionais requeridas no processo de consolidação institucional da área de TLLC.

⁸⁷ Em um artigo de 1944, publicado na grande imprensa paulista, Candido discute certa classificação elaborada por Carlos Lacerda entre poesia menor (incapacidade da poesia em abordar a realidade social) e poesia maior (capacidade em refletir sobre o mundo), de especial interesse para nossa argumentação. Em primeiro lugar, Candido assinala que *“a poesia moderna, a partir do simbolismo, tende a ser menor”, “a aspiração de grande parte das correntes posteriores foi se limitar aos momentos poéticos, aos momentos raros em que uma emoção agudamente sentida fosse transmitida com pureza ao leitor”*. Em suma: *“a poesia passou, em boa parte, a querer ser pura”*. No conjunto da poesia brasileira, *“veremos que ela é formada por uma maioria de poetas menores – isto é, poetas de emoção não organizada e dirigida, que se contentam com a pincelada, o toque, a sugestão rápida, o momento de beleza”*. Em contrapartida, *“não há quase poetas maiores - isso é, aqueles que fazem do verso um instrumento de totalização da experiência humana, dirigindo-se tanto à inteligência quanto à sensibilidade ou ao gosto”*. Para Candido *“não há superioridade, propriamente, de uns poetas sobre os outros. Há magníficos poetas menores - dos mais altos entre os modernos - e péssimos poetas maiores. Nenhum leitor de bom senso daria toda a obra de Baptista Cepellos, maior, pela Estrela da manhã do sr. Manuel Bandeira, menor. O que não há dúvida é que a supremacia do poema curto, centralizado em torno de uma simples emoção ou consistindo num jogo poético de habilidade, significa uma diminuição de tons da poesia, um divórcio do poeta com o mundo, a sociedade, pra confiná-lo a uma certa passividade ou a um certo enrolamento sobre ele próprio”*. O que chama a atenção nesse artigo, afora a relevância significativa da defesa da “poesia maior”, consiste nos exemplos selecionados por Candido para comprovar a qualidade, e por extensão a superioridade, da poesia maior: *“Leia-se o “Hino à tarde”, o “I - Juca - Pirama”, “Sub-tegmine fagi”, o “Navio Negreiro”*. Modernamente, são maiores em boa parte da sua produção os senhores Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. A *“Louvação da tarde”, do segundo, e “Os ombros suportam o mundo”, do primeiro, escapam do lirismo, ao choque emocional, ao prazer singular, para se lançarem na meditação sobre o destino do homem, sobre grandes temas, sobre a sociedade. Poesia, portanto, de fôlego muito maior do que a asma estética dos simbolistas [...]”* (Candido, 2002: 129-132). Não é difícil notar que todos os cursos dedicados ao estudo analítico do poema selecionaram como matéria-prima de análise “poesia maior”, permeável ao acúmulo de referências históricas e sociais. Além disso, mesmo o curso algo deslocado sobre a poesia de Gonçalves Dias, oferecido em 1966 para a pós-graduação, encontraria sua razão de ser diante das colocações expostas.

Ao lado dos amplos projetos acadêmicos sobre o modernismo e a crítica literária brasileira, pode-se observar a presença de outros temas, tendências ou autores pesquisados com certa expressão, sobre os quais alguns trabalhos foram produzidos.

Em primeiro lugar, um conjunto maior de pesquisas voltadas para a discussão crítica na área de teoria literária. É o caso do mestrado de Roberto de Oliveira Brandão, defendido em 1969, que em *A Tradição Sempre Nova* (1976) revisa os principais conceitos e formulações legados pela tradição crítica clássica de Aristóteles, Horácio e Longino. Na mesma direção, Décio Pignatari realiza tese de doutorado baseada na análise interna dos principais conceitos e fundamentos metodológicos hauridos da obra do semiótico Charles Peirce, no estudo *Semiótica e Literatura* (1974). Por seu lado, Luiz Costa Lima apresenta a tese *Estruturalismo e Teoria Literária* (1973), na qual discute as possibilidades heurísticas oferecidas pela abordagem estruturalista, sobretudo as formulações contidas nas obras de Lévi-Strauss, para compreensão do fenômeno estético. Em *A Poética de Maikóvski* (1971), Boris Schnaiderman traduz e comenta as principais reflexões teóricas sobre poética embutidas nos textos críticos do poeta russo Maiakóvski acerca das artes em geral. Em *Benjamin & Adorno: Confrontos* (1978), defendida como tese de doutorado em 1975, Flávio Kothe explora as afinidades e influências intelectuais recíprocas entre Walter Benjamin e Theodor Adorno, ressaltando a incorporação das indicações do primeiro nas formulações do último.

É importante ressaltar que nessa vertente comparecem, com exceção de Roberto de Oliveira Brandão, somente pesquisadores provenientes de outros centros de pesquisa ou adeptos de modelos críticos alternativos, orientados muitas vezes de modo formal⁸⁸, aspecto que atesta a ausência de estímulo à teorização desvinculada da prática de análise textual, diversas vezes salientada por Candido.

⁸⁸ Em *Vida e Mimesis* (1995), Luiz Costa Lima recorda que impossibilitado de dar continuidade à sua carreira acadêmica em instituições acadêmicas do Rio de Janeiro em razão de sua postura política e aposentadoria compulsória pela ditadura, procurou o auxílio de Candido “com a intenção de se escrever no curso de mestrado, dele ouvi que, por minhas publicações anteriores, a congregação da USP me daria o direito de fazer diretamente o doutorado. Meses depois, comunicando-me com Candido que esse direito me fora concedido, voltei a São Paulo para oficializar minha inscrição no doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada [...] Quando da inscrição oficial, Candido me

No campo da literatura comparada, foram orientados dois trabalhos de pesquisa. Em *Byron no Brasil* (1975), tese de doutorado de Onédia Barboza, o objetivo do trabalho reside no levantamento e análise das traduções autóctones da poesia byroniana no período compreendido entre 1822 e 1911. Já em *O Insólito em Guimarães Rosa e Borges* (1978), mestrado defendido por Lenira Covizzi, a autora empreende uma sugestiva aproximação das obras de Guimarães Rosa e Jorge Luiz Borges a partir da apreensão do conceito de insólito, isto é, “da presença da exceção no cotidiano”, presente na crise de valores do mundo real e na literatura contemporânea. Situados no interior da mesma realidade histórico-social supranacional de Brasil e Argentina, Borges e Guimarães Rosa tematizaram com maestria essa “ficção insólita num mundo insólito”.

Em seguida, encontra-se um pequeno conjunto de trabalhos preocupados com o ensino didático da literatura brasileira no interior do sistema escolar, composto pelas pesquisas de mestrado e doutorado de Marisa Lajolo. Nessa última, defendida em 1979 e publicada com o título de *Usos e Abusos da Literatura na Escola* (1982), a autora investiga a produção didática de manuais escolares realizada pelo poeta Olavo Bilac em termos da ideologia que difunde e do repertório de imagens que consolida.

Por fim, alguns trabalhos de pesquisa avulsos relacionados com outros períodos literários ou núcleos temáticos. No primeiro caso, constam as pesquisas de Antonio Arnoni Prado sobre o período pré-modernismo. Em sua dissertação de mestrado, *Lima Barreto: o crítico e a crise* (1974), Arnoni rastreia nos escritos de circunstância e registros pessoais de Lima Barreto as matrizes do projeto estético e das preocupações políticas que sustentam seus principais escritos no intuito de compreender como se formou no escritor uma posição contestatória diante dos modelos literários vigentes em seu tempo. Na pesquisa de doutorado, *1922 - Itinerário de uma falsa vanguarda* (1983), Arnoni enfocou sobretudo os escritores conservadores vinculados ao modernismo, apreciando no conjunto a posição e influência intelectual destes na inflexão do rumo das renovações estéticas preconizadas pelo movimento.

dissera que, por excesso de obrigações, sua orientação seria apenas formal” (Costa Lima, Luiz, 1995: 34).

Como exceção no conjunto, a tese de doutorado de Teresa Vara, *A Mascarada Sublime* (1976), aborda o romance *Quincas Borba* (1891), de Machado de Assis, buscando elaborar um modelo estrutural do romance com vistas a debater as tensas relações entre a narrativa-padrão e o ideário filosófico defendido pela Humanitas, imbricadas “num jogo complexo de duplicações sucessivas, de máscaras e de espelhos”, duplicações e reiteraões (Vara, 1976: 16).

Com relação à literatura contemporânea, Jorge Schwartz analisa em sua dissertação de mestrado, intitulada *Murilo Rubião: A Poética de Uroboro* (1981), a obra ficcional do escrito mineiro ressaltando suas relações e inovações com a literatura fantástica. Na tese *O Escorpião Encalacrado* (1973), Davi Arrigucci Jr. estuda a produção literária do escritor argentino Júlio Cortazar sob o ângulo da natureza-limite do discurso narrativo sustentado pelo autor que, ao mesmo tempo, anula sua existência e permite sua realização, bem como dos pontos de contato da obra de Cortázar com a literatura hispano-americana.

No total, são trinta e seis trabalhos de pesquisa orientados por Candido entre dissertações de mestrado e teses de doutorado. Número extraordinário se levarmos em conta o curto espaço de tempo e o ritmo das pesquisas de pós-graduação no período considerado. Diante dos dados levantados, gostaria de sugerir nas páginas seguintes, a título de hipótese, uma aproximação do itinerário profissional de Candido com o de seu colega e amigo Florestan Fernandes.

2. 3. - Contrastes e confrontos

No conjunto recente de estudos a respeito da história das ciências sociais no Brasil, comparece de modo geral a tendência analítica de se contrastar as trajetórias intelectuais e acadêmicas de Antonio Candido e Florestan Fernandes, no intuito de se compreender quer as principais características do processo de institucionalização universitária das ciências sociais em São Paulo, quer a singularidade do grupo Clima no interior do meio intelectual paulista. Desse modo, ao examinar os “estudos sociológicos brotados na academia, reunidos no interior da chamada 'escola paulista de sociologia', cuja figura principal foi Florestan Fernandes”, Arruda registra que ao contrário dos integrantes do grupo Clima, cujas

trajetórias intelectuais evocam “uma vinculação débil com a Sociologia”, “Florestan Fernandes discrepa, radicalmente, dos seus colegas, podendo ser incluído numa geração diferente dos seus contemporâneos, uma vez que suas referências e diálogos são outros” (Arruda, 1995: 168). Não é outra a perspectiva levada a cabo por Sylvia Garcia (2002), que recupera lances da trajetória e conduta de Candido para contrastá-las com as iniciativas tomadas nos primórdios da carreira profissional do “jovem Florestan”. Em *Destinos Mistos* (1998), Heloisa Pontes pondera que “um exame circunstanciado de sua [Florestan Fernandes] origem, de seu universo familiar, de sua carreira acadêmica e de sua trajetória intelectual permite caracterizar, pela *diferença*, as razões de ordem cultural e social mais amplas que estão na base da formação do Grupo Clima. (Pontes, 1998: 144). Nem mesmo no pioneiro trabalho de Mariza Peirano (1991), deixam de repontar no texto diversas referências recíprocas entre os dois pesquisadores, como fator explicativo da estrutura e dinâmica do universo acadêmico uspiano durante as décadas de quarenta e cinquenta ⁸⁹.

Não há motivo para se esquivar desse confronto, posto que ele permite de fato esclarecer aspectos decisivos da implantação do padrão acadêmico consolidado pelas ciências sociais paulista. Além disso, os próprios envolvidos estimulam a comparação, como observa Peirano, para quem o contraste entre as trajetórias intelectuais de ambos “pode nos permitir olhar melhor o leque de possibilidade disponíveis em determinado momento. Aqui, o contraste mais interessante talvez seja com Florestan Fernandes, mesmo porque é o próprio Antonio Candido o primeiro a falar de seu período de formação na USP pautando o seu discurso sobre as afinidades e diferenças entre os dois” (Peirano, 1991: 29). Em linhas gerais, as análises abordadas argumentam que diferenças sensíveis de origem e extração social, influências acadêmicas distintas e interesses intelectuais diversos responderiam pelas trajetórias divergentes dos pesquisadores. Nesses termos, Candido e Florestan encarnariam distintos - e quase antagônicos - padrões de concepções e práticas sociológicas, tomando-os “como representantes exemplares

⁸⁹ Para maiores informações a respeito tanto do processo de institucionalização das ciências sociais em São Paulo, como da trajetória intelectual e acadêmica de Florestan Fernandes, consultar os trabalhos de Peixoto (2000), Pontes (1998), Arruda (1995; 2001; 2003); Peirano (1991); Garcia (2002).

da contraposição entre a atividade cultural e a atividade científica” (Arruda & Garcia, 2003 : 60).

Diante disso, gostaria de explorar a perspectiva inversa a esse consenso explicativo, a partir da comparação da *semelhança notável entre eles em termos das estratégias profissionais e perfil dos investimentos acadêmicos realizados*. Em lugar de discutir as diferenças de toda ordem existentes quando ambos lecionavam e pesquisavam na área de sociologia, pretendo acentuar os pontos de convergência profissionais no momento em que Candido assume a direção da área de TLLC.

Após assumir a direção da cadeira de sociologia I, no final de 1954, com o retorno do professor regente Roger Bastide para a França, Florestan começa a implementar uma série de inovações e procedimentos nesse nicho, ampliando sua margem de atuação e influência dentro do curso de ciências sociais. De acordo com Pontes, nesse momento Florestan “encontrou o espaço necessário para ‘pôr em prática as concepções que formara a respeito do ensino de sociologia e de investigação sociológica’. No decorrer dos catorze anos seguintes (de 1955 a 1969, quando foi compulsoriamente aposentado pelo regime militar), Florestan converteu a cadeira de sociologia I em um dos maiores centros de produção sociológica do país. Verdadeira ‘instituição dentro da instituição’, responsável pela configuração intelectual da chamada ‘Escola Paulista de Sociologia’, essa cadeira reuniu, sob sua liderança, o grupo mais expressivo de cientistas sócias da faculdade na época” (Pontes, 1998: 187).

No estudo “A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a ‘escola paulista’”, Arruda elenca os principais recursos utilizados por Florestan Fernandes para dar impulso ao seu projeto intelectual e habilitar a hegemonia institucional da “escola paulista de sociologia”: a) a seleção de um grupo competente de jovens sociólogos ao seu redor, formando uma equipe de trabalho coesa com a qual promoveu pesquisas científicas articuladas⁹⁰. Nas principais vertentes temáticas de pesquisas científicas desenvolvidas pelo grupo liderado por Florestan, nota-se a preocupação

⁹⁰ Segundo Arruda, a “idéia da formação do grupo seletivo de sociólogos, meticulosamente selecionados por ele para compor o corpo de seus assistentes, ele retirou, como sugerimos, da Escola de Sociologia e Política de São Paulo” (Arruda, 1995: 192)

do sociólogo em estimular a continuidade e ampliação dos resultados alcançados através da orientação de dissertações de mestrado e teses de doutorado de seus principais assistentes; b) a orientação da grande maioria dos trabalhos acadêmicos produzidos na área de sociologia. Nesse contexto, Florestan assume a maior parte das orientações científicas, tornando-se responsável por cerca de 50% das pesquisas defendidas na área de ciências sociais da FFCL-USP; c) a consolidação de uma agenda temática de assuntos pertinentes e de um estilo de pesquisa característico de produzir conhecimento em sociologia; d) a realização de acordos com as principais editoras comerciais do período, permitindo a circulação em nível mais amplo dos estudos por ele realizados ou supervisionados⁹¹.

Ao que tudo indica, ao assumir a direção da área de TLLC, Candido aplicou os mesmos princípios e recursos que impulsionaram a marcha da trajetória profissional de Florestan Fernandes e acabaram por favorecer-lhe a construção um espaço institucional hegemônico na área das ciências sociais.

A despeito das divergências no aporte pedagógico, Florestan e, depois, Candido procuravam articular o conteúdo temático discutido nos cursos oferecidos com as pesquisas científicas que orientavam. No caso de Candido, essa tendência é bastante acentuada no conjunto de estudos sobre o movimento modernista e a crítica literária no país. De outro lado, ao contrário de Florestan, Candido contava com o auxílio dos demais integrantes do grupo Clima atuando no programa de pós-graduação, o que permitia orquestrar a discussão conjunta de temas correlatos em diferentes disciplinas. Da mesma forma que Florestan, Candido incentivou seus alunos a pesquisar um conjunto de temas correlatos, propondo e consolidando áreas de pesquisa. Como ele pondera: “Um professor, à medida que os anos passam, vai sentindo necessidade de renunciar a uma série de trabalhos que gostaria de fazer, mas que são variados ou numerosos demais para sua competência ou fôlego. Procura, então, sugerir-los aos jovens que mostram vocação universitária e são escolhidos para a Pós-Graduação. Alguns trazem as suas próprias obsessões já marcadas, e quando são viáveis, cabe ao professor encontrar

⁹¹ Pode-se constatar por tudo isso que “havia um claro projeto de expansão da cadeira de Sociologia I em diversas direções e mesmo de divulgação dos trabalhos nela realizados” (Arruda, idem: 197).

os meios de favorecê-las. Outros estão mais disponíveis, e a eles o professor sugere a lista de suas próprias obsessões” (Candido, 1970: prefácio). Por fim, Candido estimulou a publicação dos principais trabalhos realizados na pós-graduação da área. No catálogo da editora Duas Cidades pode-se encontrar publicada quase a totalidade das pesquisas realizadas, ampliando com isso o círculo de leitores⁹².

No prefácio de *A Condição de Sociólogo*, Candido pondera que Florestan “mostrou pelo exemplo que o trabalho do cientista se desdobra pelo trabalho de outros cientistas; e que para tanto é preciso haver plano, sistematização, esforço organizado de grupo, senso dos problemas, - culminando, em seu caso, pelo senso imperioso do dever social e político” (Candido, 1978: XI). Como se pode averiguar, não passou despercebido ao crítico as estratégias mobilizadas pelo amigo sociólogo. Esta hipótese me parece viável em razão da relação estreita entre ambos. Como lembra Peirano “eles passaram a juventude juntos e discutiram em extensas conversas questões de ordem intelectual, compromissos políticos e projetos institucionais”(Peirano, 1991: 102)⁹³. E a plausibilidade dessa comparação é reforçada quando nos deparamos com a seguinte declaração de Antonio Candido, coligida pela mesma autora: “É na literatura, contudo, que identifica seus alunos: Roberto Schwarz, Walnice Nogueira Galvão, Davi Arrigucci Jr., João Lafetá, José Miguel Wisnik, por exemplo: “*Esses são os meus Fernando Henriques, os meus Octávio Iannis*” (Peirano, 1991: 36 - grifos nossos).

⁹² Da mesma forma que Florestan, Candido se incumbiu de prefaciар quase todos os trabalhos orientados por ele, conferindo-lhes a legitimidade científica necessária através do seu renome como crítico. Nessas intervenções podem-se encontrar, de um lado, sutis indicações das divergências e/ou contestações de Candido frente às vertentes críticas oponentes e, de outro, registros etnográficos de pequenos fragmentos reveladores da dinâmica intelectual interna da área de TLLC. Já os prefácios assinados por Florestan salientam de modo geral o esforço dos pesquisadores em consolidar um novo padrão de trabalho científico e rigoroso de pesquisa sociológica e ressaltam a pujança do arcabouço teórico-metodológico empregado por eles no desvendamento de problemas sociológicos candentes, confiando na capacidade da ciência em indicar caminhos para a transformação social.

⁹³ No original: “their youth was spent together, and in long conversations they discussed intellectual matters, political commitments and institutional plans” (tradução minha).

Capítulo 3

Epígonos, Parceiros e Concorrentes

3. 1. - Os críticos ao redor

Para melhor avaliar a conjuntura intelectual em que ocorreu a empreitada institucional de Candido, cujos principais aspectos e fatores acabo de descrever, é instrutivo um mapeamento da dinâmica interna das relações que conformavam o campo da crítica literária universitária em São Paulo, ressaltando os principais representantes com os quais a área de TLLC dialogava ou se defrontava de perto.

Não se pode esquecer que a notoriedade alcançada pela área de TLLC acabou sendo favorecida tanto pelo êxito de suas próprias atividades quanto pela capacidade do núcleo em interagir de maneira bem-sucedida com os demais projetos críticos em disputa nessa conjuntura. Nesse sentido, ao delinear as estratégias, recursos e esforços dos principais pesquisadores e vertentes concorrentes no campo das letras paulista, poderemos tentar discernir os fatores que influíram (ou possibilitaram a) na consagração da área de TLLC como expoente nesse segmento do campo intelectual. Com base nas esparsas referências disponíveis, procurarei delimitar os pesquisadores engajados e seus respectivos nichos institucionais e intelectuais no interior do campo das letras paulista.

* * *

Nascido em São Paulo, em 1937, em família de modestos imigrantes italianos, Alfredo Bosi cursou Letras na USP entre 1955 e 1959. Após concluir a graduação, Bosi obtém bolsa de estudos para especialização científica no exterior na disciplina de Estética, na Universidade de Florença, permanecendo na Itália

durante dois anos. De volta ao país, começa a ensinar na área de Língua e Literatura Italiana, na qual defende ao longo da década de sessenta tese de doutorado (“Itinerario della Narrativa Pirandelliana”, em 1964) e livre-docência (“Mito e Poesia em Leopardi”, em 1970). Em 1969, tem início sua vinculação com temas e trabalhos de pesquisa relacionados à produção literária brasileira, por meio da publicação do volume *O Pré-Modernismo* (1969), do lançamento no ano seguinte da conhecida *História Concisa da Literatura Brasileira* (1970) e, por fim, da organização da coletânea *O conto brasileiro contemporâneo* (1974). Em 1972, passa a colaborar em definitivo na área de literatura brasileira⁹⁴.

Em larga medida, esse percurso migratório permite explicar a inserção e orientação de pesquisas futuras que Bosi imprimiu no campo das letras, quer em termos dos temas e autores privilegiados, quer em função das disputas intelectuais nas quais ele se envolveria⁹⁵. Após uma década de estudos dedicados à literatura italiana - marcada por investimentos intelectuais acanhados e convencionais - Bosi assume o risco de enveredar por gêneros de pesquisa de maior prestígio e visibilidade na hierarquia acadêmica, sentindo-se pronto para redefinir as linhas de interesse e as pretensões de sua carreira profissional dentro do campo das letras. Graças ao sucesso da empreitada, ele amealhou notoriedade simbólica suficiente que lhe garantiu as prerrogativas necessárias para uma transferência quase imediata de departamento. Entretanto, ao realizar sua reconversão para a nova

⁹⁴ Em entrevista publicada na revista *Novos Estudos Cebrap* (nº 21, julho de 1988) e no ensaio “Sobre alguns modos de ler poesia: memórias e reflexão” (Bosi, 2001), o autor articula reminiscências de sua trajetória acadêmica pessoal com as transformações pelas quais passavam os parâmetros e modalidades de crítica literária no período compreendido entre 1960 e 1990.

⁹⁵ Para uma análise arguta das intervenções, embates e decisões tomadas pelo crítico paulista nos últimos anos, ver Moura (2004). Segundo o autor, as publicações de *O enigma do olhar* (1999), de *Literatura e Resistência* (2002) e a candidatura de Bosi à Academia Brasileira de Letras revelam, cada uma a seu modo, frentes estratégicas de atuação do crítico no interior do campo das letras. No primeiro caso, toda a argumentação de Bosi visa defender uma leitura crítica com base no conceito de “resistência” contra o modelo de abordagem sociológica a que foi submetido o conjunto da obra literária machadiana, num debate virtual com a produção crítica elaborada sobretudo por Roberto Schwarz; no segundo, o artigo central “Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão em história literária” demonstra a preocupação em legitimar essa modalidade de pesquisa num “momento em que o próprio gênero sobre o qual [Bosi] construiu seu prestígio se vê ameaçado”; por fim, a eleição para a Academia permite ao crítico paulista permanecer no centro das discussões, garantindo-lhe “a manutenção do capital simbólico que a essa altura poderia estar ameaçado, seja pela queda de prestígio da história literária, seja pela maior visibilidade que a visada dita ‘sociológica’ obteve nos estudos sobre Machado de Assis” (id., ibid.: 52).

área mediante apostas intelectuais em sínteses historiográficas - a despeito do momento de revisão e crítica pelo qual passava essa modalidade de estudos - e em panoramas literários abrangentes, Bosi acabou por tornar inacessível a participação de discípulos em projetos de pesquisas particulares ou acadêmicos de fôlego. Com efeito, pode-se contar nos dedos aqueles que se designam⁹⁶ como tributários da reflexão crítica do autor. Em vista disso, é possível afirmar que Bosi sustentou sua carreira sobretudo com base no renome adquirido com as publicações mencionadas.

* * *

No vértice oposto, encontra-se o grupo formado pelos poetas concretos. Dos três membros fundadores do movimento, Décio Pignatari e Haroldo de Campos seguiram carreiras acadêmicas. O primeiro, conforme vimos, foi orientado por Candido em tese de doutorado sobre a abordagem semiótica de Charles Pierce, apresentada na área de TLLC em março de 1973. Logo em seguida, Pignatari é contratado como docente pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), na qual aposentou-se como professor. Ao permanecer associado a um departamento distante do campo das letras, Pignatari acabou ficando à margem dos principais debates críticos, circunscrevendo sua área de atuação ao campo de estudos da semiótica, ainda que com incursões esporádicas no domínio da literatura brasileira.

Com relação a Haroldo de Campos, já tivemos oportunidade de conferir a sua recusa ao convite para colaborar junto à área de TLLC. Após declinar a proposta de Candido, devido ao receio em renunciar ao cargo de funcionário público na USP para começar carreira como docente universitário, Haroldo aceita por fim em 1971 ingressar no magistério, através de convite realizado por universidade norte-americana. Em seguida, ele relata que “no segundo semestre do mesmo ano fui convidado pela amiga Leyla Perrone-Moisés e Lucrecia Ferrara e dei o meu primeiro curso na pós-graduação da PUC. Tratava-se agora de uma instituição particular e os cursos eram à noite. Além disso, não havia problema de

⁹⁶ É o caso, por exemplo, de Antonio Dimas, Wendel Santos, entres outros.

acumulação de cargos. Acabei ficando na PUC até meados de 80, cheguei a professor titular, e quando me retirei do ensino a universidade me honrou com o título de professor emérito” (Campos, Folha de S. Paulo, 5 de abril de 1992)⁹⁷.

Em 1972, estimulado e orientado por Candido, Haroldo defende como tese de doutorado na área de TLLC o estudo “Morfologia do Macunaíma”⁹⁸, leitura estrutural da obra-prima de Mário de Andrade. Nele, Haroldo surpreende no complexo trecho de *Macunaíma* uma rígida e encadeada seqüência narrativa, ao contrário das escassas apreciações críticas precursoras que consideravam o romance como uma obra literária caótica e desarticulada, baseada em princípios estruturais correspondentes ao arcabouço dos contos de magia estudados pelo lingüista russo Vladimir Propp em *Morfologia do Conto Maravilhoso* (1984)⁹⁹. Apoiado no aparato crítico proppiano - esse “guia estrutural seguro” - Haroldo visa descrever a composição do romance em termos da

“similaridade morfológica entre o Macunaíma e o corpus concreto de contos analisado pelo folclorista de Leningrado. Remonto, para isso, ao material manipulado por Mário, para identificar na base as operações de assimilação e transformação levadas a efeito pelo escritor. Por outro lado, não estou empenhado aqui na generalização do método proppiano em abstrato, mas na sua aplicação empírica a um texto literário que me parece especialmente adequado a esse tipo de análise, o que me escusa de ponderar outros aspectos

⁹⁷ Outorgado com o título de professor emérito da PUC/SP, Haroldo de Campos foi um dos principais fundadores do programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica dessa instituição, onde lecionou até aposentar-se, em 1990.

⁹⁸ Haroldo informa que pelo “sistema da época era necessário fazer duas teses subsidiárias. Fiz uma junto à cadeira de francês, do Victor Ramos, minha tradução comentada do “Coup de Dés”, de Mallarmé. A outra, sobre o poeta russo Khlebnikov, fiz junto ao Boris Schnaiderman. Obtive então o título de doutor em letras” (Haroldo de Campos, *Folha de S. Paulo*, 5 de abril de 1992).

⁹⁹ Expoente da chamada “escola formalista russa”, cujos principais postulados estavam em franco processo de divulgação e assimilação nos centros intelectuais de prestígio, Vladimir Propp concebeu nessa obra uma minuciosa abordagem dos contos de magia russos, estabelecendo como critério analítico básico a noção de função, definida a partir da ação de um personagem vista do ângulo de seu interesse para a progressão da narrativa. Com base nessa definição, Propp distingue as funções constantes, que correspondem às ações que garantem a continuidade da narrativa e as funções variáveis, que representam atributos ou nomes dos personagens. Nesses termos, Propp identifica trinta e uma funções invariáveis no arcabouço dos enredos de seu *corpus* de trabalho.

eventualmente interessantes da discussão. Pretendo que meu ensaio contribua para pôr a nu as leis de “composição” ou “produção artística”, o processo gerativo, portanto, do Macunaíma” (Campos, 1973: 82).

No entender do crítico, o romance de Mário de Andrade estaria ancorado, em linha gerais, na seguinte seqüência narrativa: a) situação inicial: apresentação dos principais personagens e perda do amuleto muiraquitã; b) duelo com antagonista: peripécias do protagonista e batalha com gigante Venceslau Pietro Petra; c) situação final: resgate do amuleto e volta triunfal do herói. Nessa perspectiva,

“miolo estrutural - esta “grande sintagmática” - coincide em substância com a ação propriamente dita do conto de magia, que se abre com um “dano” (exórdio) e atinge o seu ponto culminante com a “remoção do malfeito ou da falta (funções VIII e XIX do elenco de Propp). Há ainda a situação inicial semelhante às que existem nos contos analisados por Propp (enumeração dos membros da família e introdução do futuro herói), complicada no caso de Macunaíma pelo enclave de material diverso com peripécias autonomamente analisáveis, e um esboço de função de retorno (a volta da querência, p.176)” (id., ibid.:32).

Levando em consideração as advertências do lingüista Roman Jakobson sobre a distinção entre folclore e literatura (baseada na “predisposição específica do primeiro para a *langue* e da segunda para a *parole*”) e suas implicações na transposição de um modelo analítico haurido da fabulação anônima coletiva para a apreciação de obras literárias de autoria individual, Haroldo enxerga em *Macunaíma* um exemplo admirável da maneira como “Mário de Andrade, no seu projeto, aboliu, por assim dizer (ou pelo menos suspendeu até o limite do possível), essa diferença estrutural fundamental, incorporando-a como regra de seu jogo literário [...]. Daí a ambigüidade fascinante do seu livro, que ao mesmo tempo contesta e atesta, artificial e autônomo, “fato de *parole*” e fato de *langue*” (id., ibid.: 72).

É difícil precisar a reação de Candido aos principais postulados do trabalho defendido por Haroldo de Campos. Não há nenhuma referência material registrada sobre o assunto. No entanto, julgo não ser descabido considerar a investida crítica de Gilda de Mello e Souza em *O Tupi e o Alaúde* (1979) como uma réplica refletida em conjunto pelo casal - uma argüição extemporânea¹⁰⁰ -, aos principais argumentos do trabalho de Haroldo. Nesse ponto, uma passagem do trabalho de Waizbort pode nos auxiliar no exame dessa questão. Em excuro de tese de livre-docência, o autor surpreende a presença de certos elementos comuns entre a *Formação da Literatura Brasileira* (1959) e *O Espírito das Roupas* (1950), na medida em que

“a tese de Gilda, apresentada em 1950, foi sendo matutada e escrita nos anos anteriores. No mesmo momento, isto é, “entre 1945 e 1951”, Antonio Candido, desde 1943 seu marido, escrevia sua Formação da Literatura Brasileira que, apresentada em seus momentos decisivos, espalhava-se sobretudo pelo século XIX. De sorte que encontramos os dois professores estudando o mesmo período; o saldo é do conhecimento de todos. E se nossa prosa de ficção do século XIX, na tese de 1950, é tratada com admirável soberania e a Autora recorta carinhosamente a produção de Alencar, Machado e do autor de A Moreninha, menos evidentes são as referências ao vestuário no livro do professor. Mas elas estão lá, à espera de um leitor curioso, que vá à cata das vezes em que Antonio Candido, no livro publicado em 1959, menciona a moda. De sorte que uma dimensão até agora não firmada na fortuna das duas obras pode ser nomeada: uma, digamos, simbiose conjugal” (Waizbort, 2003: 70)¹⁰¹.

¹⁰⁰ Expressão utilizada por Leyla Perrone-Moisés em intervenção na grande imprensa que comento a seguir.

¹⁰¹ Ora, tal simbiose não fica restrita somente aos trabalhos mencionados, podendo ser encontrada em artigos posteriores, tais como “Estrela da Vida Inteira”, já mencionado, e “Os Deuses Malditos”. Cf. Mello e Souza, Gilda. *Exercícios de Leitura*. São Paulo, Editora Duas Cidades, 1980). Da mesma forma, Pontes assinala que a “intimidade de Gilda com o universo literário - adquirida desde muito cedo, como leitora compenetrada e reforçada por meio da longa e decisiva influência de Mário de Andrade - seria revigorada, no período em que escreveu a tese [*O espírito das roupas*] pela convivência e pela troca intelectual intensa com seu marido, Antonio Candido (também ele às voltas, na época, com o século XIX e com a elaboração de *Formação da Literatura Brasileira* [...])” (Pontes, 2004b: 16).

Diante disso, não é difícil presumir que os principais argumentos de *O Tupi e o Alaúde* foram debatidos no decurso desses anos em ambiente doméstico pelo casal Mello e Souza. Além disso, a implacável leitura de Gilda¹⁰² revela a presença de certas preocupações vinculadas ao projeto intelectual acalentado pelos principais integrantes do grupo *Clima*.

Dividido em três partes articuladas, *O Tupi e o Alaúde* analisa o processo compositivo do romance *Macunaíma* (1928), avaliando sua relação com o conjunto de pesquisas sobre a música popular e as preocupações estéticas de Mário de Andrade. Na primeira parte do estudo, Gilda evidencia que Mário de Andrade teria lançado mão de dois procedimentos derivados do processo compositivo da música popular para organizar o complexo entrecho do romance: o princípio da variação, que consiste na substituição de certos elementos preservando-se a estrutura básica em que eles estão inseridos, e a suíte, artifício baseado no amálgama de episódios afins. Na forma rapsódica da canção popular do Bumba-meu-Boi e no fecundo consórcio de empréstimos e adaptações entre a música erudita e popular, representado de maneira plena pelos improvisos dos cantores do nordeste, Gilda encontra a regra de composição do romance, “ligada à profunda experiência musical de Mário de Andrade” (Mello e Souza, 2003: 25).

¹⁰² A “severidade”, quase “indisposição”, da crítica de Gilda para com a análise de Haroldo foi discutida em intervenção ponderada de Leyla Perrone-Moisés. Em razão da dificuldade de acesso e do interesse para nossa argumentação, a resenha merece ser apresentada de modo sucinto nas próximas linhas. De acordo com a autora, os seus comentários foram instigados pela leitura de passagens do livro de Gilda que suscitaram-lhe “certo espanto e umas tantas reflexões”. Para Leyla, ao propor-se “retificar” a leitura crítica de Haroldo, Gilda revelaria com a escolha desse verbo certa antipatia posto que ele “*só me parece pertinente com relação a textos que contém verdades (religiosas, éticas), e não é esse o caso das obras literárias. Numa leitura crítica, pode-se preferir um método a outro, uma interpretação a outra, mas jamais afirmar um método ou uma interpretação como o/a reto/a. E se um trabalho não corresponde ao método que se prefere e não chega às mesmas conclusões que o nosso, devemos fazer um esforço de isenção para ver sua coesão interna, sua validade dentro do que o outro se propôs fazer*”. Nesses termos, Leyla afirma que “*todo crítico trabalha com conceitos e abstrações; e o rendimento dessas abstrações (que é a única coisa relevante, quando se avalia um trabalho crítico), no confronto com a obra concreta, não depende do valor dos modelos mas da sensibilidade, da perspicácia e do engenho daquele que o aplica*”. (Leyla Perrone-Moisés, Suplemento Cultural Estado de S. Paulo 27/01/80). A resenha mencionada encontra-se em (Perrone-Moisés, 1973, 97-98).

No prefácio à edição brasileira do livro de Propp, somente traduzido em 1984, Boris Schnaiderman ensaia uma sutil defesa da proposta analítica de Haroldo de Campos, citando a investida de Gilda. Cf. Schnaiderman, Boris. “Prefácio à edição brasileira” in Propp, Vladimir. *Morfologia do Conto maravilhoso*. Rio de Janeiro. Forense-Universitária, 1984.

Após desenvolver a análise sobre a influência desse filão na obra, Gilda empreende no segundo bloco do ensaio um ajuste de contas sistemático com as principais formulações da pesquisa de Haroldo. De início, a autora refuta a procedência da analogia entre o desenvolvimento do trecho do romance e a estrutura fabular, pois

“não houve, por parte do crítico brasileiro, preocupação em verificar se, independente das analogias que estava descobrindo, a estrutura do livro apresentava uma lógica autônoma que, em vez de remeter o leitor ao universo extra-individual de existência apenas potencial da fábula, procurasse estabelecer um liame com a produção individual, de existência concreta da obra literária; e ainda, que mesmo permanecendo no plano da estrutura, ensaiasse relacioná-la com o complexo sistema formal do escritor. Pelo contrário, reduzindo o livro simbólico, alusivo, elaborado e inextricavelmente ancorado no universo ideológico do escritor a “um complexo de normas estabelecidas e estímulos”, a um “esqueleto de tradições” que a criação individual se limitara a ornamentar e unificar mais ou menos, Haroldo de Campos acabou reduzindo um fato admirável de parole à banalidade da langue”(Mello e Souza, 200:45)¹⁰³.

Nessa longa exposição, Gilda enumera os pontos divergentes com relação à proposta de Haroldo, salientando que a principal deficiência de tal apreciação crítica consiste na fidelidade excessiva com que o autor encampou o modelo elaborado por Propp, resultando em concessões ou “esquecimentos” de episódios fundamentais do romance (na opinião da autora: a importância central do episódio de Vei; a posição estratégica da “Cartas para Icamíabas”; a caracterização ambígua no retorno do herói).

¹⁰³ Na resenha citada, Leyla lembra que a principal crítica de Gilda ao estudo de Haroldo - “uma leitura unívoca que rejeitava os desvios da norma, para fazer a obra de arte caber à força no modelo que, fatalmente, teria de extravasar” - já havia sido debatida por ela própria quando de sua participação enquanto componente da banca de examinadores da tese e publicada em resenha logo depois: “*As perguntas que se colocam são então as seguintes: em que medida tal método pode servir à crítica, à leitura da obra particular (fenômeno da fala)? Em que medida se pode falar numa ‘morfologia’ do fenômeno único?*” (Perrone-Moisés, idem, ibid).

Em lugar da morfologia fabular delineada por Propp, Gilda propunha remontar o arcabouço do livro ao ciclo de romances, defendendo que “*Macunaíma* pode filiar-se, sob certos aspectos, a uma remota tradição narrativa do Ocidente, o romance arturiano, que por sua vez desenvolve um dos arquétipos mais difundidos da literatura popular universal: a busca do objeto miraculoso, no seu caso, o Graal”, configurado por meio de um “curioso jogo satírico que oscila de maneira ininterrupta entre a adoção do modelo europeu e a valorização da diferença nacional” (*idem*:61). Aproveitando as considerações do teórico russo Mikhail Bakhtin sobre os processos de carnavalização e dialogismo na literatura ocidental, Gilda demonstra que o romance poderia ser compreendido enquanto uma paródia do gênero e seu protagonista com uma versão estilizada do herói do romance de cavalaria¹⁰⁴.

Ainda que se possa admitir que a escolha decorra do fato de ser o estudo de Haroldo tomado como o “mais importante da estrutura básica” do romance, a investida de Gilda supera em muito uma mera revisão crítica sobre as fontes bibliográficas pertinentes, deixando transparecer a dimensão da disputa sobre um

¹⁰⁴ Em inventário da fortuna crítica sobre o livro de Mário de Andrade, Santiago constata que “todas as interpretações de *Macunaíma*, de um modo ou de outro, dão como obstáculo analítico inicial a caracterização do princípio de composição do texto e do modo de estruturação da narrativa” (Santiago, 1989:137). Segundo Santiago, o romance repercutiu ao longo de sua trajetória com certo interesse no meio intelectual do país, ainda que a penúria do mesmo não propiciasse a devida reflexão crítica sobre suas inovações e desafios estéticos. É somente a partir da década de sessenta e setenta, graças à intervenção conjunta de “sete forças diferenciadas que se encontram e se orquestram no palco cultural brasileiro e internacional”, que *Macunaíma* consagra-se definitivamente “como a melhor prosa de ficção modernista, encontrando paralelo só no *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa”(idem:134). No entender do autor, podem ser considerados nesse processo os seguintes fatores: a) a reabilitação da prosa de vanguarda dos próceres do modernismo por parte do movimento poético concreto e grupos congêneres; b) a consolidação e expansão da pós-graduação em letras em todo o país, despertando interesse no estudo e análise do livro; c) a adaptação cinematográfica de *Macunaíma*, em 1969, por Joaquim Pedro de Andrade; d) a adaptação teatral do romance lavada a cabo por Antunes Filho, em 1978; e) as traduções do livro realizadas para o francês, espanhol e italiano; f) apropriação do romance como tema de samba-enredo de escola de samba em desfile de carnaval no Rio de Janeiro; g) conjunto de estudos voltados para a relação da literatura brasileira com a hispano-americana, em cujo âmbito avulta a obra de Mário de Andrade. Aos fatores identificados por Santiago, pode-se contudo acrescentar dois outros elementos que tornaram a obra e a figura de Mário de Andrade destacadas: de um lado, a disputa pela primazia e monopólio do legado intelectual do modernismo paulista entre os integrantes do grupo Clima e os poetas concretistas; de outro, o conjunto articulado de pesquisas científicas empreendidas pela área de TLLC sobre o conjunto da obra do escritor paulista.

objeto estimado aos grupos em contenda¹⁰⁵. A despeito das várias pesquisas realizadas sobre a obra de Mário de Andrade pela área de TLLC, a obra-prima do escritor paulista não recebera até então nenhum tratamento particular. A atenção com que Gilda dissecou os argumentos da *Morfologia* no segundo bloco e o destaque inesperado que lhes concede no movimento reflexivo da análise, atestam a importância estratégica da leitura crítica do trabalho de Haroldo. Sob a forma eufemizada de uma simples revisão bibliográfica, Gilda rechaça os principais argumentos e achados críticos de Haroldo, executando uma manobra intelectual no sentido de redefinir os critérios e parâmetros avaliativos legítimos de leitura do romance, revistos de acordo com o projeto crítico do grupo ao qual pertence¹⁰⁶.

¹⁰⁵ Ao republicar em livro o ensaio “Mário de Andrade: a imaginação estrutural”, versão resumida de sua tese, publicada originalmente na revista *Manchete* em 1973, Haroldo acrescenta algumas notas de rodapé em resposta às objeções de Gilda. Em resumo, o crítico comenta que: a) a intenção principal de sua tese era tão-somente demonstrar em *Macunaíma* a presença de um arcabouço subjacente estruturado regendo seus diversos episódios, deixando em notas e apênsos sugestões e perspectivas de análise pressentidas mas não desenvolvidas. Nas palavras de Haroldo: “*Meu propósito, quando me ative a esse último [arranjo do entrecho] , estava em apresentar uma refutação cabal e documentada à tese do “malogro” da polifábula andradiana, por falta de conexão lógica, de congruência (João Ribeiro e Wilson Martins, por exemplo)*”; b) sublinha o desconhecimento da autora com relação à bibliografia da área de semiologia (“*a autora de O Tupi e o Alaúde não demonstra grande familiaridade com a bibliografia sobre “narratologia” (“semiologia da narrativa”) e, por isso, não atina exatamente com o que seja “estrutura sintagmática”, ou com a distinção entre “aspecto verbal” e “aspecto funcional” da análise*”), especialidade de Haroldo. Cf. Campos, Haroldo. “Mário de Andrade: a imaginação estrutural” in *Metalinguagem & outras metas*. São Paulo. Editora Perspectiva, 1992.

¹⁰⁶ Na medida em que se amplia o montante de recursos científicos acumulados e os respectivos engajamentos institucionais, as invectivas entre os grupos *Clima* e *Noigandres* se amiúdam, tornando-se mais encarniçadas. Até onde pude averiguar, a primeira evidência material disponível das relações tensas entre os grupos consiste no comentário de Roberto Schwarz, publicado originalmente no periódico *Almanaque*, em 1976, no qual o crítico, sem dúvida o principal fomentador e alvo das investidas, adverte de modo zombeteiro que: “Afrânio Coutinho e os concretistas introduziram a crítica científica no Brasil”. Durante a década de oitenta as contentas foram marcadas por animosidades recíprocas, culminando em dois confrontos de grande repercussão: a) polêmica leitura do poema “Pós-Tudo”, de Augusto de Campos, realizada por Roberto Schwarz nas páginas semanais do suplemento cultural *Folhetim*, do jornal a Folha de S.Paulo. O artigo desencadeou discussões que iriam se estender pelos próximos dois números do suplemento e chegou a envolver outros pesquisadores da USP; b) publicação em 1989 do opúsculo *O Seqüestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira: o caso Gregório de Mattos*, no qual Haroldo de Campos discutia criticamente o modelo de historiografia literária adotada por Candido na *Formação da Literatura Brasileira*, bem como a influência da poesia de Gregório de Mattos em nosso cânone literário. Segundo Haroldo, baseado em considerações teóricas do filósofo francês Jacques Derrida e do lingüista russo Roman Jakobson, a fundamentação do esquema reflexivo da *Formação* encarnaria um modelo linear e teleológico, ao surpreender o processo de aclimação da literatura no país através de metáforas e achados de ordem “animista” (como, por exemplo, na idéia de nacionalismo literário) e “organicista” (ao adotar a imagem de nossa literatura como galho

* * *

Nascido em 1921, na cidade cearense de Momboça, José Aderaldo Castello cursou Letras Clássicas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo durante 1941 a 1944. Nesse mesmo ano, começa a trabalhar como professor-assistente da cadeira de Literatura Brasileira, então sob responsabilidade de Mário de Souza Lima. Em 1950, defende doutorado sobre “Origens do Romantismo no Brasil”. Oito anos depois se torna livre-docente na disciplina com o estudo “José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo”. Finalmente, no ano de 1965, com a aposentaria de Souza Lima, conquista em concurso a cátedra de titular da área. A partir desse momento, Castello implementa seus próprios projetos de pesquisas acadêmicas, dentre os quais destacam-se: a) ampla pesquisa sobre o movimento academicista - que perdurou de 1957 a 1980 e resultou em 17 volumes - levado a cabo sem a assistência de auxiliares; b) projeto institucional de pesquisa acerca dos principais periódicos representativos de grupos ou movimentos literários brasileiros, com especial ênfase no modernismo.

Em relação ao último, Castello coordenou durante a década de setenta amplo projeto de pesquisas com o objetivo de proceder a um levantamento e estudo sistemático dos principais periódicos modernistas, implementado junto à pós-graduação dessa área¹⁰⁷. As principais diretrizes do mesmo foram estabelecidas

secundário da portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem no jardim das musas). Em vista disso, o crítico evidencia a presença de uma visada historiográfica romântica subjacente ao arcabouço do livro, que projetaria a evolução de nossa literatura *pari passu* com o processo de emancipação política e ampliação do sentimento nacionalista. Empenhado em estabelecer as bases de um projeto de historiografia literária escorado em uma perspectiva sincrônica - caracterizada pela preocupação em examinar a contribuição formal dos autores para o avanço do repertório comum de informação estética - , Haroldo ressalta a influência da poesia de Gregório de Mattos para nossa literatura. Para uma análise dessas alterações, de resto já bastante comentadas, ver Motta (2002), Moura (2004), Simões (1998).

¹⁰⁷ O roteiro de pesquisas pode ser encontrado no prefácio Napoli (1970). Dentre os estudos elaborados que foram publicados ou estavam em vias de publicação, Castello registra os seguintes: “*Roselis Oliveira de Napoli, sobre Lanterna Verde; a de Cecília de Lara sobre Nova Cruzada, também já editada; de Neusa Pinsard Caccese sobre Festa e de Antonio Dimas de Moraes sobre Rosa-Cruz, aguardando publicação. Outras estão em andamento, sobre Klaxon, Terra Roxa, Revista de Antropofagia, Revista Nova, Verde, todas do Modernismo, e, abrindo a faixa romântica, a Minerva Brasiliense e a Guanabara, além das revistas Kosmos e Renascença, de princípios desse*

num roteiro básico intitulado “A pesquisa de periódicos na literatura brasileira”, destacando como procedimentos básicos de pesquisa o levantamento sistemático de materiais bibliográficos dedicados ao periódico, o contexto de surgimento, o movimento literário ao qual a revista se relaciona, bem como o exame das principais características gráficas, doutrinárias e dos principais colaboradores.

Quando comparado ao perfil das pesquisas acadêmicas realizadas no âmbito do curso de TLLC, o projeto de pesquisas delineado por Castello revela-se muito próximo e afinado daquelas seja no tocante à importância preliminar conferida ao levantamento sistemático de fontes bibliográficas primárias, vista como etapa indispensável para qualquer especulação crítica abrangente, seja no que diz respeito aos períodos, movimentos e autores considerados¹⁰⁸. A exemplo das pesquisas sobre as anotações marginais legadas por Mário de Andrade, a matéria-prima expressiva que municiava esse conjunto de pesquisas advinha do acervo documental adquirido pelo IEB¹⁰⁹. Nesse sentido, talvez seja razoável supor que a escolha das revistas modernistas por parte de Castello surgia também como uma alternativa para diminuir a competição e o embate frontais entre as cadeiras, na medida em que os periódicos representavam na hierarquia de valores acadêmicos

século. E mais outros periódicos estão programados para os cursos que se iniciam neste ano letivo de 1971, sobretudo do período modernista, cobrindo-o completamente” (Castello, 1971:12).

¹⁰⁸ A respeito da dissertação de mestrado de Lúcia Chiappini de Moraes Leite, sobre o Modernismo Rio-Grandense, Candido agradece em prefácio a contribuição do “Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo e ao seu diretor, Dr. José Aderaldo Castello, *quem tem apoiado os nossos trabalhos de Teoria Literária, feitos em harmonia estreita com os seus e de sua equipe de Literatura Brasileira*, como demonstra esta dissertação, que acolheu para publicar depois de ter feito sugestões muito úteis para a sua ordenação, *e que de certo modo pertence mais ao âmbito de sua área* (Candido, 1970: introdução - grifos nossos). Não foi por acaso que alguns orientandos de Candido tenham sido convidados para trabalhar junto à área de literatura brasileira. É o caso, por exemplo, de Telê Ancona Lopez, incentivada por Castello a integrar o corpo docente da área sob sua responsabilidade em 1972 e cuja produção intelectual pode ser aproximada das diretrizes do prospecto acima apresentado. Como veremos adiante, a competição interna do grupo, com o contingente excessivo de alunos pós-graduados, foi aplacada pelos sucessivos remanejamentos e criações de posto de trabalho em outras instituições, contribuindo com isso para que os níveis de disputa e tensão não ultrapassassem patamares indesejáveis.

¹⁰⁹ Em prefácio, Lara anota que o “*Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, em virtude de possuir em seu rico acervo - Arquivos, Biblioteca e Coleção de Artes Visuais - o mais completo conjunto de obras e documentos referentes ao modernismo brasileiro, tem possibilitado a elaboração de muitos trabalhos que exploram fontes primárias, algumas inéditas, até então. Dentre esses estudos, ressaltamos uma linha [...] constituída de monografias e teses de mestrado e Doutorado, realizadas por alunos da FFLCH-USP, área de Literatura Brasileira. Tais pesquisas se enquadram no que resolvermos designar como Projeto de Estudo de Periódico*” (Lara, 1984: 13).

assuntos menos “atrativos”, em torno dos quais a disputa é menos acirrada. Não disponho de dados para comprovar tal afirmação, mas levando-se em conta a limitada repercussão das pesquisas dos alunos de Castello na divisão do trabalho intelectual das letras uspianas fica patente a relevância dessa orientação. Além disso, a despeito das adaptações individuais a que foram submetidas, as recomendações do roteiro do projeto original ressentem certa rigidez analítica, restringindo a margem de ousadia autoral na condução da pesquisa a descrições alentadas do panorama histórico-literária ao qual os periódicos estavam relacionados. Por outro lado, essa mesma modalidade de trabalho não admite a elaboração de amplos quadros teóricos posto que o acento analítico reside na inspeção interna da matéria das revistas¹¹⁰.

* * *

De modo esquemático, pode-se constatar, a partir do quadro acima esboçado, que a presença de um projeto intelectual definido de pesquisas acadêmicas, o auxílio e suporte financeiro de agências governamentais de fomentos a pesquisas, a reserva de um nicho de temas e materiais empíricos à disposição para pesquisas, a discussão de objetos de prestígio e ampla visibilidade científica e, por fim, a formação e treinamento acadêmico de toda uma geração de pesquisadores que puderam contar com a existência de carreiras acadêmicas mais

¹¹⁰ Não obstante, a forte relação de amizade - fraternal, conforme qualificaria Candido - existente entre os dois professores, não revela a presença de competição ou litígio na disputa e monopólio de um mesmo domínio de conhecimento. Ao contrário, no plano institucional pode-se encontrar diversas ocasiões de auxílio recíproco. João Alexandre Barbosa menciona que as dificuldades de sua contratação foram resolvidas com a intervenção de Castello, que, ao receber dotação para a área de Literatura Brasileira, transferiu “a verba para o Antonio Candido e com isso eu passei para a área de Teoria Literária. Por isso é que eu, no meu concurso para titular, na presença dos dois, disse que entrei para a Universidade de São Paulo pelo coração de Antonio Candido e pelo bolso do Castello [...]” (Barbosa, 1995: 27). Do ponto de vista intelectual, a despeito das divergências doutrinárias, Candido e Castello colaboraram em conjunto em algumas publicações. É o caso, por exemplo, da organização dos volumes da antologia *Presença da Literatura Brasileira*, cujo prefácio esclarece que “a tarefa foi dividida em partes iguais, não por volume nem por período, mas dentro de cada período; além disso, cada um de nós se encarregou alternativamente, ou em colaboração, das introduções - tudo de maneira a dar a maior unidade possível ao trabalho” (Candido, Antonio e Castello, José Aderaldo: 1985b: 7).

estruturadas e possibilidades efetivas de inserção profissional propiciaram com que o curso de TLLC acabasse por se tornar o segmento hegemônico no âmbito da crítica literária praticada em São Paulo¹¹¹. Nesse processo, a área em apreço reuniu ao seu redor as duas modalidades de capital científico identificados por Bourdieu: de um lado, o capital temporal, baseado na existência do “poder institucional e institucionalizado que está ligado à ocupação de posições importantes nas instituições científicas, direção de laboratórios ou departamentos, pertencimento a comissões, comitês de avaliação etc., e ao poder sobre os meios de produção (contratos, créditos, postos etc.) e de reprodução (poder de nomear e fazer carreiras) que ela assegura”; de outro lado, a existência de capital social, dimensão que “repousa quase exclusivamente sobre o reconhecimento, pouco ou mal objetivado e institucionalizado, do conjunto de pares ou da fração mais consagrada dentre eles (por exemplo, como os colégios invisíveis de eruditos unidos por relações de estima mútua)”. (Bourdieu, 1997b: 35).

3. 2. - As mulheres e as Letras

Segundo dados apurados por Pastore (1971), 65% dos alunos matriculados no curso de Letras no início da década de setenta pertenciam ao sexo feminino. No que concerne à área de TLLC, Telê Lopez já notava que o público discente dos primeiros seminários era composto por matriculados “quase tudo meninada” (Lopez, 1992: 43). Em termos numéricos, pode-se confirmar, com base no total do contingente de alunos orientados, a presença elevada de pesquisadoras, responsáveis por 58% dos estudos. Não obstante, apesar da maior proporção de mulheres cursando a pós-graduação da área, é possível discernir os contornos específicos da participação feminina nesse nicho no que se refere ao nível de

¹¹¹ No Rio de Janeiro, a principal vertente da crítica era nucleada em torno da PUC, onde lecionavam Silviano Santiago, Luiz Costa Lima e Affonso Romano de Sant’Anna. Apesar das diferenças, todos eles se afinavam com uma visada crítica cujo “principal objeto de estudo era a própria linguagem literária, observada segundo métodos de análise imanente, tomados de empréstimo sobretudo aos estudos lingüísticos” (Sussekind, 2004 :55). Além disso, a análise empírica de acervos e obras não era estimulada em detrimento de amplas discussões metodológicas.

titulação adquirida e sobretudo nas modalidades de trabalho de pesquisa e pretensões profissionais.

Enquanto no nível de titulação de mestrado avulta a participação de mulheres matriculadas na pós-graduação (11 mulheres para 6 homens), o contingente masculino defendendo teses de doutorado suplanta ligeiramente o total de mulheres (9 homens para 8 mulheres). Apesar da relativa igualdade, a diferença significativa reside na procedência institucional dos pesquisadores. Sob a supervisão de Candido, doutoram-se em sua grande maioria pesquisadores do sexo masculino provenientes de outras áreas integrantes do curso de Letras da USP ou críticos de renome vinculados a outros centros de pesquisa acolhidos pela área. No primeiro caso, pode-se citar o exemplo de Davi Arrigucci Jr. (área de Língua Espanhola), Roberto de Oliveira Brandão (área de Línguas Clássicas); no segundo grupo, encontramos Boris Schnaiderman, Haroldo de Campos, Décio Pignatari e Luiz Costa Lima. Não deixa de ser interessante verificar que, ainda que de modo formal, Candido tenha associado seu nome aos principais críticos literários do país, contribuindo dessa maneira para ampliar o seu gradiente de capital científico no campo. Por outro lado, no tocante ao conjunto de doutorandas mulheres, com exceção de Onédia de Carvalho Barbosa (área de Literatura Inglesa) e Teresa Pires Vara (Faculdade de Filosofia e Letras de Assis) as demais pesquisadoras realizaram mestrado na pós-graduação da área de TLLC, prolongando na redação das teses as pesquisas científicas previamente iniciadas. São os casos, por exemplo, de Telê Ancona Lopez, Vera Chalmers, Lígia Chiappini de Moraes Leite, Nites Feres e Mariza Lajolo.

Do ponto de vista das trajetórias e pretensões profissionais discriminadas pelo critério das relações de gênero, as pesquisas empreendidas pela área fornecem uma via sugestiva para nossa discussão. Na divisão do trabalho intelectual do grupo, é possível discernir dois tipos básicos de modalidades de pesquisa científicas: empíricas e interpretativas. De um modo geral, as pesquisas empíricas utilizam como matéria-prima para a análise fontes primárias, textos de circunstâncias, arquivos ou registros particulares reveladores dos bastidores da produção ficcional dos principais escritores modernistas. Nesse tipo de registro, predomina por completo a iniciativa e colaboração feminina nas tarefas de

levantamento bibliográfico. Em todos os trabalhos associados a este filão, como vimos, são as mulheres suas encarregadas: a) pesquisa sobre as anotações marginais inscritas nos livros da biblioteca de Mário de Andrade (Telê Ancona Lopez, Nites Feres e Maria Helena Grembecki); b) pesquisa sobre a vertente gaúcha do movimento modernista (Lígia Chiappini de Moraes); c) pesquisa acerca das crônicas jornalísticas redigidas por Oswald de Andrade (Vera Chalmers); d) pesquisa sobre os livros presentes na biblioteca pessoal de João Guimarães Rosa (Suzy Sperber). Esses dados permitem constatar que as pesquisas empíricas se inscrevem no pólo feminino da divisão do trabalho intelectual e em geral são continuadas ou complementadas pelas autoras nos estudos de doutorado. Na maior parte dos casos, as mulheres orientadas passam por todas as etapas de titulação profissional, avançando de maneira paulatina na hierarquia acadêmica, enquanto que os homens se valem da inscrição direta no nível de doutorado¹¹².

De outro lado, se encontram as pesquisas interpretativas, voltadas para a “descoberta pela leitura” e baseadas em panoramas teóricos abrangentes. Aqui sobrelevam os pesquisadores, encarregados de elaborar o quadro de referências teóricas do grupo e propensos a investir em áreas e gêneros de maior destaque. No limite, as evidências empíricas coligidas pelas pesquisadoras subsidiariam as reflexões de cunho interpretativo. Em vista disso, as pretensões intelectuais e profissionais manifestadas pelo conjunto de pesquisadores da área parecem indissociáveis das relações de gênero e seus constrangimentos, respondendo pelas formas de colaboração e concorrência interna ao grupo.

Na tentativa de ilustrar essas considerações, proponho confrontar duas dissertações de mestrado defendidas na área, quase ao mesmo tempo, sob a orientação de Candido e a partir de uma temática bastante semelhante, a fim de ressaltar o impacto que as inflexões de gênero acarretavam na divisão do trabalho

¹¹² Ao inventariar as instâncias difusoras e legitimadoras da “dominação masculina”, Bourdieu repara que no sistema escolar podemos encontrar “inscritos em suas próprias estruturas hierárquicas, *todas sexualmente conotadas*, entre as diferentes escolas ou as diferentes faculdades, entre as disciplinas (“moles” ou “duras” - ou, mais próximas da inquietação mítica original, “ressecantes”), entre as especialidades, isto é, entre as maneiras de ser e as maneiras de ver, de *se ver*, de se representarem as próprias aptidões e inclinações, em suma, tudo aquilo que contribui para traçar não só os destinos sociais como também a intimidade das imagens de si mesmo” (Bourdieu, 2005b: 104 - grifos nossos).

intelectual corrente junto aos seus integrantes. São elas: *1930: A Crítica e o Modernismo* (1974), de João Luiz Lafetá e *A obra crítica de Álvaro Lins* (1979), de autoria de Adélia Bezerra de Meneses Bolle. Desconsiderando a questão da competência profissional dos autores comparados, ambos os trabalhos enfocam a produção crítica brasileira das décadas de trinta e quarenta, respectivamente.

Defendida em 1973, a dissertação realizada por Lafetá aborda de maneira sistemática a produção crítica de quatro intelectuais modernistas (Tristão de Athayde, Mário de Andrade, Octavio de Faria e Agripino Grieco) em consonância com as transformações estéticas e doutrinárias desse movimento estético ao longo das décadas de 20 e 30. No capítulo inicial, intitulado “Os pressupostos básicos”, Lafetá formula o arcabouço teórico que irá nortear sua leitura, a famosa distinção entre “projeto estético” e “projeto ideológico”. No entender do autor, o perfil da produção ficcional do período recoberto poderia ser dividido em duas fases sucessivas: num primeiro momento, designado de “projeto estético”, o ideário modernista estaria marcado pela preocupação com a renovação estética, definida pela experimentação com a linguagem e na posição assumida de “direito permanente à pesquisa estética” (Mário de Andrade); em contrapartida, no segundo momento, iniciado no final dos anos vinte, o esforço perseguido consiste na descrição da realidade social do país, no retrato engajado, resultando na proeminência do “projeto ideológico”. Com base nessa distinção analítica, Lafetá avalia os dilemas enfrentados pelos críticos referidos na avaliação dos principais lançamentos literários do período.

Apesar do extenso trabalho de levantamento de fontes bibliográficas dispersas em periódicos e jornais de difícil acesso, a dimensão enfatizada pela recepção crítica do trabalho focaliza a ambição do quadro teórico mencionado. Ao prefaciá-lo, edição recente que reuniu o conjunto da produção crítica de Lafetá, Candido adverte que o autor “não era dado à pesquisa propriamente dita, porque lhe interessava sobretudo a descoberta pela leitura, que sabia fazer de maneira criativa. O seu livro *1930: a crítica e o Modernismo* (1974) definiu de maneira original o movimento que, na literatura contemporânea do Brasil, deu lugar à passagem do ‘projeto estético’ dos anos de 1920 ao ‘projeto ideológico’ dos anos de 1930, processo que localizou, definiu e nomeou, incorporando os seus conceitos e o

seu modo de ver ao cânon crítico” (Candido, 2004:11)¹¹³. Como se vê, a recepção da obra enfatiza o quadro teórico elaborado pelo autor em detrimento do paciente trabalho de coleta da matéria-prima que arrima os principais lances interpretativos do estudo¹¹⁴.

Em 1974, no ano seguinte à defesa da dissertação de mestrado de Lafetá, Adélia Bezerra de Meneses apresentava como dissertação estudo sobre a trajetória intelectual de Álvaro Lins, principal crítico literário da imprensa durante a década de quarenta. No primeiro capítulo, a autora retraça as principais coordenadas sociais, políticas e intelectuais características desse decênio, momento culminante da atuação e repercussão do trabalho do crítico. Nos capítulos seguintes, Adélia discute os principais conceitos e achados críticos de Álvaro Lins, ressaltando o gradativo desenvolvimento das formulações e avaliações críticas do ensaísta pernambucano. Nesse sentido, o trabalho fica adstrito ao exame das principais formulações do crítico, acompanhadas pela autora com minúcia nos rodapés apreciados, sem que haja uma reflexão mais ampla das condições ou meios pelos quais Álvaro Lins pôde realizar seu projeto intelectual.

Essas considerações permitem espreitar as inflexões de gênero como um fator determinante numa área de conhecimento até então majoritariamente masculina. A despeito do contingente elevado de mulheres, da formação escolar homogênea e das condições idênticas de trabalho, os dados apresentados indicam que a participação das mulheres fica restrita a modalidades de pesquisas de menor reputação. Ainda que se possa objetar quanto ao fato de que os postos profissionais

¹¹³ Nessa mesma direção, embora com a ressalva de tratar-se de um trabalho de doutoramento, o estudo *A Tradição do Impasse* (1974), de João Alexandre Barbosa, realiza amplo levantamento de artigos de difícil acesso nos jornais da virada do século. Alfredo Bosi destaca em prefácio o esforço de Barbosa ao realizar um “levantamento de numerosos artigos do crítico paraense, muitos dos quais dispersos em jornais cariocas do começo do século. São mais de quinhentos textos, entre ensaios, resenhas e notas críticas”(Bosi, 1974:11). Entretanto, os pontos altos do estudo destacados referem-se à discussão analítica empreendida pelo autor a respeito dos impasses críticos experimentados por José Veríssimo.

¹¹⁴ Em pronunciamento por ocasião do falecimento de João Luiz Lafetá, em 1996, Candido lastima não ter aconselhado o autor a apresentar a dissertação em apreço diretamente como tese de doutorado, devido à excepcional qualidade do estudo, “muito acima do que requer o grau de mestre”. Não haveria nessa evocação o reconhecimento tardio da avaliação equivocada de Candido quanto às disposições profissionais do jovem e então desconhecido orientando proveniente da Universidade de Brasília (UNB), ao encaminhá-lo para um formato de pesquisa reservado ao vértice intelectual feminino da área?

que surgiam na área de TLLC tenham sido ocupados por membros de ambos os sexos de maneira praticamente igualitária, com a contratação quase alternada de homens e mulheres, as trajetórias e aspirações profissionais apresentam aspectos diferenciados a cada gênero.

Nesse contexto, o caso de Walnice Nogueira Galvão possibilita que se evidencie o impacto que as relações assimétricas de gênero tendem a suscitar nos projetos intelectuais acalentados pelo universo feminino da área. É possível perceber no conjunto da produção crítica da autora a convivência lado a lado de pesquisas empíricas de fôlego com a presença de reflexões teóricas de “médio-alcance”¹¹⁵, reveladora dos impasses decorrentes da posição ambígua das mulheres no âmbito das pesquisas científicas realizadas pelo grupo.

Ao contrário das demais pesquisadoras da área, Walnice não realizou dissertação de mestrado, avançando diretamente para a redação de sua tese de doutorado, fato indicativo do juízo favorável acerca do seu potencial e das expectativas geradas junto aos responsáveis pela área. Devido aos requisitos burocráticos correntes no meio acadêmico de então, que obrigavam os pesquisadores a realizar seus estudos de pós-graduação na mesma área do curso de formação, Walnice Nogueira Galvão defende sua tese de doutorado na área de sociologia, em 1970, sob a orientação apenas formal do sociólogo Ruy Coelho¹¹⁶. Publicada dois anos depois, com o título de *As Formas do Falso*, a tese debate as diferentes dimensões e implicações da ambigüidade entranhada na narrativa do romance *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, considerando, de um lado, sua vinculação com as circunstâncias histórico-sociais do sertão brasileiro, a

¹¹⁵ Com essa expressão, inspirada na terminologia cunhada por Merton, pretendo designar uma modalidade de orientação teórica intermediária, que embora procure estabelecer parâmetros interpretativos mais amplos para a leitura dos textos, fica limitada ao corpo a corpo das obras analisadas. Ao contrário das grandes sínteses teóricas formuladas pelo grupo (“idéias fora do lugar”, “projeto estético/ideológico”, “poética da destruição”), que permitem ampliar o enfoque da leitura crítica para um eixo de análise mais amplo, de interesse mais geral do que a literatura, as propostas teóricas de “médio-alcance” ficam adstritas aos universos de pesquisa em investigação.

¹¹⁶ Não fosse tal empecilho burocrático, Walnice teria defendido sua tese sob a orientação de Candido e na área em que estava vinculada. Não é por acaso que sua banca de arguição foi composta por professores vinculados à área de Letras e que o trabalho não tenha destoado do formato de pesquisa, dos autores privilegiados e das preocupações correntes da área de TLLC. Por outro lado, eis outro exemplo privilegiado para se observar como a atuação de Candido possibilitava um intercâmbio e cruzamento fecundos entre as áreas de ciências humanas na leitura interna de obras literárias, aspecto que será analisado no segundo capítulo.

representação ideologizada dessa realidade pelos intelectuais, as dificuldades de transposição estética da matéria-prima da vida sertaneja e, de outro, a ambigüidade existencial do personagem Riobaldo e a matriz estrutural - nomeada de “coisa dentro da coisa” - que sustenta o livro.

No trabalho seguinte, a tese de livre-docência *No Calor da Hora* (1972), Walnice preocupa-se em rastrear o maior número possível de reportagens estampadas na imprensa da época a respeito do conflito que ocorrera em Canudos (4.^a Expedição). Dividida em duas partes, Walnice discute na introdução o papel da grande imprensa e a maneira como o confronto com os sertanejos foi registrado, oscilando entre a reportagem em tom de pilhéria e o artigo de fundo ponderado, coligindo na segunda parte a grande maioria das reportagens compulsadas entre os jornais das grandes capitais (Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia). O destaque do estudo, sem dúvida, consiste na edição integral das reportagens inéditas, salvaguardando-as, como alerta a autora, de um “eventual perecimento”.

Ao ser assunto de reportagem de capa no caderno cultural *Mais!*, publicado pela *Folha de S.Paulo*, o jornalista Mario Conti ressalta na apresentação a exímia capacidade de pesquisar da homenageada, ao afirmar: “Em termos de erudição, pesquisa e disposição para escrever, Walnice, como todos a chamam, vale uns vinte acadêmicos. Ela é responsável pela edição crítica de dois monumentos, inclusive pelo tamanho, da literatura nacional: “Os Sertões” e “Grande Sertão: Veredas”” (Conti, 17 de março de 2002: 4). Imprensada entre a pesquisa paciente de arquivos e às voltas com conjecturas teóricas¹¹⁷, Walnice desdobrou sua produção crítica

¹¹⁷ Ao prefaciар coletânea de ensaios da autora, Candido destaca que “as qualidades condensadas nesse ensaio se encontram em toda a produção de Walnice, que vai do levantamento paciente e minucioso de *No calor da hora* (sua tese de livre-docência), ou do rigor incansável que esgota o assunto na edição crítica d’*Os Sertões*, até *as engenhosas conjecturas críticas* da tese de doutorado (*As formas do falso*) e tantos ensaios reunidos sob o título despretensioso (como *Saco de gatos*)” (Candido, 1998: 10 - grifos meus). Compare-se, por exemplo, com o prefácio do livro *O escorpião encalacrado*: a poética da destruição em Julio Cortazar (1973) de Davi Arrigucci Jr., em que Candido adverte que o “livro é e não é sobre Cortazar, pois pode ser lido como se o seu assunto fosse a crise atual da arte e da literatura; ou antes, a crise dos meios tradicionais do que se chamava a expressão artística e literária” (Candido, 1995e: 9). Nesse estudo, Arrigucci Jr. debate o paradoxo central do projeto intelectual do escritor argentino Júlio Cortazar, residente na vontade de construção e destruição dos meios expressivos, confrontando-o com uma linhagem artístico-literária que atravessa a modernidade, derivada do Romantismo e culminando nas estéticas Dadaísta e Surrealista, bem como na narrativa hispano-americana contemporânea. Desse ângulo, pode-se evidenciar que, sob as mesmas condições, os homens optavam preferencialmente pela

entre a pesquisa empírica e interpretativa, assegurando com a primeira modalidade a legitimidade profissional dentro da área de TLLC e com a segunda a visibilidade que viria a conquistar em nível mais amplo¹¹⁸.

3. 3. - Crítica em revistas

Ao longo da década de setenta, os principais colaboradores da área de TLLC congregaram-se em torno de duas publicações distintas mas que se complementam no que se refere aos principais interesses e preocupações do grupo: *Argumento* e *Almanaque*. A partir da leitura comparada de ambas, podemos rastrear a dinâmica interna e as transformações pelas quais passavam a produção crítica brasileira do período.

Editada por Antonio Candido, Paulo Emílio Salles Gomes, Anatol Rosenfeld e Fernando Henrique Cardoso, entre outros, *Argumento* foi lançada em outubro de 1973, ostentando cunho marcadamente político, aspecto que acarretou a censura e cancelamento da publicação em seu quarto número. Em pleno regime autoritário, o lançamento da revista repercutiu com amplitude nos meios intelectuais do país, ao constituir-se como veículo de debate, crítica e denúncia dos rumos então tomados pelo país. A apresentação escrita para o primeiro número revela o caráter combativo e o perfil eclético dos principais colaboradores, aglutinando no interior

construção de quadros teóricos abrangentes. Após esse estudo de pretensões generalizantes, possivelmente condizente com suas ambições acadêmicas à época, Arrigucci Jr. optou por realizar ensaios com recortes restritos, orientando sua perspectiva crítica para a leitura de um texto ou conjunto de textos em particular, como nos casos de *Humildade, paixão e morte* (1990) e *O cacto e as ruínas* (1997). Sobre o projeto crítico de Davi Arrigucci Jr. ver Sússekind (1988; 1996).

¹¹⁸ Ao lado de Walnice, Lígia Chiappini de Moraes Leite se destacou entre as mulheres do grupo, obtendo prestígio e renome na área de TLLC. A respeito de sua dissertação de mestrado, Candido ressalta que a autora “abordou e desenvolveu uma pesquisa rigorosa, apresentada de maneira extremamente pessoal, onde temos ao mesmo tempo a formação de um documentário e as bases de uma elaboração crítica. Este livro é um levantamento, que o torna indispensável como obra de consulta, e também uma sistematização interpretativa, procurando definir a natureza do Modernismo gaúcho, depois de ter mostrado os seus traços peculiares” (Candido, 1970: prefácio - grifos nossos). Diante disso, poder-se-ia avançar a seguinte hipótese: a notoriedade alcançada por algumas mulheres da área não estaria baseada na execução de teorias de “médio-alcance”? Em *Modernismo e Regionalismo* (O “Caso” Gaúcho), a autora aborda as relações entre Modernismo e Regionalismo por meio da análise da literatura regionalista gaúcho, evidenciando as imbricações entre arte e ideologia (conto e “caso”) no conjunto estudado. Segundo a autora, o fenômeno específico estudado na tese permitiria lançar “‘faíscas’ teóricas que venham a ser uma contribuição para o tratamento de problemas mais gerais” (Leite, 1978: 24).

de suas páginas cientistas sociais, filósofos e críticos literários de postura oposicionista.

No tocante ao domínio da crítica literária *Argumento* publicou no decorrer de sua curta duração (1973/1974) artigos de Antonio Candido (“Literatura e Subdesenvolvimento”, número inaugural), João Luiz Lafetá (“Estética e ideologia: o modernismo em 1930”, nº 3) e Roberto Schwarz (“Criando o Romance Brasileiro”, nº 4), além de algumas resenhas redigidas por professores da área de TLLC. No caso dos artigos de Lafetá e Schwarz, os estudos consistiam em versões preliminares de seus respectivos trabalhos acadêmicos. Em consonância com o caráter politizado da revista, a seleção dos artigos parece ter se pautado pela pertinência com que eles discutiam questões referentes às imbricações entre as dimensões estéticas e ideológicas contidas nas produções literárias, isto é, a partir de uma leitura ideológica de textos literários. De Lafetá, a reprodução da introdução já referida ao seu estudo sobre a dos principais críticos modernistas; do último, parte do segundo capítulo de sua tese de doutorado, dedicado ao exame das contradições e soluções artísticas levadas a cabo por José Alencar em sua obra, com base na tese do autor sobre as “idéias fora do lugar”. Em face ao ainda incipiente mercado editorial de trabalhos acadêmicos especializados na área de letras, *Argumento* propiciou a divulgação amplificada dos trabalhos em andamento na área de TLLC.

Com relação ao conjunto de resenhas, vale a pena destacar recensão de João Alexandre Barbosa que comenta a coletânea de ensaios de José Guilherme Merquior, *A astúcia da Mímese* (1972), cujo principal desafio teórico consistia na discussão das complexas relações entre linguagem referencial e representação literária (mímese), com especial interesse no gênero lírico. Apesar de salientar a pertinência dos temas discutidos por Merquior, Barbosa assinala nas análises contidas na coletânea a onipresença de “certo luxo teórico [que] não consegue desfazer, no leitor, a sensação de exercícios retóricos, perdendo-se pela ausência de uma maior especificidade crítica[...]”. Confrontando os artigos de fundo teórico que delimitam o volume, Barbosa surpreende certa “precipitação de passagens” na urdidura dos argumentos do autor, bem como aporias decorrentes do ecletismo metodológico empunhado pelo crítico carioca. De acordo com Barbosa, o “*fato é*

*que, da mesma maneira que no caso dos Universais, a idéia de uma Crítica Formal é discutida por JGM a partir de um ângulo, por assim dizer, externo, como se bastasse a enumeração de fases e autores para que tudo viesse a ser resolvido na afirmação de bom senso dos últimos parágrafos do livro [...]*¹¹⁹ (Barbosa, 1974: 140).

Entre 1976 a 1982, a editora Brasiliense publicou o periódico *Almanaque-cadernos de literatura e ensaio*, organizado por Bento Prado Jr. e Walnice Nogueira Galvão. Sobretudo nos primeiros oito números, cuja unidade interna é identificada pela manutenção gráfica da mesma capa – imagem na qual um cérebro é perfurado por um parafuso, numa alusão direta ao momento político do período – a revista exerceu a função de porta-voz da postura teórica defendida pela área de TLLC. Idealizada pelos principais colaboradores de Candido, *Almanaque* fornece um precioso foco de observação para se apreender os debates que mobilizavam o cenário crítico da época, bem como o perfil da orientação teórico-metodológica empunhada pelo grupo responsável pela área de TLLC.

Em primeiro lugar, o periódico funcionou novamente como veículo de divulgação de trabalhos em andamento do departamento. Nesses termos, logo no número inaugural, pode-se ver estampado parte de um capítulo da pesquisa de Roberto Schwarz sobre os primeiros romances de Machado de Assis, ainda inédita em livro. Com o título de “Só as asas do favor me protegem”, o artigo discute os percalços da ascensão social das heroínas machadianas diante do quadro do paternalismo e favorecimento pessoal que caracterizava as relações sociais da

¹¹⁹ Assíduo polemista, Merquior não se furtou em responder de modo alusivo aos comentários e reparos de João Alexandre Barbosa, destacando da resenha deste o seguinte trecho: “Não há por onde escapar: o crítico é o seu método e o método crítico requer especificidade” (Barbosa, 1973:140). Ao menos em duas ocasiões, tanto quanto pude observar, Merquior faz referência a este enunciado e a seu autor: a) em resenha do livro de Davi Arrigucci Jr. , surge a seguinte menção: “Faz tempo, outro crítico (mas nada escritor) de São Paulo decretou, do alto de seu formalismozinho subparisiense, que ‘o crítico é o seu método’. Que nada.; quem tem razão é o velho Eliot: ‘só existe um método: ser muito inteligente’”(Merquior, 1981:332); b) em artigo demolidor sobre os excessos da vertente crítica estruturalista nos curso de Letras, Merquior registra: “o crítico é seu método, sentencia com fervor um dos mais recentes oficiantes do culto estruturalista” (Merquior, 1975:8). Mas as considerações de Barbosa não poderiam ser estendidas aos demais críticos cariocas, cuja propensão teorcionista acabava por obnubilar seus próprios achados críticos? Talvez seja essa a razão que explica o silêncio de Candido em relação ao trabalho de doutorado que Luiz Costa Lima defendeu sob sua orientação na USP. E talvez seja por esse mesmo motivo a escolha do ensaio de Affonso Romano Sant’Anna como ponto de partida para o desdobramento da análise em “A passagem do dois ao três”(1974).

nação ao longo do século XIX. Na edição seguinte, sai impresso um comentário crítico de Lígia Chiappini de Moraes Leite, “Amarrando os pingos nos ii”, no qual a autora discute certas posições assumidas em sua tese de doutorado recém-defendida na USP: “Regionalismo e Modernismo (O caso “gaúcho”)”. No quarto número, sai impresso na íntegra a única incursão de Roberto Schwarz pelo universo da dramaturgia: a peça *A lata de lixo da história* (1977).

Ao mesmo tempo, *Almanaque* procura demarcar sua posição crítica no interior do campo das letras por meio da desqualificação do avanço das tendências de acento formalista. Numerosos são os artigos que investem contra os principais postulados dessa vertente. Logo no segundo número, reponta o célebre “19 princípios de crítica literária”, de autoria de Roberto Schwarz. Nessa “síntese caricatural”, não escapa ao olhar percuciente de Schwarz os principais cacoetes e recursos expositivos típicos dos trabalhos de crítica em voga no período. Na mesma direção, Walnice Nogueira Galvão colabora com diversas e irreverentes intervenções dispersas nos números da revista. Na linguagem cifrada dos pastiches e paródias criados pela autora, encontram-se severas críticas aos postulados centrais da voga estruturalista, seja por conta do repertório terminológico esotérico e hermético empregado, pela ausência de engajamento e reflexão crítica sobre a realidade abrangente e a respeito da função social da literatura, seja enfim acerca dos efeitos danosos causados pela especialização acadêmica em processo. É o caso, por exemplo, de “Glória Precoc: *Almanaque* objeto de tese”¹²⁰, em que a autora descreve, em resenha de suposta dissertação de mestrado imaginária dedicada ao periódico, certos procedimentos típicos das análises literárias em voga (intertextualidade, constatação de isotopias, quadros de permutas).

Na quinta edição surgia o anúncio na capa: “Número Especial: Teoria da Linguagem”. Logo na primeira página encontra-se republicado o poema “Exorcismo” de Carlos Drummond de Andrade. Por meio da repetição do estribilho latino de *Libera nos, Domine*, o poeta mineiro esconjura o arcabouço conceitual das leituras estruturalistas num extenso inventário dos principais recursos terminológicos utilizados por elas. De outro lado, o artigo “Crítica da razão elitista”,

¹²⁰ Artigo republicado pela autora em Galvão, Walnice Nogueira. *Gatos de outro saco*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.

de autoria de Lígia Chiappini de Moraes Leite e Flávio Aguiar - então orientando de Walnice Nogueira Galvão com pesquisa de doutorado sobre a produção teatral de José de Alencar -, discute as relações ambivalentes do intelectual brasileiro, sustentado financeiramente por instituições públicas e produzindo para os próprios pares profissionais. No tocante à crítica literária, os autores advertem contra a pretensão de investi-la de “status científico tanto em precisão quanto em neutralidade, segundo o mito corrente de que o conhecimento científico paira acima de questões sociais”. E esclarecem: “Não estamos em campanha contra o esforço de precisão que a crítica universitária trouxe para a leitura criativa das obras literárias. Estamos defendendo o direito da literatura e da crítica participar do mundo, da História, da sociedade; o direito e o dever de o crítico ser sujeito e não um objeto limitado ao texto” (Chiappini e Aguiar: 1978b: 71).

Em que pese a possibilidade de se reconhecer certa modalidade de crítica defendida em contraste no pano de fundo dos artigos sarcásticos, o fato é que nas sucessivas edições da revista não surge uma discussão aprofundada sobre as limitações e possibilidades heurísticas da vertente desafiante. Ao contrário, a estratégia retórica preferida dos artigos consiste no comentário zombeteiro que convida ao descrédito e ao menoscabo. Não há espaço nas páginas do periódico para resenhas, discussões aprofundadas de trabalhos ou confrontos diretos¹²¹. Como nota Telles, os artigos publicados “explicitam uma pedagogia da guerra, na qual o adversário não falava com a própria voz, era caricaturado, em que o manifesto calava a polêmica e definia um modelo e um antimodelo”¹²². Sob o rótulo genérico de “estruturalismo” o conjunto de artigos rechaça os demais grupos ou “escolas” concorrentes no interior do campo.

¹²¹ Nesse ponto caberia ainda uma comparação com os procedimentos adotados pela “escola paulista de sociologia” no tocante à publicação das pesquisas em andamento do grupo em periódicos especializados. Jackson (2004) demonstra a posição estratégica ocupada pelos periódicos como “caixa de ressonância” do projeto acadêmico do grupo, num trabalho sistemático de demarcação de sua posição política e intelectual no campo abrangente. Da mesma forma, os pesquisadores da área de TLLC utilizaram as revistas apresentadas como veículo de propagação de suas propostas, ainda que lançando mão, quiçá, da postura diplomática de Candido, reticente quanto a nomear seus interlocutores críticos ou oponentes, sob pena de conferir-lhes destaque em demasia.

¹²² Telles, Renata (s/d). “Percurso de Herdeiro: *Almanaque - Cadernos de Literatura e Ensino*”. Publicado na Internet, no site www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim_de_Pesquisa5/texto_renata.htm.

É oportuno lembrar que em 1975 eclode nos meios intelectuais e na grande imprensa uma reação virulenta aos exageros do pendor cientificista e do predomínio das práticas de análise textual de cunho estruturalista. Segundo Flora Süssekind, no “segundo semestre de 1975, a polêmica atingiu um ponto crítico. Bombardeios de todos os lados. No *Jornal do Brasil*, artigo de Emanuel de Moraes: “A crítica sob o império do Estruturalismo”; na revista *Visão*, Antônio Houaiss; no *Jornal do Brasil*, ainda, o poema “Exorcismo” de Carlos Drummond de Andrade contra todas as correntes teóricas que o poeta consegue nomear; no *Jornal de Letras*, Assis Brasil; artigos de Carlos Nelson Coutinho, Antônio Carlos de Brito (Cacaso) e Ana Cristina César no *Opinião*; em *Globo*, Ledo Ivo e o fúnebre “A morte da literatura brasileira”(...)” (Süssekind, 2004: 56). Nessa direção, *Almanaque* expressa uma reação mais geral contra um determinado formato de pesquisa científica nessa área, por meio da recepção e leitura crítica exercida pelo grupo formado ao redor de Candido.

Em seu conjunto, *Argumento* e *Almanaque* encarnam os rumos que a crítica literária brasileira tomou ao acompanhar o movimento de institucionalização acadêmica a partir da década de sessenta. Em meio ao processo de expansão dos cursos de pós-graduação na área de letras, emergem novos parâmetros, critérios e veículos privilegiados de debate e divulgação da produção científica nesse domínio de estudos. Sob o signo da polêmica¹²³, a década de setenta entronizou os novos caminhos pelos quais a crítica literária se assentaria no país. Em lugar da resenha estampada nas páginas da grande imprensa, a reflexão crítica encontrou esteio no interior das revistas especializadas, por meio da publicação de artigos densos e municiados com notas explicativas, bibliografia especializada e sugestões de pesquisas. De outro lado, em vez da disputa entre avaliações e juízos de gosto, o embate acerca da procedência dos métodos empregados. A estreiteza das considerações do crítico deriva antes da perspectiva metodológica adotada do que de sua capacidade de leitura e discernimento apurado. Não por acaso, Flora Süssekind aponta a emergência da figura do crítico-teórico ao longo dessa década,

¹²³ Cf. Süssekind, Flora (2004). *Literatura e Vida Literária* - polêmicas, diários e retratos. Belo Horizonte, Editora da UFMG.

como desdobramento natural do crítico universitário¹²⁴. Enquanto as disputas críticas precedentes eram realizadas em nível interpessoal, baseadas nas discordâncias de opiniões entre seus praticantes, as contentas conduzidas nesse período encontravam sua razão de ser na disputa entre instituições universitárias e programas de pós-graduação. Especialmente no caso de *Almanaque*, a publicação funcionou como uma espécie de veículo oficial da área de TLLC, rechaçando de forma velada os principais oponentes no campo intelectual. Com a adesão dos principais representantes dos integrantes da área de TLLC, a revista reagiu contra a hegemonia das vertentes críticas de feitio formalista, numa estratégia coletiva e deliberada de galvanizar o projeto intelectual uspiano.

3. 4. - Rumo ao interior

Após quatorze anos de trabalho a frente da área de TLLC, já consolidada como um núcleo proeminente de trabalhos acadêmicos, com pesquisadores qualificados garantindo a manutenção de suas atividades e o alto nível sua produção científica, Candido prepara-se para aposentar da vida universitária logo após conquistar em concurso a cadeira de professor titular da área em maio de 1974. Os quatro anos seguintes foram os últimos do crítico como professor da área e orientador das derradeiras pesquisas em andamento. Ainda que tenha supervisionado algumas teses ao longo do próximo decênio, esse período pode ser considerado como o encerramento de sua participação na rotina acadêmica diária da USP¹²⁵.

Entretanto, desde o final da década de setenta Candido estava associado como conselheiro do projeto de construção institucional de um centro de pesquisas na área de lingüística na recém-criada Universidade de Campinas (UNICAMP), a

¹²⁴ Cf. Sússekind, Flora, "Rodapés, tratados e ensaios - a formação da crítica literária brasileira moderna" in *Papéis Colados*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1993.

¹²⁵ A respeito de sua dissertação de mestrado, defendida em maio de 1976, Jorge Schwartz informa que "o início desse ensaio ocorreu em 1971, quando o Prof. Antonio Candido aceitou-me no seu último grupo de orientados." (Schwartz, 1981: apresentação).

convite do reitor em exercício Zeverino Vaz e sob os auspícios agência de pesquisas FAPESP. Vejamos como ocorreu esse envolvimento.

De acordo com a documentação disponível, a intenção inicial da direção da Unicamp era transformar o então Departamento de Economia e Planejamento Econômico e Social em um Instituto de Ciências Humanas (IFCH), articulando os diversos setores que formariam a área por meio da criação de um departamento de lingüística, disciplina considerada nessa altura como “a ciência-piloto da renovação das ciências humanas”. Em vista disso, Fausto Castilho, filósofo e no momento principal animador do projeto, providenciou a contratação de um primeiro grupo de pesquisadores incumbidos de realizar licenciatura e mestrado no Centro de Lingüística Aplicada da Universidade de Besançon. Como esclarece Corrêa, “Fausto Castilho, encarregado por Zeverino Vaz de fazer essas primeiras contratações lembra que a idéia era retomar, no final dos anos sessenta, o projeto da Universidade de São Paulo, uma universidade na qual os docentes fossem altamente qualificados e a liberdade de pensamento garantida. Dado o contexto político da época, a estratégia na área das ciências humanas foi enfatizar o planejamento para emprestar um aspecto empresarial às análises econômicas; a lingüística era o guarda-chuva disciplinar que emprestaria aspecto científico às análises de Ciências Sociais, muito mal vistas pelo governo militar” (Corrêa, 1995:66)¹²⁶.

Após serem tomadas as primeiras providências no intuito de consolidar o proposta inicial, a continuidade da mesma ficou ameaçada em virtude de alguns equívocos de planejamento e limitações das opções doutrinárias¹²⁷. Diante disso,

¹²⁶ O grupo inicial era composto pelos professores André Villalobos, Antonio Augusto Arantes, Luiz Orlandi e um professor de matemática - cujo nome não pude averiguar; ao retornar da Europa, eles se dispersaram entre os departamentos de suas especialidades que se constituíam pela Unicamp.

¹²⁷ Para Franchi, os pontos equivocados foram os seguintes: a) a precariedade do Centro de Lingüística Aplicada da Universidade de Besançon, se comparado aos seus congêneres nos “Estados Unidos, na Inglaterra e mesmo na França”; b) além disso, “um bom projeto interdisciplinar depende da interação de pesquisadores experientes e competentes em sua área específica, e não da existência de pesquisadores pluridisciplinares; de fato, depois de um ano e até hoje os pesquisadores do primeiro grupo seriam sempre menos lingüistas e continuariam bons matemático, antropólogo, sociólogo e filósofo”; c) por fim, “o projeto parecia ter-se originado menos de convicções que do estratagema de fazer aprovar-se na Unicamp e por seu reitor, Zeverino Vaz, a

Zeaverino Vaz convida em 1969 Candido para respaldar e reformular o incipiente projeto em desenvolvimento na Unicamp. A primeira providência adotada pelo crítico foi negociar junto a FAPESP, da qual era consultor, a dotação de recursos que possibilitassem a “formação de um segundo grupo de bolsistas, que cuidadosamente seleciona por informações próprias e de colegas docentes da USP - Rodolfo Ilari, Haquira Osakabe, Carlos Vogt [e Carlos Franchi] - que tinham completado brilhantemente seu curso de letras na USP e já se iniciavam na pós-graduação” para aperfeiçoamento em estudos lingüísticos novamente no programa da Universidade de Besançon. Por meio da intervenção de Candido, os quatro estudantes passaram o ano de 1970 em treinamento no exterior e com retorno deles a implantação do Departamento de Lingüística acabou deslanchando. Como pondera Franchi, “o projeto renovado permitiu-nos constituir um departamento universitário original. Sem o caráter subsidiário de um curso de Letras, abriram-se as perspectivas para um conjunto de áreas básicas e interdisciplinares [...]” (Franchi, 1999: 202).

Nos ano seguinte, começaram as atividades do departamento em nível de graduação e pós-graduação, com todos os transtornos decorrentes dessa etapa pioneira¹²⁸. Para a nossa discussão, interessa assinalar que ao longo dos anos seguintes o recém-inaugurado núcleo começa a ser pressionado no sentido de servir de suporte para a “criação de uma Faculdade de Letras de que esse departamento de Lingüística - nascido e crescido num instituto de ciências - seria o embrião”. Ainda por sugestão de Candido, algumas medidas iniciais foram delineadas com o propósito de garantir a viabilidade do projeto. Dentre elas, Franchi destaca que “Antonio Candido já propunha algumas linhas mestras desse projeto. Fazia-nos pensar primeiro em dois centros de pesquisa – o da lingüística e o da teoria da literatura, em interação, que oferecessem as bases de reflexão teórica e de análise para o estudo de línguas naturais, por um lado, das literaturas, por

criação de um Instituto de Ciências Humanas com verniz tecnológico e fazer aceitar sua importância” (Franchi, 1999: 203)

¹²⁸ Em volume recentemente publicado, pode-se encontrar registrado o depoimento de três dos quatro fundadores do departamento de Lingüística do IEL. Cf. Albano, Eleonara; Possenti, Sírío; Alkmim, Tânia; Coudry, Maria Irma Hadler (Org.). *Saudades da Língua*, Editora Mercado de Letras, 2003.

outro, e na convergência, para o estudo da linguagem”. No entanto, essas sugestões “eram conversas de corredor, assunto de seminário, a gestação de um programa. Foi assim que, por iniciativa dos colegas, formou-se o Grupo de Estudos em Teoria Literária, embrião de um futuro departamento, outra vez com a assistência e avaliação do professor Antonio Candido”. Novamente contratempos de ordem burocrática emperraram a proposta de implantação, sendo necessário aguardar ainda alguns anos para que o projeto se concretizasse. A despeito disso, Candido “colocou-se à disposição da universidade, comprometeu-se com o novo Instituto de Estudos da Linguagem e salvou o projeto que vinha amadurecendo com sua inspiração” (id., ibid.: 207).

É somente em 1975, a essa altura já na qualidade de diretor associado, que Candido assumiu a responsabilidade permanente de organizar o nascente departamento de Teoria Literária, sendo considerado, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), como Centro de Excelência em condições de ministrar ensino na área de Teoria Literária a partir de 1978. Nessa função, Candido ficou responsável pela “orientação acadêmica, as inúmeras reuniões de gabinete com os colegas e os intelectuais que o procuravam, a decisão sobre prioridades, projetos, programas, a indicação e decisão final sobre a ampliação do quadro de docentes e pesquisadores do IEL” (id., ibid.:208).

Uma vez criado o Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), o corpo docente da área de Teoria Literária foi recrutado pessoalmente por Candido entre os pesquisadores que cursavam a área de TLLC. Ainda de acordo com Franchi, “o primeiro grupo era composto por Edda Arzúa, João Luiz Lafetá, José Miguel Wisnik, Berta Waldman, Vera Chalmers, Suzi Frank Sperber, Maria Lúcia Dal Farra, Iara Frateschi, Adélia de Meneses”. Em sua grande maioria, esse grupo era formado por orientandos de Candido em início de carreira - portadores da titulação de mestre e com teses de doutorado em andamento -, dispostos a rumar para o interior com o intuito de assumir o encargo de elaborar a estrutura disciplinar do departamento nascente.

Na confecção curricular do nascente departamento, constata-se a intervenção direta dos principais membros destacados por Candido. Nessa direção, Lafetá descreve que “agradável foi compor o currículo da futura graduação em

Letras. Enquanto os doutores do grupo se incumbiam de montar o curso de pós-graduação, prioritário, os mestres Adélia Bezerra de Meneses Bolle, José Miguel Wisnik e eu montávamos um anteprojeto para o curso de graduação. José Miguel tinha idéias novas, eu tentava enquadrá-las nas exigências do CFE e Adélia funcionava como elemento de junção entre os dois extremos. Contávamos ainda com a assessoria de Haquira Osakabe, especialista em equilíbrio. Chegamos a um projeto que sem modéstia considero ótimo, mesmo com as mudanças que sofreu depois, em virtude de vários outros interesses cruzados”(Lafetá, 1998:97)¹²⁹. No catálogo dos cursos de pós-graduação da Unicamp, constam as seguintes disciplinas oferecidas (em 1983) pela grade curricular de Teoria Literária: “Teoria Geral da Narrativa”, “Teoria Geral da Poesia”, “Teorias Críticas Literatura” e “Teoria Geral do Texto”. Ao lado disso, dentre as linhas de pesquisas disponíveis, pode-se constatar a permanência de algumas modalidades de estudo desenvolvidas e testadas pela área de TLLC, tais como “Edição Crítica”, “Bibliografia”, “Pesquisas em jornais e revistas”, “Antologias Comentadas”, etc¹³⁰.

A julgar pelas rubricas dos cursos oferecidos, o modelo institucional do IEL encontra convergências estreitas com o padrão de atividades de estudos estabelecido no curso de TLLC. Esse ar de família se evidencia na manutenção de um currículo básico composto por cursos centrados na análise de poesia, narrativa e ainda discussão das principais teorias críticas contemporâneas. Da mesma forma que na área de TLLC, os alunos eram familiarizados com os princípios dos métodos e estimulados a pesquisar em áreas de estudos semelhantes, favorecendo a similaridade entre os departamentos. Em memorial, Lafetá comenta que seu primeiro curso oferecido “foi de Literatura Brasileira, e estava centrado sobre o romance de José de Alencar e de Machado de Assis. Parti das observações de Antonio Candido (na *Formação*) a respeito da continuidade entre os dois grandes escritores. Analisei Alencar como ligado ao pólo da representação poética da realidade, embora em tensão com o realismo e a observação social. E analisei

¹²⁹ Como se pode verificar pelo programa do currículo pleno do curso, sua estrutura ficou centrada sobretudo nas disciplinas de lingüística e teoria literária, em detrimento de cursos formativos nas áreas de línguas estrangeiras e de instrução pedagógica.

¹³⁰ Cf. Catálogo dos cursos de Pós-Graduação, Unicamp, Coordenação dos cursos de Pós-graduação - Seção de Publicações, 1983

Machado como autor situado no pólo da observação e do realismo, embora em tensão com a ironia e com o dialogismo carnavalizado. Serviram de exemplos *O Guarani*, *Senhora*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*. Misturei Antonio Candido, Frye, Bakhtin, Alfredo Bosi e Roberto Schwarz” (Lafetá, 1998:97). Como se pode depreender do trecho reproduzido, tanto o repertório de leituras quanto as discussões realizadas em sala de aula permaneciam próximas do conteúdo da área de TLLC¹³¹.

Entre outras coisas, a inauguração do Departamento de Teoria Literária da Unicamp propiciou com que o contingente excedente de pós-graduandos da área de TLLC fosse absorvido, encontrando por essa via a oportunidade de realocar em instituição próxima ao perfil doutrinário da mesma os seus mais promissores pesquisadores. Em face dos diversos empecilhos burocráticos criados pela estrutura administrativa da USP (poucos postos ocupacionais disponíveis, “listas negras” com pesquisadores “suspeitos”), a criação de departamento congênere em Campinas funcionou como uma alternativa viável - uma espécie de entreposto provisório - para abrigar o alto escalão do grupo, que assumiria a total responsabilidade de implementar as diretrizes do novo departamento. A esse grupo inicial logo foram incorporados remanescentes da última turma de orientandos de Candido (em particular, Antonio Arnoni Prado e Marisa Lajolo), bem como pesquisadores afinados intelectualmente com as propostas críticas do curso (no caso de Modesto Carone Netto) ou ainda orientados pelos demais professores colaboradores da área (tal como Iumna Maria Simon). De outro lado, a proximidade geográfica entre Campinas e a São Paulo contribuiu - decerto auxiliada pelas diversas situações de interação e colaborações mútuas entre os docentes - na manutenção da forte coesão interna do grupo, preservando o seu legado intelectual.

Em 1978, com a aprovação do credenciamento institucional do departamento, Candido deixa o cargo de coordenador geral, compreendendo que

¹³¹ É possível lembrar ainda a recomendação de Candido para que os alunos redigissem seus primeiros ensaios a partir do conteúdo das aulas ministradas. A resenha “Batatas e desejos”, publicada por Lafetá em 1979, certamente é devedora dos debates promovidos em sala de aula. Cf. Lafetá, João Luiz. (2004) “Batatas e desejos” in *A dimensão da Noite*, São Paulo, Duas Cidades/Editora34, 2004.

sua tarefa já estava cumprida e que o IEL já havia alcançado suficiente maturidade para levar adiante sua programação. No mesmo ano, Roberto Schwarz, recém-egresso da França, é contratado como professor colaborador da equipe do Departamento de Teoria Literária, assumindo sua coordenação durante a gestão de 1979/1983. Nessa instituição, Schwarz teve a oportunidade de orientar sua primeira turma de alunos, boa parte contratada em seguida pelo departamento¹³². Com a anuência de Candido, e levado pela mão de seu mais antigo e fiel depositário, o departamento manteve a continuidade e coesão do projeto intelectual que distinguia esse segmento da crítica. Ao longo dos anos subsequentes, outros recém-chegados das hostes da área de TLLC iriam compor os quadros docentes e auxiliar no trabalho coletivo de manutenção dessa tradição acadêmica ao mesmo tempo em que alguns de seus principais representantes de passagem pela Unicamp retornavam para o seio da comunidade institucional originária do grupo. Ao menos nessa fase inicial, o IEL adotou os padrões reflexivos e o formato institucional de alhures, contribuindo dessa forma para perpetuar o patrimônio acadêmico amalhado pela área de TLLC no decorrer desse decênio e meio de atividades.

¹³² Dentre os alunos orientados pelo crítico, encontram-se Paulo Franchetti e Carlos E. Berriel, atuais docentes do IEL.

Capítulo 4

Literatura e Sociologia

“O senso literário permite ao historiador ou ao sociólogo uma penetração que vai além das evidências dos dados econômicos, políticos etc., contanto que a literatura seja encarada como instrumento, não como documento” (Candido, 2004c: 136).

4.1. - Literatura e Sociologia

Em nota de rodapé inserida páginas acima, comentei que a área de TLLC franqueava a produção de trabalhos de crítica situados no cruzamento de campos disciplinares afins, aspecto então inusitado no tratamento temático das pesquisas realizadas nos cursos de Letras. Basta consultar as principais pesquisas orientadas por Candido para se obter uma clara demonstração da presença dessa intersecção intelectual¹³³. Nessa direção, sua postura acadêmica exerceu uma influência fecunda na área de crítica literária ao reconhecer e valorizar linhas de investigação muitas vezes dissonantes dos padrões vigentes.

No interior da produção intelectual de Candido, por outro lado, pode-se discernir significativas referências desse diálogo estreito e criativo com assuntos e preocupações características de outras áreas das ciências humanas, muitas vezes incorporadas de maneira alusiva, pontuando sua reflexão. Decerto associada à sua formação acadêmica e trajetória profissional iniciais, mas também relacionada às suas principais convicções a respeito da literatura brasileira, essa “auspiciosa

¹³³ Pode-se considerar, por exemplo, os trabalhos de Roberto Schwarz, Walnice Nogueira Galvão, João Alexandre Barbosa e Lígia Chiappini de Moraes Leite.

compenetração”¹³⁴ de áreas disciplinares percorre de ponta a ponta a produção crítica de Candido, respondendo por suas características mais peculiares e distinguindo-a na área das Letras. Em particular, sobrealça a importância da sociologia como eixo analítico de sua visada crítica, ao redor do qual se articulam conceitos-chaves, temas e questões pertinentes de seu projeto intelectual. Não restam dúvidas a respeito da influência central das ciências sociais na urdidura de suas formulações. Desde a tese sobre Sílvio Romero, Candido reflete a respeito das intrincadas relações entre os fenômenos artísticos e seus contextos sociais, averiguando “a parte que devem ter na crítica literária as considerações internas, de composição artística, e as partes externas, de condicionamento social e psicológico [...]” (Schwarz, 1997c: 179).

Não obstante, do ponto de vista formativo, algumas declarações do próprio Candido acabaram por minimizar a relevância da coexistência entre crítica literária e sociologia em seu trabalho mediante justificativas hábeis, mas pouco convincentes, como analogias com professores de matemática e profissionais do ramo¹³⁵, despistando o leitor para a importância desse filão existente no plano interno da composição argumentativa de seus principais ensaios. De minha parte, considero imprudente e empobrecedor suprimir a influência da experiência acadêmica de quase duas décadas no interior das ciências sociais, ainda que desenvolvida *pari passu* com o exercício da crítica literária militante na imprensa e a produção de estudos nessa área de pesquisa, como um elemento descartável na configuração da visada crítica do autor.

Ao mesmo tempo, ao consultar a bibliografia disponível sobre Candido, constatei que essa relação, apesar de bastante comentada - muitas vezes, a propósito, com sentido depreciativo - não recebeu ainda uma avaliação cuidadosa. Em geral, considerações dessa ordem permanecem restritas ao comentário

¹³⁴ A expressão foi utilizada pelo próprio autor para caracterizar o perfil acadêmico da sociologia produzida na capital paulista até meados do século XX. Cf. “A Sociologia no Brasil” (1957).

¹³⁵ “Aliás, eu não me considero sociólogo. Assim como o professor de matemática não é necessariamente matemático, fui professor de sociologia, dei conta do recado, mas nunca me considerei sociólogo” (JACKSON, 2002: 125). Apesar disso, Jackson demonstrou no trabalho citado o empenho de Candido na sociologia, ao formular, intervir e publicar trabalhos importantes sobretudo na área de sociologia rural.

reiterativo da rubrica “crítico sociológico”, sem que ocorra uma reflexão detida sobre o assunto¹³⁶.

Em que pese a escassez de fontes de discussão bibliográfica, podemos encontrar no interior da fortuna crítica sobre Candido leituras sugestivas a respeito da questão indicada. Luiz Jackson assinala a existência de certas afinidades comuns entre esse estudo e a *Formação da Literatura Brasileira* (1959), na medida em que ambos “respondem de forma diferenciada à mesma preocupação, apontando para uma unidade interna à diversidade de sua produção que a vinculam a problemas típicos de uma tradição específica do pensamento brasileiro” (Jackson, 2002:14).

Em diversas ocasiões (1997;1999), Roberto Schwarz discutiu o modelo de crítica literária defendido por Candido, destacando a influência das ciências sociais e, em particular, do programa marxista, na articulação de seus principais ensaios. Paulo Arantes (1992), por seu lado, discute a maneira como os conceitos de dialética e dualidade foram mobilizados nos principais trabalhos de Candido. No entender de Arantes, eles comparecem com dois níveis de significados: do lado da reflexão crítica, assinalam a inter-relação entre forma literária e condicionamento social; do ponto de vista da estrutura social brasileira, designa o “dinamismo específico da experiência cultural numa nação periférica”, cuja principal característica consiste “em uma certa sensação de dualidade que impregnaria a vida mental numa nação periférica” (id., *ibid.*: 14). Nesse sentido, Arantes observa que afinado com uma longa tradição reflexiva nas ciências sociais brasileira, que considera a formação social brasileira a partir da persistência de dualismos conceituais entre termos opostos (arcaísmo e modernidade, colônia e metrópole), Candido sustentaria em seus mais representativos trabalhos uma concepção

¹³⁶ São freqüentes as referências ao perfil sociológico dos trabalhos produzidos por Candido. Eis alguns exemplos aleatórios a esse respeito: Flora Süssekind observa, a propósito dos rumos tomados pela crítica literária brasileira na década de setenta, a importância “da vertente de crítica sociológica, desenvolvida sobretudo em São Paulo, em torno da USP e de Antonio Candido” (Süssekind, 2004:54); Silviano Santiago, por seu lado, assinala que a modalidade de crítica levada a cabo no campo das letras paulista estaria marcada “por uma preocupação maior com os aspectos sociológicos da abordagem do texto brasileiro” (Santiago, 1982: 195). Já Perrone-Moisés declara que Candido “é um crítico de formação e inspiração sociológicas” (Perrone-Moisés, 2000: 330).

análoga em relação ao conteúdo da experiência sócio-cultural captado pela forma literária.

Não pretendo discutir aqui a correlação íntima da crítica literária e sociologia no conjunto da obra de Candido. Apoiado no quadro de referências destacado, procurarei avançar a análise no sentido de destacar os modelos explicativos sociológicos subjacentes que articulam as leituras internas das obras literárias executadas por Candido¹³⁷

Para tanto, concentrei minha análise em dois de seus principais ensaios: “Dialética da malandragem” (1970) e “De Cortiço em cortiço” (1993). Ambos são representativos da terceira fase da trajetória do intelectual do crítico, marcada pela preocupação com o processo de estruturação das composições literárias, a “redução estrutural” que explora como “a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo” (Candido, 1993:9).

Nesse processo estão envolvidos dois níveis de análise correlatos: de um lado, uma leitura minuciosa do material literário em pauta, procurando acompanhar a “inter-relação dinâmica de seus elementos, exprimindo-se pela ‘coerência’ (Candido, 2000: 2); de outro, uma meditação profunda sobre a estrutura social a qual se refere tal forma literária. Em consequência, é precisamente nessa etapa que intervêm modelos e noções hauridas das ciências sociais de forma a fundamentar as intervenções do autor. Amparado na convicção da “relevância cognitiva da elaboração artística para a “exploração da realidade

¹³⁷ Em certo sentido, os ensaios críticos de Candido disputam com as ciências sociais a primazia em fornecer uma interpretação legítima da realidade social do país. Em *As Três Culturas* (1996), Wolf Lepenies acompanha o processo de emergência e composição da identidade disciplinar da sociologia em relação à literatura e ciências naturais no campo científico do século XIX. No cerne desse processo, reponta a “competição de interpretações entre uma intelectualidade literária constituída por escritores e críticos e uma intelectualidade ligada à ciência social. O problema da sociologia está no fato de que ela pode sem dúvida imitar as ciências naturais, mas não pode efetivamente tornar-se uma ciência natural da sociedade. Se renunciar, porém, à sua orientação científica, ela retorna a uma perigosa proximidade com a literatura” (Lepenies, 1996: 17). Não é casual que Candido tenha firmado sua posição intelectual, como revela Waizbord, por meio da contraposição entre (encarnada na figura de Florestan Fernandes) e o ponto de vista sociológico (empunhado pela geração pertencente ao grupo Clima).

histórica” (Schwarz, 1997: 179)¹³⁸, Candido acaba por discutir questões pertinentes ao pensamento social brasileiro na medida em que a “realidade do mundo” incrustada no interior da forma literária resulta de uma percepção prévia da dinâmica social abrangente. Desse modo, o objetivo desse capítulo consiste, pois, em refletir a respeito das “achegas sociológicas” mobilizadas por Candido no interior de suas discussões críticas. Em outros termos, minha proposta pode ser resumida como segue: qual o referencial sociológico que ampara as formulações do crítico? Com quais autores dessa área de estudos ele dialoga?

4.2. - Malandragem e família extensa

Em 1970, Antonio Candido publica na *Revista do Instituto Brasileiro de Pesquisas* (IEB) seu ensaio considerado de maior envergadura, “Dialética da malandragem”, uma apreciação inovadora e alentada do romance *Memórias de um Sargento de Milícias* (1855), de Manuel Antonio de Almeida. Preparado durante quase uma década, como revelado pela antiga aluna e colega Teresa Vara¹³⁹, a publicação do estudo representou o amadurecimento de um esforço analítico perseguido ao longo da carreira profissional do crítico - “depois de muitos tateios e tendo já quarenta anos” -, ao estabelecer de modo sistemático as principais diretrizes de uma abordagem preocupada em “levar em conta a dimensão da sociedade sem fazer crítica sociológica, mostrando efetivamente (não apenas postulando teoricamente) a sublimação dos dados sociais e psicológicos em estrutura estética” (Jackson, 2002: 129).

Ao construir a argumentação do ensaio, Candido parte, logo de início, da reavaliação crítica das principais interpretações sobre o romance, concentrando-se sobretudo em duas questões persistentes: a procedência da matriz picaresca e a modalidade de realismo que informa as *Memórias*. Em confronto com interpretações consagradas - no caso, as de Mário de Andrade e Josué Montello - que consideram o romance de Manuel Antonio de Almeida como caudatário do

¹³⁸ Essa dimensão é debatida por Candido com maior minúcia no ensaio “O direito à literatura”. Cf. Candido, Antonio. “O direito à literatura” in__ *Vários Escritos* (1995).

¹³⁹ Cf. VARA, Teresa. “Esboço de Figurino”. In: AGUIAR, Flávio (org.) *Pensamento e Militância*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

formato tradicional de narrativa picaresca em virtude de certos traços apresentados pelo protagonista Leonardo, tais como, a origem humilde e irregular e a personalidade afável, Candido pondera que um “cotejo objetivo” das feições expressivas dele com as “do típico herói ou anti-herói picaresco, minuciosamente levantadas por [Frank] Chandler na sua obra sobre o assunto” revela contudo diferenças acentuadas em termos da condição social e do conteúdo das peripécias vivenciadas.

Para Candido, ao contrário, o protagonista do romance encarnaria “o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo, no Brasil. Malandro que seria levado à categoria de símbolo por Mário de Andrade em *Macunaíma* e que Manuel Antônio com certeza plasmou espontaneamente [...]”¹⁴⁰ (Candido, 1993c: 27), composto a partir da tradição narrativa folclórica local.

Por outro lado, enquanto documento social, Candido observa que o universo ficcional retratado pelo romance não pode ser considerado como “reprodução fiel da sociedade em que a ação se desenvolve” seja em razão do limites topográficos restritos em que os personagens atuam, seja devido ao conjunto das camadas sociais abrangidas. De fato, o arco da descrição espacial do romance fica limitado ao núcleo urbano da cidade do Rio de Janeiro, a partir do qual nenhum “personagem deixa o seu âmbito e apenas uma ou duas vezes o autor nos leva ao subúrbio” (id., ibid.,:31). Em relação às camadas sociais descritas pelo romance, pode-se notar que quase todos os personagens são oriundos dos estratos médios da sociedade joanina, compondo “um tipo de gente livre modesta, que hoje chamaríamos pequena burguesia”. Nessa caracterização, portanto, fica excluída a descrição das camadas dirigentes - a alta cúpula administrativa e os profissionais liberais - , e das camadas básicas, composta em sua grande maioria por escravos. Em decorrência,

¹⁴⁰ Em que pese as objeções levantadas por Candido no confronto do romance de Manuel Antonio de Almeida com as narrativas picarescas, alguns críticos sustentam a procedência dessa modalidade literária na caracterização do romance. É o caso, por exemplo, de Alfredo Bosi que, em sua *História Concisa da Literatura Brasileira* (1970), afirma ser as *Memórias* tributária desse filão, ressaltando contudo que “cada contexto terá seu modo de apresentar o pícaro” (Bosi, 1987: 146).

“é provável que a impressão de realidade comunicada pelo livro não venha essencialmente dos informes, aliás relativamente limitados, sobre a sociedade carioca do tempo do Rei Velho. Decorre de uma visão mais profunda, embora “destino” das pessoas nessa sociedade; tanto assim que o real adquire plena força quando é parte integrante do ato e componente das situações. Manuel Antonio, apesar de sua singeleza, tem uma coisa em comum com os grandes realistas: a capacidade de intuir, além dos fragmentos descritos, certos princípios constitutivos da sociedade -, elemento oculto que age como totalizador dos aspectos parciais”(id.,ibid.,:35).

No entender de Candido, a “eficiência e durabilidade” do romance de Antonio de Almeida derivam do processo de redução estrutural - ou formalização estética - que transfigura no plano da composição ficcional os contornos de circunstâncias de ordem social vigentes no país naquele período, “profundamente significativas como modos de existência” (id.,ibid.,:36). E essa discussão nos remete ao ponto que me interessa discutir nesse trabalho: qual o referente histórico-social que articula tanto os dados da realidade quanto os da ficção na “Dialética da malandragem”?

Ao examinar o ensaio, Schwarz reconhece que *“a forma literária recebe um tratamento mais estruturado do que realidade social”,* restringindo este último termo a *“um conjunto de observações organizado pela sua afinidade com a alternância de ordem e desordem, e portanto com a forma das Memórias, mas não é uma totalidade [...]. Será o sentimento de que num trabalho de literatura o lado histórico da questão deve ser tratado sem aparato excessivo? Convicção teórica, preocupação didática ou estética, o fato é que a opção pela singeleza expositiva faz que o crítico prefira a indicação sociológica oportuna à esquematização completa”* (Schwarz, 1997:150). Na tentativa de compreender certas características desse referencial sociológico infuso do ensaio, vou recorrer a outro trabalho de Candido que se volta para o exame do quadro histórico-social do país aproximadamente no mesmo período tratado pela “Dialética da malandragem”, o estudo sociológico “The Brazilian Family”(1951).

O artigo “The Brazilian Family”¹⁴¹ foi originalmente publicado no volume *Brazil: portrait of a half a continent*, organizado por Lynn Smith e Alexander Marchant. Conforme Jackson informa, “o artigo foi encomendado por Lynn Smith e Alexander Marchant a Fernando de Azevedo que, impossibilitado, sugeriu o nome de Antonio Candido para o substituir” (Jackson, 2002 :46). Ao assumir o compromisso de redigi-lo, Candido dava então prosseguimento ao conjunto de trabalhos publicados na área de sociologia quando ele ainda alternava sua produção intelectual “entre o exercício da crítica literária e o ensino da sociologia em moldes estritamente acadêmicos” (Pontes, 1998:84).

O ensaio visa o “estudo sociológico da família brasileira”, mediante a análise histórica de sua estrutura interna, função social e transformação no decorrer dos séculos XVI a XIX. Para Candido, a família patriarcal colonial “foi a base sobre a qual se desenvolve a moderna família conjugal, cujos traços só podem ser entendidos se examinarmos sua origem” (Candido, 1974b: 1). Dessa forma, acompanhando o processo de colonização do país a partir do perfil societário dos colonos ibéricos, constituídos sobretudo por integrantes das “zonas rurais e das camadas média e baixa da sociedade” portuguesa, Candido assinala a consolidação, após um período inicial de promiscuidade sexual decorrente da escassez de mulheres brancas¹⁴², de um “tipo ideal de família brasileira”, persistente entre os séculos XVI e meados do XX, amparado em dois núcleos correlatos: de um lado, um núcleo central, legalizado, composto pelo casal branco e seus filhos legítimos e, de outro, um núcleo irregular, formado por “uma periférica nem sempre bem

¹⁴¹ Para a elaboração desse trabalho, lancei mão, quando necessário, de uma versão mimeografada traduzida com fins didáticos para o curso - segundo consta na página de rosto - de “Sociologia I”, 2º semestre de 1974, na UNICAMP. Agradeço a Luiz Carlos Jackson pela cópia fornecida. O tradutor não foi identificado.

¹⁴² Embora considere a propensão dos portugueses para o intercuro sexual com “pessoas de cor” como resultado da “natureza sincrética da formação étnica do português”, a exemplo das formulações de Gilberto Freyre e Oliveira Vianna, principais referências mobilizadas na execução do ensaio, Candido pondera que o preconceito racial contra a mulher negra perdurou de “modo acentuado no Brasil durante e após o período colonial”. Entretanto, “esse preconceito era mais social que racial e funcionava para a defesa do núcleo familiar legal e arrogante” (Candido, 1974b:3). Além disso, cumpre assinalar que embora o artigo “pretenda dar uma visão do problema”, os exemplos e argumentos desenvolvidos ficam circunscritos aos contornos da região de influência histórica paulista.

delineada, constituída de escravos e agregados, índios, negros ou mestiços, na qual estavam incluídos as concubinas do chefe e seus filhos ilegítimos” (id.,ibid.,:4).

No tocante ao núcleo central da organização familiar patriarcal, Candido destaca, em linhas gerais, como aspectos relevantes: a) predomínio da autoridade e dominação “quase absolutas” do chefe da família, submetendo os demais membros ao jugo de sua soberania; b) padrões de conduta pessoais no grupo marcados por rígida hierarquia e distância interna, expressos, por exemplo, nas formas de tratamento deferentes perante a autoridade paterna; c) relativa autonomia da mulher¹⁴³ no interior da vida conjugal por intermédio da participação na organização das atividades de ordem doméstica; d) tendência a realizar alianças matrimoniais entre cônjuges do mesmo grupo, através de casamentos entre primos, padrinhos e parentes próximos com o propósito de perpetuar o status e os bens materiais da família.

Ao redor do núcleo central da família patriarcal, desenvolveu-se um numeroso apêndice familiar periférico baseado na constituição de uniões irregulares e filhos ilegítimos. Com efeito, Candido afirma que no decorrer do processo de colonização, “graças à mistura étnica, o regime escravocrata e a baixa densidade da população, o abastardamento tornou-se muito comum, criando uma situação de fato na qual o núcleo da família legal funcionava como eixo de sustento. Na periferia, graças à devassidão dos brancos e às sobrevivências da poligamia africana e indígena, ele deve ter sido a regra, e só lentamente foi modificado pelas transformações nas funções da família patriarcal” (id.,ibid.,:11). Desse vasto núcleo, como bem sintetiza Jackson, “origina-se parte de nossas classes populares; da minoria protegida, a parte periférica da família, formada pelas amantes e pelos filhos ilegítimos” (id,ibid.:47). Com base na reconstituição desse de amplo quadro histórico, Candido diagnostica que a unidade familiar “formada dessa maneira não estava limitada a pais, filhos, irmãos e irmãs: tendia a integrar grupos maiores que

¹⁴³ De acordo com Jackson, a reabilitação do papel social desempenhado pela mulher no interior da família patriarcal constitui o elemento de maior originalidade do ensaio. Nesse sentido, “contra as interpretações anteriores”, o ensaio de Candido “mostra que a mulher, durante a colonização e o século XX, tinha como característica o comando e a iniciativa, exigidas pelo seu modo de vida” (Jackson, 2002:48).

constituíam juntos o sistema social por excelência do Brasil patriarcal, o qual se baseava na solidariedade do parentesco” (Candido, 1974b: 8).

Desse ponto de vista, a família constitui a unidade social básica que sustenta o sistema de dominação econômico e político do país, em especial durante o período colonial. Como anota o autor: “Em certa extensão pode-se dizer que ela constituiu a organização fundamental do período colonial”, podendo-se concluir que durante essa etapa a nação estava dividida em duas partes, “a familiar e a não-familiar”(id.,ibid.:14). Em vista disso, pode-se afirmar que a família patriarcal escorou a organização econômica, política e social do período, predominando como o elemento decisivo na acomodação da dinâmica societária do país¹⁴⁴. Da exposição sumária das principais considerações do estudo, gostaria de destacar dois aspectos: em primeiro lugar, o papel predominante desempenhado pelos laços de parentesco na ordem social do país; em segundo, o destino social dos filhos ilegítimos, que viriam a compor as camadas intermediárias e subalternas da sociedade brasileira.

Antes, porém, de prosseguir no cotejo prometido, é necessário recuperar um aspecto do debate realizado por Mariza Corrêa em seu estudo “Repensando a Família Patriarcal Brasileira” (1994). Nesse ensaio contundente, Corrêa procura discernir os pressupostos ideológicos envolvidos na descrição dos modelos de organização familiar no Brasil colonial, focalizando a este respeito os clássicos trabalhos de Gilberto Freyre e Antonio Candido. Apesar de diferenças consideráveis entre ambos, ao privilegiar como referência analítica o modelo de organização familiar estabelecido pela família patriarcal, “os autores parecem compartilhar com muitos outros estudiosos a ilusão de que o estudo da forma de organização familiar do grupo dominante, ou de um grupo dominante numa determinada época ou lugar, possa substituir-se à história das formas de organização familiar da sociedade brasileira” (Corrêa, 1994: 19). Diante disso, o estudo de Candido ter-se-ia limitado ao retrato do modelo dominante, apesar da variedade - e mesmo predomínio - de certas formas familiares alternativas. Observa ainda a autora que ao conferir importância exagerada ao núcleo familiar

¹⁴⁴ O desfecho do artigo descreve o impacto das transformações internas e sociais no seio da família patriarcal, devido ao advento articulado das “ações de processos sociais, culturais e econômicos como a urbanização, industrialização, proletarianização, imigração e aculturação” (Candido, 1974b:15).

na organização social da sociedade brasileira do período colonial, Candido acabaria atenuando a influência do aparato estatal na constituição da ordem societária do período. Em consequência, “É como se a sociedade colonial brasileira pudesse ser equiparada a uma sociedade primitiva, sem Estado [...]” (id., *ibid.*,:25). Os habitantes do Brasil colonial “que não viviam dentro ou em volta da casa grande” estariam por sua vez diante da “inexistência de qualquer tipo de norma de comportamento” [...]” (id., *ibid.*,:25)¹⁴⁵. Não interessa no momento discutir em pormenor as várias sugestões do artigo, e sim concentrar minha análise na sugestão indicada pela autora a respeito da ausência de instituições e mecanismos estatais assegurando a ordem societária no período referido, com o propósito de confrontá-la com os princípios regentes encontrados na “dialética de ordem e desordem”. Retornemos, agora, ao célebre ensaio.

Segundo Candido, o romance de Manuel Antonio de Almeida obtém êxito ao representar a sociedade brasileira da primeira metade do século XIX em função da apreensão intuitiva de um princípio estruturador profundo relativo tanto ao universo romanesco quanto à organização social desse período, que não está relacionado com elementos de ordem documentária, mas com o fato de “ser construído segundo o ritmo geral da sociedade, visto através de um de seus setores” (Candido, 1993c:45): a dialética da ordem e desordem. Tal expressão refere-se tanto ao movimento realizado pelos principais personagens no interior do romance entre os hemisférios polares da ordem e desordem, terreno movediço - “bruxuleante”, na expressão certa do autor - em que os padrões de conduta se alternam e equivalem, quanto corresponde à dinâmica geral da sociedade brasileira da primeira metade do século XIX, na qual se observa “uma ordem comunicando-se com uma desordem que a cerca por todos os lados” (id., *ibid.*,:36).

No hemisfério da ordem, “positivo”, encontram-se os principais personagens da obra e as relações pessoais aí articuladas são pautadas por padrões sancionados pelas normas jurídicas e universalidade das regras, encarnadas no romance “pelo

¹⁴⁵ Em entrevista a Jackson, Candido admite que “Mariza Corrêa diz com razão que eu trato da sociedade brasileira como se não houvesse Estado, só família [...]. Mas o Estado era forte e eu exagerei demais a importância da família. Chego a dizer que o Brasil pode ser dividido em família e não-família” (Jackson, 2002:166).

grande representante delas, major Vidigal” (id., *ibid.*,:37). O hemisfério da desordem, por seu turno, abrange os personagens que convivem em “oposição ou pelo menos em relação duvidosa” com os parâmetros normativos instituídos. Contudo, os personagens principais em geral transitam entre os hemisférios mencionados, constituindo com isso a economia interna do livro. Do ponto de vista do enredo, esse aspecto é discernível através da neutralidade e ausência de qualquer juízo moral com que o narrador exprime esse intercâmbio.

Ora, tal alternância displicente e tolerante entre o terreno do lícito e ilícito somente seria possível pela frouxidão de mecanismos estatais que deixavam, a um só tempo, de cumprir suas funções com rigor nessa faixa social, coibir as condutas transgressoras e punir os infratores. De acordo com essa perspectiva, a imagem do major flagrado em ceroulas condensaria não apenas o ziguezague entre os pólos da ordem e desordem mas também a tibieza do aparelho estatal no país. De acordo com Corrêa, em “The Brazilian Family” Candido estabelece uma clivagem radical entre o “núcleo familiar onde imperava o patriarcal e uma massa anônima totalmente entregue ao reino da natureza, sem qualquer norma cultural a regê-la” (Corrêa, 1994: 24). Assim, a respeito da atuação vigilante do Major Vidigal, Candido afirma ser ela “manifestação de uma consciência exterior, única prevista no seu universo” (Candido, 1993c: 41). E conclui: “Ordem dificilmente imposta e mantida, cercada de todos os lados por uma desordem vivaz, que antepunha vinte mancebias a cada casamento e mil uniões fortuitas a cada mancebia” (id., *ibid.*,:44).

Embora o foco analítico do estudo “The Brazilian Family” esteja voltado para a abordagem de estrato social diverso de “Dialética da malandragem”, não é preciso muito esforço para perceber nesse referencial sociológico a matriz que sustenta o conjunto de considerações de ordem contextual do ensaio crítico. Acima registramos que o núcleo periférico da família patriarcal, formado por uniões irregulares e filhos ilegítimos, acabava por contribuir “na formação da grande massa dos degradados socialmente, os vagabundos e elementos desordeiros, que constituíram grandes porções de nossa população no século XIX” (Candido,

1974b:12). É exatamente essa massa de indivíduos¹⁴⁶ que, segundo Candido, se apresenta transfigurada nas *Memórias*, compondo o grosso desse estrato social intermediário no qual “uns poucos livres trabalhavam e os outros flauteavam ao Deus dará, colhendo as sobras do parasitismo, dos expedientes, das munificências, da sorte ou do roubo miúdo” (Candido, 1993c:44). Da mesma forma em que o núcleo central da família patriarcal era convulsionado por uma “profunda corrente de irregularidade na qual os desejos e sentimentos procuravam compensar os obstáculos aos quais estavam submetidos pelo sistema impessoal de casamento” (id.,ibid.:13), Candido infere, a respeito do casamento entre o protagonista Leonardo e Luisinha, que dada “a estrutura daquela sociedade, se Luisinha pode vir a ser uma esposa fiel e caseira, o mais provável é que Leonardo siga a norma dos maridos e, descendo alegremente do hemisfério da ordem, refaça a descida pelos círculos da desordem, onde o espera aquela Vidinha ou outra equivalente, para juntos formarem um casal complementar, que se desfará em favor de novos arranjos, segundo o costume da família brasileira tradicional” (id.,ibid.:41).

Do ponto de vista das relações interpessoais estabelecidas entre os integrantes desse estrato social intermediário, pode-se observar ainda a importância das relações de parentesco e compadrio como forma de prestação de auxílio e apoio mútuo no decurso das vicissitudes cotidianas. Como várias vezes Candido assinala, Leonardo recebe auxílio providencial da família extensa para livrar-se das enrascadas. Com isso, podemos surpreender, a exemplo do estudo a respeito família patriarcal, a posição de destaque ocupada pela família e afins no país desse período, consolidando vínculos de solidariedade entre seus participantes, os quais se expressam, principalmente, através de sistemas de trocas de bens e serviços.

Com o propósito de levantar uma questão final, gostaria de aproximar de maneira sumária o ensaio em apreço da tese *Os Parceiros do Rio Bonito* (1954).

¹⁴⁶ Da mesma forma que as ciências sociais paulista descolaram o acento temático da sociologia do “estudo preferencial das classes dominantes para as classes dominadas”(Candido, 2001: 47), Candido não estaria nesse estudo colocando em evidência no terreno da crítica literária o exame, para lembrar o título do volume organizado posteriormente por Schwarz, dos pobres na literatura brasileira? Cf. Schwarz, Roberto (Org.) (1983) *Os Pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo, Editora Brasiliense.

Roberto Schwarz observa, a respeito da “Dialética da malandragem”, a empatia social do autor diante dos integrantes desse setor intermediário, semelhante à comisseração pelos humildes parceiros integrantes da cultura caipira. De fato, no estudo sobre Bofete, Candido demonstra a prevalência de formas de solidariedade e cooperação espontâneas enredadas nas praticas sociais ocorridas no interior do bairro rural. No entanto, alguns autores constataam nesse aspecto uma visão complacente da vida rural brasileira, ao minimizar a violência como um aspecto bastante difundido e recorrente na área rural do país¹⁴⁷.

4.3. - Raça, classe e cortiço

Publicada em 1993, a versão acabada do ensaio “De Cortiço a cortiço” - na qual Candido analisa com maestria e argúcia a obra-prima de Aluísio Azevedo, *O Cortiço* -, tem como objetivo evidenciar a maneira como a influência externa do ideário estético naturalista, sobretudo por intermédio da produção ficcional de Émile Zola, foi assimilada e remanejada pelo escritor maranhense na composição desse romance de acordo com as especificidades do contexto sócio-cultural nacional. Obviamente, o ensaio tem um alcance muito maior, debatendo problemas pertinentes ao domínio da teoria literária e da recepção crítica da obra de Azevedo, como se pode verificar nas duas versões parciais publicadas inicialmente em meados da década de setenta¹⁴⁸. No entanto, limitar-me-ei a discutir como algumas considerações pontuais provenientes das pesquisas realizadas pela sociologia paulista na área de relações raciais e as implicações daí decorrentes podem ter sido

¹⁴⁷ Para uma discussão aprofundada sobre essa questão, cf. Jackson (2002).

¹⁴⁸ Ambas as versões foram recentemente publicadas por Dantas (2002). De acordo com o organizador, “Antonio Candido adaptou a leitura de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, para expor o essencial de suas divergências com o estruturalismo, em duas situações diferentes” (Dantas, 2002: 19). A primeira versão, intitulada “A passagem de dois a três”, havia sido publicada integralmente na *Revista de História*, da Universidade de São Paulo (nº 100, vol. L, ano XXV, 1974). Nesse artigo, Candido toma como interlocutor privilegiado para sua análise o livro *Análise estrutural de romances brasileiros* (1972), de Affonso Romano de Sant’Anna. A segunda versão, inédita até o momento, consiste na transcrição de uma palestra pronunciada no II Encontro Nacional de Professores de Literatura (Rio de Janeiro, 30/7 a 2/8/1975), recebendo no livro organizado por Dantas o título de “Literatura – Sociologia”.

assimiladas, ainda que de maneira implícita, na fatura do ensaio, centrando-me, principalmente, na repercussão dessa influência analítica para a caracterização da natureza peculiar do preconceito subjacente ao foco narrativo do romance.

* * *

Em estudo consagrado ao ensaio, Schwarz observa que o movimento analítico acionado por seu autor “exige conhecimentos e estudos desenvolvidos em áreas distantes umas das outras, além da intuição da totalidade em curso, na contracorrente da especialização universitária comum” (Schwarz, 1999: 28). Vejamos, pois, o verdadeiro alcance dessa constatação, reproduzindo, esquematicamente, as principais afirmações contidas no traçado do trabalho.

Começemos, então, pelo principal elemento responsável pela construção do argumento do ensaio: o pequeno ditado humorístico popular, transcrito pelo autor logo no início do texto, corrente na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX que apregoava o seguinte: “para português, negro e burro, três pês: pão para comer, pano para vestir, pau para trabalhar”. Segundo Candido, o teor discriminatório contido nesse dito popular proporcionaria uma via de acesso ao “universo das relações humanas d’*O Cortiço*” (Candido, 1993d: 129), cuja temática consiste na descrição do cotidiano vivido por moradores pobres de um cortiço fluminense do final do século XIX, na fase final da desagregação da estrutura colonial escravista e de transição para o sistema de produção assalariada.

Num primeiro plano, o enunciado do ditado popular coligido parece ostentar uma concepção detratadora, espúria e xenófoba a respeito do imigrante português e do negro, reduzindo brutalmente o valor humano de ambos ao compará-los ao universo da animalidade. Ocorre, porém, que um exame formal dos extratos mais fundos desse mote popular detecta a existência de uma conotação implícita embutida no seu significado inicial: a presença de uma visão derogativa do trabalho que transparece na “feroz equiparação do homem ao animal, entendendo-se (e aí está a chave) que não é o homem na integridade do seu ser, mas o homem = trabalhador” (Candido, 1993d:129). Nesse sentido, o “dito não envolve, portanto, uma confusão ontológica, mas sociológica, e visa ocultamente a

definir uma relação de trabalho (ligada a certo tipo de acumulação de riqueza), na qual o homem pode ser confundido com o bicho e tratado de acordo com essa confusão” (id., ibid.: 129). Dito de outro modo, o suposto “emissor latente” desse ditado considera a atividade produtiva de modo pejorativo, discriminando aqueles que estão diretamente relacionados a ela, nesse caso específico o negro e o português.

Identificado o substrato ideológico do ditado, Candido passa ao segundo momento de sua análise, voltado para a demonstração da correspondência estrutural entre o universo valorativo apresentado pelo ditado e o enfoque narrativo presente no romance de Azevedo. Aparentemente, o dito popular era de um mero recurso de exposição didática citado pelo autor, com a finalidade de ilustrar sua exposição. No entanto, ele é a peça estratégica para se compreender o conteúdo do perfil de classe embutido na visão de mundo do narrador do romance, que exprime sinteticamente, por sua vez, o universo axiológico da elite brasileira do final do século¹⁴⁹. E qual seria a visão de mundo dessa classe social? Segundo Candido, ela refere-se à ilusão do brasileiro livre desse período que

“favorecido pelo regime da escravidão, encarando o trabalho como derrogação e forma de nivelar por baixo, quase até a esfera da animalidade, como está no dito. O português se nivelaria ao escravo porque, de tamanca e camisa de meia, parecia depositar-se (para usar uma imagem usual do tempo) na borra da sociedade, pois ‘trabalhava como um burro’. Mas enquanto o negro escravo era de fato confinado sem remédio às camadas inferiores, o português, falsamente assimilado a ele pela prosápia leviana dos ‘filhos da terra’, podia eventualmente acumular dinheiro, subir e mandar no país meio colonial” (Candido, 1993d, 130).

¹⁴⁹ Em tempo, seria igualmente oportuno confrontar as considerações acerca do referencial axiológico da elite brasileira no final do século XIX apresentadas pelo ensaio com a descrição, do ponto de vista da “sociologia do conhecimento”, desse mesmo estrato social encontrada no capítulo final da tese *O Método Crítico de Sílvia Romero* (1988). Nele, Candido almeja delinear as transformações na mentalidade da época ocorridas com o advento dos setores burgueses na direção econômica e política da nação.

Desse modo, o exame do ditado popular fornece uma diretriz para a compreensão da principal característica que comanda o enfoque do romance e repercute em sua estruturação: a notação classista preconceituosa do narrador que identifica o “trabalho como derrogação e forma de nivelar por baixo, quase até à esfera da animalidade, como está no dito” (idem, idem: 129). Nas palavras de Schwarz, “o dito dos três pê e o enfoque narrativo de *O Cortiço* têm em comum, ainda que não tratem de maneira igual, um nacionalismo feito de desprezo pelo trabalho, pelo negro, pela animalidade e pelo português” (Schwarz, 1999: 28).

A partir da investigação da correspondência estrutural entre o ponto de vista do emissor virtual do ditado e a perspectiva do narrador do romance, Candido caracteriza uma série de relações pressupostas na atitude mental e na conduta do suposto emissor, sobretudo no que se refere ao relacionamento social e ajustamento inter-racial com os demais integrantes da estrutura sócio-econômica do país, que se encontram transfiguradas no interior “universo das relações humanas” apresentado pelo romance. E é exatamente no tratamento conferido a esta dimensão que Candido, acredito, acaba aproximando-se de uma fonte de inspiração importante para a execução de sua argumentação: as pesquisas sobre as relações raciais realizadas pela escola paulista de sociologia.

Para abordar essa questão, porém, é necessário ainda um breve balanço acerca dos estudos realizados sobre a temática das relações raciais no país, com o objetivo de localizar a importância da pesquisa elaborada por Florestan Fernandes e Roger Bastide, bem como a peculiaridade do ciclo de pesquisas promovido pela UNESCO. Como é sabido, o interesse de Florestan sobre o assunto das relações raciais no Brasil é concomitante ao conjunto de pesquisas promovidas pela UNESCO no início da década de 1950, as quais assinalam um momento decisivo nesse itinerário, ao substituir o “paradigma cultural, representado pela obra de Gilberto Freyre dos anos 30, especialmente *Casa-Grande & Senzala* [...]”, pelo

“paradigma sociológico, da estrutura social, que emerge da obra de Florestan Fernandes.”(Maio, 2000: 124)¹⁵⁰.

Após o término da Segunda Guerra Mundial, ainda sob o impacto do holocausto, a agência internacional UNESCO decide promover um conjunto integrado de atividades intelectuais dispostas a “combater a ideologia racista que serviu de suporte para a montagem e operação da máquina infernal nazista” (Maio, *idem*: *ibid.*) Dessa forma, três grandes eventos são realizados: 1) a organização de um congresso internacional com os principais nomes das ciências sociais “com o intuito de elaborar um manifesto a respeito do conceito de raça” (Schwarcz; 1999: 280); 2) a publicação de um conjunto de estudos sobre raças e relações raciais, com o objetivo de promover a discussão pública da questão racial; 3) a decisão de promover um conjunto de sistemático de pesquisas comparativas sobre relações raciais no Brasil.

A eleição do Brasil como uma área de investigação privilegiada para o exame da “situação racial” decorria da convicção de que o país representava um modelo de convivência harmoniosa e aceitação das diferenças raciais, cujo objetivo era o “de oferecer ao mundo lições de civilização à brasileira em matéria de cooperação entre raças” (Maio, 2000: 116). Entre as regiões selecionadas como *locus* empírico para as investigações encontrava-se a Bahia (para cujas investigações foram encarregados Thales de Azevedo e Charles Wagley), Pernambuco (chefiada por René Ribeiro), Rio de Janeiro (a cargo de Luis A. Costa Pinto) e São Paulo (coordenada por Florestan Fernandes e Roger Bastide).

¹⁵⁰ Com efeito, a literatura científica referente a esta temática poderia ser disposta em três principais etapas que se sucedem: a) a primeira, compreendida, grosso modo, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, “vinculada aos estudos afro-brasileiros (Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Melville Herskovits, René Ribeiro, Édison Carneiro e Roger Bastide), estaria voltada à investigação da dinâmica aculturativa, preocupada então em delimitar a influência das culturas africanas no processo de constituição de uma cultura brasileira” (Maio, 2000:, 124); b) a segunda, cujo principal representante é Gilberto Freyre, vigente a partir da década de trinta, ressalta o caráter integrador e positivo da miscigenação “e os impactos resultantes e o lugar que tradicionalmente vem sendo atribuído à raça negra” (*id.*, *ibid*: 124); c) a terceira, decorrente do ciclo de pesquisas da UNESCO realizados na década de cinquenta, considera a dinâmica do sistema social interativo entre negros e brancos.

Como assinala Maria Arminda Arruda, Florestan e Roger Bastide “responsabilizaram-se pela pesquisa em São Paulo, realizada entre 1949 e 1951 e o conjunto de trabalhos escritos a propósito da investigação acabaram por revelar a construção de uma perspectiva inovadora sobre o problema” (Arruda, 2003: 98). Os resultados obtidos por esse ciclo da pesquisa foram reunidos no volume *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo* (1955), com a chancela da editora Anhembi¹⁵¹. Esse livro representa uma contribuição inestimável no debate a respeito das condições do negro na sociedade brasileira, abordando a temática racial a partir do ângulo da desigualdade. Segundo Lilia Schwarcz, a novidade da abordagem residia nas “bases teóricas dessa escola: em lugar das análises culturalistas, as visadas sociológicas, centradas no tema da modernização do país e, a partir da investigação do processo que levava a passagem do mundo tradicional ao moderno, abria-se uma ampla discussão sobre a situação das classes sociais no Brasil” (Schwarcz, 1999: 282).

No artigo inicial do volume, redigido por Florestan Fernandes e intitulado “Do escravo ao cidadão”, encontramos a descrição de um amplo painel da evolução da estrutura econômica paulista no período compreendido entre os séculos XVI e XIX, destacando a contribuição da mão-de-obra cativa nos diversos ciclos econômicos produtivos desse itinerário. Nessa reconstituição histórica, ganha destaque o período de transição das relações servis de trabalho para o sistema de trabalho assalariado, no qual se processa a substituição parcial do negro desse

¹⁵¹ Como se pode notar pelo modo como a edição do livro ficou estruturada, o trabalho de pesquisa foi dividido entre Florestan Fernandes e Bastide, cada um a cargo da redação de relatórios específicos. É importante observar que ao contrário dos demais trabalhos vinculados ao programa e patrocínio da Unesco, o volume organizado pelos professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo acabou não sendo publicado pela agência internacional. Embora possa fazer-se a ressalva, como pondera Maio, de que “não se deve entender a condução [do ciclo das pesquisas] e seu destino final como “frustração” e, sim, como resposta e confirmação plenas” (Maio, 2000: 118), os resultados obtidos pelos estudos conduzidos pela vertente paulista não evidenciaram a ausência de tensões raciais no interior do país. Ao contrário, eles revelaram a efetiva existência e atuação do preconceito e da discriminação, destoando dos pressupostos iniciais perfilhados pela UNESCO. Como comenta Schwarcz: “Resultado: a pesquisa de Pierson é publicada pela Unesco, e o trabalho do grupo de sociologia paulista é engavetado; afinal esse esforço em nada contribuía para os propósitos iniciais da instituição financiadora. No entanto, dentro do país, as pesquisas causaram estardalhaço e, de alguma maneira, arranharam e danificaram o até então resistente ‘mito da democracia racial’” (Schwarcz, 1996:166).

regime, excluído pela competição com os imigrantes europeus e apenas reabsorvido lentamente no âmbito das novas condições desse novo sistema. Nesse momento de amplas transformações, foi concedido aos escravos, segundo Fernandes, “uma liberdade teórica, sem qualquer garantia de segurança econômica ou assistência compulsória; aos senhores e ao estado não foi atribuída nenhuma obrigação com referência aos libertos, abandonados à própria sorte daí em diante” (Fernandes, 1955: 47). Esse processo provocou no negro liberto o desajuste de sua posição anteriormente estabelecida no sistema econômico paulista ficando confinado, no plano ocupacional, a atividades profissionais subalternas, aquelas “mais humildes e mal remuneradas” (id., ibid.: 51).

No segundo artigo do livro, “Cor e Estrutura Social em Mudança”, Florestan examina as implicações sociais do legado da escravidão na constituição da posição profissional e social do negro no período republicano. Segundo ele, tais implicações “podem ser resumidas a três: 1º) na seleção da mão de obra sempre prevaleceram motivos que nada tem a ver com a *raça* ou a *cor* dos trabalhadores; 2º) a *raça* ou a *cor* não exerceram por si mesmas, aparentemente, nenhuma influência como fatores sociais construtivos na constituição ou na transformação da ordem de ajustamento inter-racial; 3º) as condições sociais de exploração econômica da mão de obra escrava favoreceram a formação de símbolos sociais e de padrões de comportamento polarizados em torno da *raça* ou da *cor*, os quais se ligaram, como causa ou como condição operante, à determinação da dinâmica dos ajustamentos entre negros e brancos em São Paulo” (id., ibid.: 67).

Para Florestan, o perfil da estratificação social em São Paulo é antes o resultado da posição que “cada uma das raças em contato ocupavam no sistema de relações materiais”, do que decorrente das diferenças raciais específicas. Nas palavras do autor: “à estratificação social em São Paulo corresponde ou se superpõe uma estratificação interétnica e racial” (id., ibid.: 68). Como indica Peixoto, “a tese básica defendida nesse capítulo é que a discriminação racial não é praticada em função de ‘ojerizas’ associadas a diferenças raciais, mas fruto das desigualdades sociais, produzidas em contexto escravista. Assim, o preconceito e a discriminação são explicados como meios de preservação da ordem social escravocrata” (Peixoto, 2000: 188). Ou seja, o que define e possibilita o preconceito racial, segundo as

sugestivas reflexões de Fernandes, é a posição subalterna ocupada pelo negro na estrutura social paulista. Segundo Fernandes, nesse processo “os atributos propriamente raciais contavam como decorrência. Por isso, para eles [brancos] as “raças” negras se compunham de indivíduos que se caracterizavam duplamente: pela condição de escravo e pela cor da pele” (Fernandes, 1955: 91). Predomina, assim, uma percepção que concebe as diferenças entre as condições da situação econômica e posição social de negro e brancos como determinantes na deflagração de atitudes e comportamentos discriminatórios.

Nesse quadro societário, segundo Florestan Fernandes,

“a cor foi, portanto, selecionada como marca racial que serviria para identificar socialmente os negros e mestiços. Ela passou a ser um símbolo de posição social, um ponto de referência imediatamente visível e inelutável, através da qual se poderia presumir a situação de indivíduos isolados, como socius e como pessoa, tanto quanto definir o destino de uma “raça”. Nesse sentido, pode-se afirmar que a cor não só transparecia na “anatomia” da sociedade escravocrata de São Paulo, mas ainda intervinha dinamicamente em sua “fisiologia”. De um lado, ela permitia distinguir os indivíduos, por meio de caracteres exteriores, de acordo com sua posição na estrutura social. De outro, funcionava como um núcleo de condensação e de ativação de uma série de forças sociais, que mantinham a unidade e a estabilidade da ordem vigente”(id., ibid.: 70).

Em outras palavras, o ajustamento social entre senhores e escravos foi amparado e retraduzido pela da cor dos indivíduos, que tornou-se “uma espécie de índice da condição social da pessoa”, elemento distintivo selecionado na identificação social dos ocupantes das camadas sociais encontradas em São Paulo. Se a função social da discriminação racial na antiga sociedade escravocrata paulista consistia na perpetuação da ordem senhorial vigente na medida em que ela operava a segregação rigorosa das castas - através das diferentes modalidades de discriminação apontadas no texto -, com a desagregação do regime de trabalho escravista e com a ascensão coletiva dos negros e mestiços ao status jurídico-político de cidadãos, esse mesmo objetivo, contudo, conserva-se intacto, não

havendo alteração significativa no antigo padrão de preconceito racial e “tratamento recíproco assimétrico” (id., ibid.: 112).

E com essas considerações podemos retomar o ensaio “De Cortiço em cortiço”, evidenciando o cerne da questão que me levou a essa longa digressão pelo trabalho de Florestan: somente pode-se compreender devidamente a natureza da visão de mundo discriminadora e xenófoba compartilhada pelo emissor virtual do dito “Para português, negro e burro, três pés: pão para comer, pano para vestir e pau para trabalhar” e pelo foco narrativo que anima a estruturação de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, quando levamos em consideração a influência da produção intelectual da sociologia paulista na caracterização elaborada por Candido a respeito da dinâmica social interativa entre os envolvidos pelo ditado. Num trecho posterior do ensaio, ele é retomado por Candido para “insistir no seu baixo caráter de formulação ideológica” (Candido, 1993d: 132) e descrever com maior minúcia o emissor latente do mote trocista, isto é, o brasileiro abastado do final do século XIX. Observemos mais atentamente essa descrição, pois são notáveis as sintonias de padrões de comportamento dos representantes da camada senhorial da elite paulista descritos por Candido e por Florestan. Eis a passagem:

“o tipo de gente que o [dito] enunciava sentia-se confirmada por ele na sua própria superioridade. Essa gente era cônica de ser branca, brasileira, livre, três categorias bem relativas, que por isso mesmo precisavam ser afirmadas com ênfase, para abafar dúvidas num país onde as posições eram tão recentes quanto a própria nacionalidade, onde a brancura era o que ainda é (uma convenção escorada na cooptação dos “homens bons”), onde a liberdade era uma forma disfarçada de dependência. Daí a grosseria agressiva da formulação, feita para não deixar dúvidas: eu, brasileiro nato, livre, branco, não posso me confundir com o homem de trabalho bruto, que é escravo e de outra cor (...)” (Candido, 1993d: 132).

Ora, não estamos diante das principais características consideradas pelos trabalhos de Florestan Fernandes? Ou seja, o empenho das oligarquias dominantes paulistas na preservação de seus privilégios de classe, recorrendo ao preconceito de

cor e a discriminação social como componentes decisivos na manutenção da desigualdade social entre as camadas constitutivas da estrutura social de São Paulo. O trecho a seguir, extraído da versão preliminar já mencionada do ensaio de Candido, torna essa suposta fonte de inspiração mais evidente:

*“Vemos, então, que uma leitura orientada pelos traços culturais e sociais incorporados à estrutura literária mostra que, neste romance, o Branco é por excelência, não o que tem cor branca, mas o que pertence ou vai pertencer à camada dominante. Sobretudo o Português. E ainda: que o Negro não é o de cor preta, mas todos os que pertencem às camadas sociais cujos membros são, no limite, tratados como escravos, isto é, aqueles sobre os quais recai o trabalho produtivo. É a massa brasileira do Cortiço, feita de brancos, negros, mulatos, caboclos, cafusos. Os portugueses que, em vez de tenderem à classe dominante, tendem à classe dominada, se equiparam essencialmente ao Negro, como Jerônimo. Portanto, Negro = Trabalhador. A **classificação étnica inicial se refaz, é redefinida segundo critérios sociais e econômicos**”.* (Candido, 2002: 66 - grifos nossos).

É pouco provável que Candido tenha ficado insciente aos principais diagnósticos e resultados alcançados pelo conjunto de pesquisas conduzidas pela chamada escola paulista de sociologia acerca das relações raciais no país, posto que nesse período ele continuava vinculado ao corpo docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo como professor e, principalmente, considerando-se seu íntimo relacionamento afetivo e intelectual com o principal mentor e coordenador das pesquisas, o sociólogo Florestan Fernandes: “Fomos companheiros de trabalho, dia a dia, durante uns 15 anos; e temos uma intimidade sem reservas [...]” possibilitando, dessa forma, atestar o surgimento “da cadeia de preocupações e raciocínios que levaram Florestan às suas posições pessoais” (Candido, 2001: 14). Desse modo, mesmo não participando diretamente na confecção de seus trabalhos científicos, a importância das propostas aí apresentadas seguramente não passaram despercebidas a Candido. Esse último aspecto pode ser corroborado, em parte, através do conjunto de depoimentos

realizados por ele a respeito de Florestan Fernandes, reunidos no volume *Florestan Fernandes* (2001). Neles, Candido reitera alguns dos principais achados explicativos resultantes desse ciclo de pesquisas, verificando a influência marcante dessa temática para o desenvolvimento da obra do sociólogo paulista. Nesse sentido, ele declara que Florestan

“aceitou participar com Roger Bastide na direção de uma pesquisa da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) sobre as relações raciais entre brancos e negros em São Paulo. Aí começou o cruzamento das duas linhas: o sociólogo de grande formação teórica e o intelectual de grande consciência política encontraram pela frente um problema que solicitou a sua combinação. Com efeito, o negro não era algo remoto como o tupinambá, mas um cidadão vivendo ao nosso lado, espoliado, privado, vítima do preconceito, participando da mesma dinâmica social que nós” (Candido, 2001: 31).

Em síntese, o breve cotejo realizado com a produção sociologia paulista nos permite retornar às considerações iniciais desse capítulo, isto é, que na produção intelectual de Antonio Candido, não obstante a ausência de referências explícitas registradas no corpo do texto, podemos identificar um profundo diálogo com a agenda temática dessa vertente intelectual, fundamentando a composição do trabalho e as suas principais proposições analíticas. Vejamos, rapidamente, para finalizar, os comentários de Affonso Romano de Sant’Anna sobre o ensaio de Candido em pauta, pois eles que podem auxiliar, ainda que de maneira oblíqua, na confirmação de nossas sugestões.

Em estudo publicado em 1977, “Curtição: *O Cortiço* do Mestre Candido e o Meu”, Sant’Anna retoma algumas das questões e objeções apontadas por Candido em “A passagem do dois ao três”, preocupado “não digo em responder, mas em refazer alguns pontos do meu exercício analítico” (Sant’Anna, 1977: 214). Na avaliação de Sant’Anna

*“outro dado que mereceria ser mais problematizado entre os selecionados pelo Professor Candido é o elemento racial, ou melhor, da cor das pessoas descritas. Assim o Mestre faz a seguinte **afirmativa não de todo precisa em relação ao texto do romance**: Em termos de cor o grupo pobre é mais complexo, porque formado por brancos, mestiços e negros, enquanto no Sobrado só há brancos. Ou, por outro lado, nem todos os brancos estão no Sobrado, mas nele só há brancos”* (Sant’Anna, 1977: 229 - grifos nossos).

Nessa direção, Sant’Anna adverte que ao contrário do que Candido afirma, podemos encontrar de fato três empregados domésticos negros alojados no sobrado: Valentim, Leonor e Isaura. Decorre daí a inoperância do ditado humorístico coligido por Candido, posto que este não contemplaria todas as relações sociais possíveis descritas no interior do romance. Por fim, o autor conclui, a partir novamente de um trecho destacado do ensaio do “mestre”, que

“não há, é verdade, o elemento racial, o negro, que a frase coligida pelo Mestre tem, mas segundo se depreende de sua afirmação o negro é mais aspectual que estrutural, pois Negro não é o da cor preta, mas todos os que pertencem às camadas sociais cujos membros são, no limite, tratados como escravos, isto é, aqueles sobre os quais recai o trabalho produtivo” (id., *ibid.*: 231).

O romance descreve, de fato, a presença de três empregados domésticos negros abrigados no sobrado do comendador Miranda, constituindo uma rede de relações sociais interativas em diferentes níveis com seus proprietários. Contudo, devemos observar que na medida em que os empregados negros encontram-se inseridos num ambiente espacial marcado pela riqueza e prestígio - na expressão empregada por Candido, um “lugar de rico” -, coabitando e gravitando diretamente na vida íntima dos membros principais da família do próspero comerciante de tecidos e comendador, a característica racial prévia deles é redefinida em função da posição e do *status* social adquirido pela permanência no interior do casarão. Ao afirmar que no bojo do sobrado encontram-se apenas brancos, Candido não desconhece a ordem de fatos apresentada pelo romance, mas, ao contrário,

considera-a numa outra perspectiva, mais próxima dos estudos sobre a condição social do negro acima comentados, que postulam a subordinação do preconceito racial às desigualdades no plano econômico e social. Como se vê, é razoável supor que a dificuldade da apreciação de Sant'Anna reside no fato de não considerar esse dado básico do ensaio.

* * *

A propósito do ensaio “O mundo-provérbio” (1993), análise realizada por Candido a respeito do romance *I Malavoglia*, do escritor italiano Giovanni Verga, Andréa Ciacchi observa com razão que embora não tenha alcançado a “*mesma repercussão dos ensaios sobre as Memórias de um Sargento de Milícias e sobre O Cortiço por motivos óbvios*”, do ponto de vista metodológico “*parece-me que ele representa um avanço com relação a esses dois estudos. Nele, com efeito, a clareza é maior, e a articulação das esferas se revela em todos os seus pormenores e em todas as suas conseqüências. A continuidade entre ‘série literária’ e ‘série social’, apoiada na figura lingüística e antropológica do provérbio, é mostrada como fato fundamental da criação e como eixo firme da interpretação*” (Ciacchi, 1999: 217).

De fato, no ensaio sobre *I Malavoglia* Candido executa a síntese equilibrada entre as dimensões analíticas ressaltadas nos ensaios discutidos nesse capítulo: a localização do referente sociológico externo entranhado na forma do romance e, ao mesmo tempo, a caracterização do perfil ideológico do narrador. Enquanto o principal esforço interpretativo de “Dialética da malandragem” consiste no delineamento da estrutura social peculiar que ancora a economia geral do romance de Manuel Antonio de Almeida, em “De Cortiço em cortiço” a discussão está voltada para a apreensão do preconceito racial subjacente ao foco narrativo do romance.

Embora contraste, no desfecho de “Dialética da malandragem”, a produção romanesca de José de Alencar e Manuel Antonio de Almeida a fim de apontar neste a presença de uma linguagem discrepante do jargão ideológico da classe dominante de seu tempo, em contraste com Alencar que “acaba fechando a porta ao senso da

realidade, porque tende à linguagem convencional de um grupo restrito, comprometido com certa visão de mundo” (Candido, 1993d: 52), Candido coloca em segundo plano o exame da perspectiva de classe do narrador. Da mesma forma, apesar de registrar a presença em *O Cortiço* da “dialética do espontâneo e do dirigido” regendo o processo de remodelação do espaço físico interno do cortiço, e, por extensão, o ritmo do avanço do capitalismo no país, o aspecto central do estudo refere-se ao preconceito racial subjacente ao foco narrativo do romance.

Na opinião de Ciacchi, a “escassa difusão dos estudos literários italianos no Brasil, assim como o reduzido número de traduções disponíveis aqui de textos procedentes da Itália, fizeram com que esse brilhante ensaio de Antonio Candido não tenha alcançado a repercussão que merece” (Ciacchi, 1999:217). Embora as razões levantadas sejam indiscutíveis, creio que a ampla repercussão dos ensaios em pauta resulta do fato de que eles enfrentaram questões candentes debatidas pelo campo das ciências sociais brasileira.

Em certo sentido, ambos os ensaios encontram-se, no início da década de setenta, quando foram concluídos, marcadamente sintonizados com preocupações temáticas discutidas no campo intelectual das ciências humanas. Nesse contexto, a indagação acerca da identidade cultural do país, a relação entre subdesenvolvimento e imperialismo e a perspectiva de análise comparativa com a América Latina, representavam temas e assuntos em voga no período. Não é casual que “Dialética da malandragem” confronte a formação social e a conduta moral brasileira com as congêneres norte-americanas. Em contraste com a rigidez desumanizadora das instituições sociais norte-americanas, a tolerância permissiva e desafogada no país, abrandando “os choques entre a norma e a conduta, tornando menos dramáticos os conflitos de consciência” (Candido, 1993d: 51).

Em dissertação de mestrado, Goto (1988) investiga a representação de malandro e malandragem estampada na “Dialética da malandragem”, relacionando-a ao contexto cultural e político autoritário de sua publicação. Segundo o autor, em conformidade com a imagem veiculada nessa conjuntura por diferentes registros - MPB, trabalhos de crítica cultural, etc. -, o ensaio sustentaria uma opinião relativa ao universo imaginário da “sabedoria popular”, valorizando como atributos no malandro e, por extensão, no brasileiro, a esperteza e a

maleabilidade. No entender do autor, a “simples atribuição ao brasileiro de um modo de ser aberto e flexível podia, então, significar uma crítica oblíqua ao mundo efetivamente fechado em que se tornou, da política à cultura, o país sob os atos institucionais dos ditadores militares, os Vidigais de plantão do Brasil oficial a quem “Dialética da Malandragem” poderia lembrar que a verdadeira vocação nacional não são rigidez e intolerância, porém fluidez, conciliação etc., os “valores mais lúdicos” que a nostalgia reclama” (id., *ibid.*: 85).

No caso de “De Cortiço em cortiço”, o interesse de Candido recaiu, como procurei demonstrar, sobre uma questão intelectual permanente no seio das ciências sociais: a peculiaridade das relações e do preconceito racial no país. Alinhando-se aos principais resultados de pesquisa legados pela “escola paulista de sociologia” sobre a temática racial, Candido encontrou no romance de Aluísio Azevedo a presença ativa de um substrato ideológico responsável pela manutenção de privilégios de classe e desigualdades econômicas, preconceitos raciais e exclusão social.

Ao enfrentar de perto preocupações típicas das ciências humanas do país, a produção crítica de Candido ampliou seu interesse e abrangência, contribuindo para garantir a ela a notoriedade alcançada no meio intelectual.

Conclusão

Será que a importância de Antonio Candido como crítico literário ainda precisa ser ressaltada? A julgar pela considerável quantidade de depoimentos, análises, intervenções e menções a ele consagrados, a tarefa já estaria prestes a ser dada como encerrada. No levantamento exaustivo realizado por Vinicius Dantas, as fontes disponíveis são unânimes em pontificar a posição de relevo de Candido no interior da crítica, considerado-o como o seu maior representante no país.

No entanto, tais trabalhos em geral consideram como pertinente registrar aspectos de ordem informativa (datas, fatos pitorescos, acontecimentos inusitados) e ainda ressaltar traços das propriedades pessoais de Candido. Embora essas dimensões não devam ser menosprezadas, ao contrário, tiveram seu papel importante, o fato é que elas não permitem compreender de maneira substantiva as condições objetivas que favoreceram a notoriedade amealhada por Candido e, em decorrência, a emergência e consolidação da área de TLLC como o segmento hegemônico do campo da crítica literária moderna brasileira. Em particular, pode-se asseverar que a quantidade irrisória de apreciações a respeito do período tratado por essa dissertação, marcadas quase sempre pela evocação encomiástica, e, ao mesmo tempo, os escassos depoimentos de Candido sobre essa etapa de sua trajetória, impregnados pelo reconhecimento pressuposto de que o curso de TLLC tomava corpo e ampliava suas atividades de maneira involuntária, acabavam por “naturalizar”¹⁵² as estratégias e recursos pelos quais Candido lançou mão para viabilizar seu projeto intelectual e acadêmico.

Na verdade, os acontecimentos ocorreram de maneira algo distinta do que apregoam os materiais e fontes disponíveis. Ao colocar em destaque o arcabouço institucional que sustentava a rotina organizacional do curso, pude conferir a

¹⁵² É eloquente, nesse sentido, a resposta de Candido ao ser indagado sobre o momento de sua trajetória em que aflorou a inclinação para a crítica literária: “Não. Começou antes de eu nascer!” (Pontes, 2001: 12). De outro lado, Peirano chama a atenção para a presença constante do “acaso” como recurso explicativo utilizado pelos intelectuais entrevistados em sua tese para justificar as tomadas de posição e guinadas nas trajetórias intelectuais, dentre os quais encontrava-se Candido. Cf. Peirano (1995).

montagem de uma sólida estrutura acadêmica atuante em diversas frentes correlatas: desde o quadro de professores convidados, os cursos oferecidos, os autores freqüentados, as pesquisas científicas empreendidas, o conjunto temático estabelecido, a existência de uma proposta teórica definida, os recursos financeiros conquistados, as alianças intelectuais celebradas e os embates críticos realizados. Não fosse a consecução desse conjunto de iniciativas bem-sucedidas deflagradas nos quase vinte anos em que coordenou a área de TLLC, seria praticamente impensável que Candido chegasse a atingir a posição de influência e a autoridade intelectual destacada que ele ocupa no meio. Como registrei no primeiro capítulo, até o momento em que se transfere para a Faculdade de Filosofia e Letras de Assis, Candido alternava sua produção intelectual entre a crítica literária e a sociologia, havendo publicado apenas duas coletâneas de artigos, decerto muito pouco para se conquistar o epíteto de “maior crítico literário do país”.

A fim de dimensionar as estratégias profissionais e o perfil dos investimentos acadêmicos perpetrados por Candido, procurei compará-los com a trajetória profissional do sociólogo Florestan Fernandes. Ao contrário dos principais trabalhos na área da história das ciências sociais brasileira, que em geral contrastam os modelos de atuação institucional de Candido e Florestan, ressaltei as diversas semelhanças entre eles, nos quais predominam como principais iniciativas a abertura de frentes inovadoras de investigação, a promoção de pesquisas científicas articuladas e, sobretudo, o empenho na formação acadêmica de discípulos.

Em relação a estes, Candido formou uma vigorosa geração de críticos literários - entre os quais Roberto Schwarz, Walnice Nogueira Galvão, Davi Arrigucci Jr., Telê Ancona Lopez, João Luiz Lafetá, José Miguel Wisnik - dispostos a dar continuidade ao projeto intelectual do mentor. Em meio ao processo de socialização acadêmica a que estavam expostos, foi sendo plasmada uma identidade institucional que particulariza os principais componentes da área de TLLC. Com o avanço da experiência de convívio prolongada no interior do curso, certas disposições cognitivas e competências técnicas no exercício da crítica foram por eles incorporadas como os critérios avaliativos legítimos nessa área de estudos. Nesse sentido, a publicação da revista *Almanaque* representou o veículo para a

difusão do ideário forjado pela área, defendido em suas páginas por meio da zombaria e descrédito dos projetos críticos concorrentes.

Por outro lado, a partir da apreensão das relações assimétricas de gênero contidas no seio do grupo de discípulos, desenvolvida no terceiro capítulo, pude delinear tanto as formas de inserção e influência intelectual no espaço da área de TLLC quanto delinear uma tipologia das formulações teóricas defendidas por seus principais trabalhos. Enquanto os homens elaboravam os quadros teóricos abrangentes e as pesquisas de cunho interpretativo, angariando prestígio e renome, as mulheres se dedicavam ao conjunto de pesquisas empíricas ou ao preparo de teorias críticas de “médio-alcance”, permanecendo numa posição subalterna ou intermediária no plano acadêmico.

Ao lado disso, indiquei as condições favoráveis e as interações bem-sucedidas que incidiram na emergência e hegemonia do projeto crítico da área da TLLC no âmbito da crítica literária universitária paulista. Seja pelo rechaço sistemático aos modelos críticos oponentes, seja pela ausência de um projeto intelectual alternativo de envergadura no interior da própria USP e seja, enfim, pela habilidade pessoal de Candido em conduzir e estabelecer alianças, o fato é que o grupo formado ao seu redor conquistou em pouco tempo a posição de destaque nessa área de estudos, a ponto de, como adverte Leyla Perrone-Moisés, “coube-lhe, mesmo, inaugurar a crítica sociológica moderna no Brasil e fazer escola nesse gênero, a tal ponto que, pelo país afora, os literários das universidades paulistas são vistos como predominantemente sociológicos (o que é só parcialmente verdadeiro)” (Perrone-Moisés, 2000: 330).

Com efeito, se é correto afirmar que a crítica literária paulista compreende diversas e conflitantes tendências, não deixa de ser significativo o empenho em propagar o ideário do grupo para outros centros universitários situados no interior do estado. No terceiro capítulo, evidenciei a importância da implantação levada a cabo por Candido da área de Teoria Literária no Instituto de Estudos Lingüísticos (IEL) da Unicamp. Nessa instituição foi absorvido o contingente excessivo de orientados de Candido e, ao mesmo tempo, difundidas as principais diretrizes do programa de trabalho gestado na área de TLLC.

No que se refere à produção intelectual de Candido, procurei abordar os ensaios “Dialética da malandragem” e “De Cortiço em cortiço” através de sua interlocução com área das ciências sociais, destacando os modelos sociológicos subjacentes às suas principais formulações. No desfecho do quarto capítulo, demonstrei a incompreensão de Affonso Romano de Sant’Anna a respeito da natureza peculiar do preconceito racial detectada por Candido no romance de Aluísio Azevedo. Com efeito, escapou ao crítico carioca a intersecção das grandes áreas de interesse que conformam a produção crítica de Candido: literatura e sociologia. Embora não tenha desenvolvido a questão em profundidade, pode-se asseverar que a crítica literária realizada por é regida por questões e problemas típicos das ciências sociais. A despeito da preocupação enfática com os meandros da forma literária, a leitura de Candido converge quase sempre para a apreensão de preocupações ligadas ao pensamento social brasileiro. Decorre daí, talvez, a ausência de estudos acurados a respeito dos principais trabalhos de Candido, dispostos em aprofundar a discussão ao invés de reproduzir as formulações do autor, posto que a sua recepção crítica fica a cargo preferencialmente de literatos e críticos literários.

Ao encerrar essa pesquisa, creio que reencontrei, embora por via bastante diversa, ao enfatizar os constrangimentos institucionais que enredavam a área de TLLC, em geral relegados a segundo plano, o mesmo retrato difundido pelas fontes bibliográficas sobre o crítico: a importância fundamental da atuação de Antonio Candido para os rumos tomados pela crítica literária moderna no país.

Bibliografia

- ALBANO, Eleonara; POSSENTI, Sírío; ALKMIN, Tânia; COUDRY, Maria Irma Hadler. (Org.) (2003). *Saudades da Língua*. Porto Alegre: Editora Mercado de Letras.
- AGUIAR, Flávio (Org.) (1999). *Pensamento e Militância*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- ARANTES, Paulo Eduardo. (1992) *Sentimento da dialética*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- ARRIGUCCI JR, Davi. (1990) *Humildade, Paixão e Morte* - a poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras.
- ARRIGUCCI JR., Davi. (1990b) Memorial Acadêmico apresentado no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada das FFLCH-USP.
- ARRIGUCCI JR., Davi. (1995) *O Escorpião Encalacrado*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ARRIGUCCI JR, Davi. (1997) *O Cacto e as Ruínas*. São Paulo: Editora Duas Cidades/ 34.
- ARRIGUCCI JR, Davi. (1999) *Outros Achados e Perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. (1994) “A trajetória da pesquisa na Sociologia” in *Estudos Avançados*, 8 (22).
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento (1995) “A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a ‘Escola Paulista’”. in: MICELI, S. (org). *História das Ciências Sociais no Brasil*. v.2. São Paulo, Editora Sumaré.

- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. (1997) “Dilemas do Brasil moderno: a questão racial na obra de Florestan Fernandes” in *Idéias*, Campinas, 4 (1/2).
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento & GARCIA, Sylvia Gemignani. (2003) *Florestan Fernandes, mestre da sociologia moderna*. Brasília, Paralelo 15.
- BARBOSA, João Alexandre. (1973) “Resenha de *A Astúcia da Mímese*” in *Argumento*, São Paulo, vol. 3.
- BARBOSA, João Alexandre. (1974) *A Tradição do Impasse*. São Paulo: Editora Ática.
- BARBOSA, João Alexandre. (1995) “A formação do DTLLC – Depoimento” in *Magma Revista*, São Paulo, nº 2.
- BARBOSA, Francisco de Assis. (1979) “Madison, Ws, 1968” In LAFER, Celso (Org.) *Esboço de Figura*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- BARBOSA, Onédia. (1975) *Byron no Brasil*. São Paulo: Editora Ática.
- BARTHES, Roland. (2003) “As Duas Críticas” in __ *Crítica e Verdade*. São Paulo: Perspectiva
- BOLLE, Adélia Bezerra de Meneses. (1979) *A obra crítica de Álvaro Lins*. Petrópolis: Editora Vozes.
- BOSI, Alfredo. (1969) *O Pré-Modernismo*. São Paulo: Cultrix.
- BOSI, Alfredo. (1974) “Prefácio” in BARBOSA, João Alexandre. *A Tradição do Impasse*, São Paulo: Editora Ática.
- BOSI, Alfredo. (1987) *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix.
- BOSI, Alfredo .(1988) “Céus, infernos”. Entrevista concedida a Augusto Massi, publicada na revista *Novos Estudos Cebrap*, vol.21, julho.
- BOSI, Alfredo. (2001) “Sobre alguns modos de ler poesia: memórias e reflexões”. In __ (Org.) *Leitura de poesia*. São Paulo: Editora Ática.
- BOSI, Alfredo. (2002) *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BOURDIEU, Pierre. (1989) *A Ontologia Política de Martin Heidegger*. São Paulo :Papirus.
- BOURDIEU, Pierre (1994). “O campo científico” in ORTIZ, Renato (Org.) *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Editora Ática.
- BOURDIEU, Pierre. (1996) *As Regras da Arte*. São Paulo: Companhia das Letras.

- BOURDIEU, Pierre. (1996b) “Os Ritos de Instituição” in __ *A Economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar quer Dizer*. São Paulo: EDUSP.
- BOURDIEU, Pierre. (1997) “Para uma ciência das obras”, in __ *Razões Práticas*. São Paulo: Papirus.
- BOURDIEU, Pierre. (1997b) *Os usos sociais da ciência - Por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora da UNESP.
- BOURDIEU, Pierre. (1999) *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- BOURDIEU, Pierre. (2005) *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras. BOURDIEU, Pierre. (2005b) *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BRAGA, Maria Lúcia Santana. (2000). in *Sociedade e Estado* - Revista semestral de sociologia UNB - Brasília, volume XV, nº 2, Junho-Dezembro.
- BRANDÃO, Roberto de Oliveira. (1976) *A Tradição Sempre Nova*. São Paulo: Editora Ática.
- CANDIDO, Antonio. (1951) “The Brazilian Family” in SMITH. T. Lynn; MARCHANT. Alexander (Org.) *Brazil – Portrait of half a continent*. New York: The Dryden Press, 1951.
- CANDIDO, Antonio. (1957) “A sociologia no Brasil”, in *Enciclopédia Delta Larousse*, vol. IV.
- CANDIDO, Antonio. (1963) *Tese e antítese*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- CANDIDO, Antonio. (1970) “Prefácio” in CHIAPPINI, Lúcia *O Modernismo Gaúcho*. São Paulo, IEB-USP.
- CANDIDO, Antonio. (1973) “Teoria da Literatura e Pós-graduação” in *ALFA*, nº 18 e 19. Marília (SP), FFCL de Marília.
- CANDIDO, Antonio. (1974) Memorial apresentado para concurso de professor titular de Teoria Literária e Literatura Comparada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 3 de julho de 1974.
- CANDIDO, Antonio. (1974b) “A Família Brasileira”. Apostila do curso Sociologia I - 2º Semestre de 1974. Campinas, Unicamp.

- CANDIDO, Antonio. (1975) "Prefácio" in Barbosa, Onédia. *Byron no Brasil: Traduções*. São Paulo: Ática.
- CANDIDO, Antonio. (1978) "Prefácio" in FERNANDES, Florestan *A Condição de Sociólogo*. São Paulo: Hucitec.
- CANDIDO, Antonio. (1980). *Teresina etc*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- CANDIDO, Antonio. (1985) "Prefácio" in Cara, Salete de Almeida. *A Recepção Crítica* São Paulo: Ática.
- CANDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo. (1985b) *Presença da Literatura Brasileira*. São Paulo: Difel.
- CANDIDO, Antonio. (1983) "Prefácio" in CARA, Salete. *A Recepção Crítica*. São Paulo: Editora Ática.
- CANDIDO, Antonio. (1987) *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- CANDIDO, Antonio. (1988) *O Método Crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: Edusp.
- CANDIDO, Antonio. (1990) "Comentário" in *Colóquio UERJ 2: A interpretação*. Rio de Janeiro: Imago.
- CANDIDO, Antonio. (1992b) *Ficção e Confissão - Ensaio sobre Graciliano Ramos*. São Paulo: Editora 34.
- CANDIDO, Antonio. (1992c) "Discurso" in __ *Brigada Ligeira e outros escritos*. São Paulo: Editora da UNESP.
- CANDIDO, Antonio. (1993). "Prefácio" in __ *O Discurso e a Cidade*. São Paulo, Editora Duas Cidades.
- CANDIDO, Antonio (1993a). "Os vários mundos de um humanista". Entrevista concedida a Gilberto Velho e Yonne Leite, publicada em *Ciências Hoje*, em junho de 1993.
- CANDIDO, Antonio. (1993b) *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CANDIDO, Antonio. (1993c) "De Cortiço a cortiço", in __ *O Discurso e a Cidade*. São Paulo: Editora Duas Cidades.
- CANDIDO, Antonio. (1993d) "Dialética da Malandragem", in __ *O Discurso e a Cidade*. São Paulo: Editora Duas Cidades.

- CANDIDO, Antonio (1993e). “O Poeta Itinerante” in __ *O Discurso e a Cidade*. São Paulo: Editora Duas Cidades.
- CANDIDO, Antonio. (1993f) Entrevista concedida a Décio de Almeida Prado, publicada em: MARTINS, Marília e ABRANTES, Paulo (Org.) *Três Antônio e um Jobim*, Rio de Janeiro: Relume/Dumará.
- CANDIDO, Antonio. (1995) “Carta de Antonio Candido” in *Magma*. São Paulo, DTLLC, nº 2.
- CANDIDO, Antonio. (1995b) *Vários Escritos*. São Paulo: Editora Duas Cidades.
- CANDIDO, Antonio. (1995c) “Inquietudes na poesia de Drummond” in __ *Vários Escritos*. São Paulo: Editora Duas Cidades.
- CANDIDO, Antonio. (1995d) “Esquema de Machado de Assis” in __ *Vários Escritos*, São Paulo: Editora Duas Cidades.
- CANDIDO, Antonio. (1995e) “Prefácio da 1ª Edição” in ARRIGUCCI JR., Davi. *O Escorpião Encalacrado*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CANDIDO, Antonio. (1996) “A culpa dos reis: mando e transgressão no *Ricardo II*” in NOVAES, Adauto. *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CANDIDO, Antonio. (1998) “Apresentação” in GALVÃO, Walnice Nogueira. *Desconversa*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- CANDIDO, Antonio. (2000) *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha.
- CANDIDO, Antonio. (2000b) “Estrutura e Função do *Caramuru*” in __ *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha
- CANDIDO, Antonio. (2001) *Florestan Fernandes*. São Paulo: Editora Perseu Abramo.
- CANDIDO, Antonio. (2001b) *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34.
- CANDIDO, Antonio. (2002) *Textos de Intervenção*. São Paulo: Editora Duas Cidades.
- CANDIDO, Antonio. (2002b) “A grande revolução cultural do país”. Entrevista concedida a Walnice Nogueira Galvão, publicada em *Leitura*, Jan/Fev 2002.
- CANDIDO, Antonio. (2002c) “O pioneirismo do mestre”. Entrevista publicada na revista *Pesquisa Fapesp*, nº 53, junho.

- CANDIDO, Antonio: (2004a) “A vocação crítica”. Entrevista concedida a Manuel da Costa Pinto, publicada na revista *Cult*, vol. 61.
- CANDIDO, Antonio. (2004b) *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas
- CANDIDO, Antonio. (2004c) “Young Mister Morse” in__ *O Albatroz e o Chinês*. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul.
- CANDIDO, Antonio. (2005) *Noções de análise histórico - literária*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas
- CASTELLO, José Aderaldo. (1970) “Prefácio” in NAPOLI, Rosélia O. de. *Lanterna Verde*. São Paulo, IEB/USP.
- CASTELLO, José Aderaldo. (1971) “Prefácio” In__CACCESE, Neusa. *Festa: contribuição para o estudo do Modernismo*. São Paulo, IEB/USP.
- CASTELLO, José Aderaldo e CANDIDO, Antonio. (Orgs.) *Presença da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1987.
- CAMPOS, Haroldo. (1973) *Morfologia de Macunaíma*. São Paulo, Editora Perspectiva.
- CAMPOS, Haroldo. (1989) *O Seqüestro do Barroco na formação da literatura brasileira - o caso Gregório de Matos*. Bahia: Fundação Casa de Jorge Amado.
- CAMPOS, Haroldo. (1992) “Mário de Andrade: a imaginação estrutural” in __*Metalinguagem & outras metas*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- CAMPOS, Haroldo. “A vida concreta de Haroldo de Campos”. Entrevista concedida a Nelson Ascher, publicada Folha de S. Paulo em 5 de abril de 1992.
- CARA, Salete. (1983) *A Recepção Crítica*. São Paulo: Editora Ática.
- CARVALHO, Ricardo Souza. (2002) “O Seqüestro da dona ausente” in *Leia*, vol. CATÁLOGO dos cursos de Pós-Graduação, Unicamp, Coordenação dos cursos de Pós-graduação - Seção de Publicações, 1983
- CHALMERS, Vera M. (1976) *3 linhas e 4 verdades*. São Paulo: Editora Duas Cidades.
- CHIAPPINI, Lígia. (1970) *O Modernismo Gaúcho*. São Paulo: IEB-USP.
- CHIAPPINI, Lígia. (1978). *Regionalismo e Modernismo*. São Paulo: Editora Ática.
- CHIAPPINI, Lígia & AGUIAR, Flávio. (1978). “Crítica da razão elitista” In *Almanaque- cadernos de Literatura e Ensino*, vol.5.

- CHIAPPINI, Lígia (1996). “Apresentação aos mais jovens, lembranças para os mais velhos” in *Literatura e Sociedade*, nº 1.
- CHIAPPINI, Lígia (2004). “Entrevista”. Entrevista concedida a Cássio Tavares, Marcela Cristina Evarist e Maria Lúcia Zoega e Souza, publicada em Informe, São Paulo, FFLCH-USP, número 10.
- CIACCHI, Andréa (1999) “Antonio Candido lê romance um realista italiano” in *Ad Hominem*. São Paulo, nº 1, tomo 2.
- CORRÊA, Mariza. (1994) “Repensando a Família Patriarcal Brasileira” in ARANTES, Antonio Augusto et alii (Org.) *Colcha de Retalhos*. São Paulo: Editora da Unicamp
- CORRÊA, Mariza. (1995) “A antropologia no Brasil (1960-1980)” in: MICELI, S. (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. v.2. São Paulo: Editora Sumaré
- CORRÊA, Mariza. (1998) *As Ilusões da Liberdade - A Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: EDUSF.
- CORRÊA, Mariza. (2003) *Antropólogas e Antropologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- COVIZZI, Lenira. (1978) *O Insólito em Guimarães Rosa e Borges*. São Paulo: Editora Ática.
- CUNHA, Olívia Gomes. (2004) “Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo” in *Mana*, Rio de Janeiro, vol.10, nº 2.
- DANTAS, Vinicius. (2002a) *Textos de intervenção*. São Paulo: Editora Duas Cidades.
- DANTAS, Vinicius. (2002b) *Bibliografia de Antonio Candido*. São Paulo: Editora Duas Cidades.
- DINCAO, Maria Angelo e SCARABÔTOLO, Eloisa F. (Orgs.) (1992). *Dentro do Texto, Dentro da Vida*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. (2000) *Os Estabelecidos e os Outsiders*, Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- ELIAS, Norbert. (2001) *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FERES, Nites Teresinha. (1969) *Leituras francesas de Mário de Andrade*. São Paulo: IEB-USP.

FERNANDES, Florestan. (1955) “Do Escravo ao Cidadão” in__ *Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo*. São Paulo: Editora Anhembi

FERNANDES, Florestan. (1955) “Cor e Estrutura Social em Mudança” in__ *Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo*. São Paulo: Editora Anhembi

FORJAZ, Maria Spina. (1989) *As Ciências Sociais na Fapesp*. São Paulo: IDESP

FRANCHI, Carlos. “Antonio Candido: a passagem pela Unicamp” in AGUIAR, Flávio. (Org.) *Pensamento e Militância*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999

FREDERICO, Celso (1995). “A presença de Lukács na política cultural do PCB e na universidade”. In: MORAES, João Quartim (Org.) *História do Marxismo no Brasil*. Vol. II. Campinas. Editora da Unicamp.

GALVÃO, Walnice Nogueira. (1971) *As Formas do falso*. São Paulo: Editora Perspectiva.

GALVÃO, Walnice Nogueira. (1972) *No calor da hora*. São Paulo: Editora Ática.

GALVÃO, WALNICE Nogueira. (1976) “No tempo do rei” In __ *Saco de Gatos*, São Paulo: Editora Duas Cidades

GALVÃO, Walnice Nogueira. (1981) *Gatos de outro saco*. São Paulo: Editora Brasiliense.

GALVÃO, Walnice Nogueira. (1992) “A aula” In D’INCAO, Maria Ângela e SCARABÔTOLO, Eloísa Faria. (org.) *Dentro do texto, Dentro da Vida*. São Paulo: Companhia das Letras.

GALVÃO, Walnice Nogueira. (1999). “A militância não-partidária” in AGUIAR, Flávio (Org.) *Pensamento e Militância*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Humanitas/FFLCH/USP.

GARCIA, Sylvia Gemignani. (2002) *Destino Ímpar - Sobre a formação de Florestan Fernandes*. São Paulo: Editora 34.

GEERTZ, Clifford. (2002) “Como pensamos hoje: a caminho de uma Etnografia do Pensamento Moderno” in: *O Saber Local*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

GOMES JUNIOR, Guilherme Simões. (1998) *Palavra Peregrina*. São Paulo: EDUSP.

GOTO, Roberto. (1988) *Malandragem Revisitada*. Campinas: Pontes.

- GREMBECKI, Maria Helena. (1969) *Mário de Andrade e L'Esprit Nouveau*. São Paulo: IEB-USP.
- JACKSON, Luiz Carlos. (2002) *A Tradição Esquecida*. Belo Horizonte: Editora UFMG
- JACKSON, Luiz Carlos. (2004) "A sociologia paulista nas revistas especializadas (1940 -1965) in *Tempo Social*, São Paulo, V.16, nº 1 (junho de 2004).
- KOTHE, Flávio (1978). *Benjamin & Adorno: Confrontos*. São Paulo: Editora Ática.
- KUPER, Adam. (1978) *Antropólogos e Antropologia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora.
- LAFER, Celso. (1979) *Esboço de Figura*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- LAFETÁ, João Luiz. (1998) "Memorial acadêmico" In *Literatura e Sociedade*, nº 3,
- LAFETÁ, João Luiz. (2000) *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades.
- LAFETÁ, João Luiz. (2004) "Batatas & Desejos" in Prado, Antonio Arnoni (Org.) *A Dimensão da Noite*, São Paulo: Editora34/Duas Cidades, 2004
- LAJOLO, Mariza. (1982) *Usos e Abusos da Literatura na Escola*. Rio Grande do Sul: Editora Globo.
- LARA, Cecília de. (1984) "Literatura e periódicos" in __LEONEL, Maria Célia de Moraes *Estética e Modernismo*. São Paulo, Editora Hucitec.
- Lima, Luiz Costa. (1973) *Estruturalismo e Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- LEPENIES, Wolf. (1996) *As Três Culturas*. São Paulo: EDUSP.
- LIMA, Luiz Costa. (1995) *Vida e Mímesis*. São Paulo: Editora 34.
- LIMA, Rachel Esteves de. (1997) "A Crítica Cultural na Universidade" in SOUZA, Eneida Maria de & MIRANDA, Wander Melo (Orgs.) *Navegar é preciso, viver: escritos para Silviano Santiago*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Salvador: EDUFBA; Niterói: EDUFF.
- LIMONGE, Fernando. (1989) "Mentores e Clientelas da Universidade de São Paulo" in
- MICELI, Sergio (Org.) *História das Ciências Sociais no Brasil*. v.1. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.

LOPEZ, Telê Ancona. (1972) *Mário de Andrade: ramais e caminho*. São Paulo: Editora Duas Cidades.

LOPEZ, Telê Ancona. (1992) “Ser aluna de Antonio Candido” in D’INCAO, Maria Ângela e SCARABÔTOLO, Eloísa Faria (org.) *Dentro do texto, Dentro da Vida*. São Paulo: Companhia das Letras.

MAIO, Marcos Chor. (2000) “O Projeto Unesco: ciências sociais e o ‘credo racial brasileiro’” in *Revista USP*, São Paulo, nº 46, junho/agosto 2000.

MASSI, Fernando Peixoto. (1989) “Franceses e Norte-americanos nas Ciências Sociais Brasileira (1930 - 1960) in MICELI, Sergio (Org.) *História das Ciências Sociais no Brasil*. v.1. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.

MELLO E SOUZA, Gilda e Candido, Antonio. (1980) “Estrela da Vida Inteira” In __ *Exercícios de Leitura*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.

MELLO E SOUZA, Gilda. (2003) *O Tupi e o Alaúde*. São Paulo, Editora34/Duas Cidades.

MENESES, Adélia Bezerra. (1988) “Maria Antonia: Década de 60” in: *Maria Antônia: uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel.

MERQUIOR, José Guilherme. (1975) *O Estruturalismo dos Pobres*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro.

MERQUIOR, José Guilherme. (1981) *As idéias e as formas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

MERQUIOR, José Guilherme (1972). *A Astúcia da Mímese*. Rio de Janeiro: José Olympio.

MICELI, Sergio (Org) (1989). *História das Ciências Sociais no Brasil*. v.1. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.

MICELI, Sergio (1989). “Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais” in ____ (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. v.1. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.

MICELI, Sergio (Org.). (1995) *História das Ciências Sociais no Brasil*. v.2. São Paulo.:Editora Sumaré.

MICELI, Sergio. (2002) “Intelectuais Brasileiros” in: *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.

- MICELI, Sergio. (2002) “Retrato do crítico jovem” in *Folha de S. Paulo*, 14/09/2002
- MICELI, Sergio. (2004) “O chão e as nuvens: ensaios de Roberto Schwarz entre arte e ciência” in *Novos Estudos Cebrap*, vol. 70. São Paulo, novembro.
- MOTTA, Leda Tenório. (2002) *Sobre a crítica literária brasileira no último meio século*. Rio de Janeiro: Imago.
- MOURA, Flávio Rosa de. (2004) *Diálogo crítico: disputas no campo literário (1984 – 2004)*. Dissertação de mestrado, FFLCH, USP.
- NITRINI, Sandra. (1994) “Teoria Literária e literatura comparada” in *Estudos Avançados*. São Paulo, 8 (22).
- NITRINI, Sandra. (2000) *Literatura Comparada*. São Paulo: EDUSP.
- NITRINI, Sandra. (2004) “Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada” in *Informe*, São Paulo, nº 10.
- PASTORE, José. (1971) *O ensino superior em São Paulo: aspectos quantitativos e qualitativos de sua expansão*. São Paulo: Editora Nacional.
- PEDROSA, Célia. (1994) *Antonio Candido: a palavra empenhada*. São Paulo: Edusp.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. (1973) “Resenha: *Morfologia do Macunaíma*” in *Revista de Letras*.
- PERRONE-MOISÉ, Leyla. (1980) “Resenha de *O Tupi e o Alaúde*. Suplemento Cultural de O Estado de S.Paulo em 27 de janeiro de 1980.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. (2000) *Inútil Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- PEIRANO, Mariza (1981) *The Anthropology of anthropology: the Brazilian case*. Massachusetts: Harvard University. (Tese de doutorado).
- PEIRANO, Mariza. (1991) *Uma Antropologia no Plural*. Brasília: Editora da UNB.
- PEIRANO, Mariza. (1995) “As artimanhas do acaso” in ___ *A favor da Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- PEIXOTO, Fernanda. (2000) *Diálogos Brasileiros*. São Paulo: Edusp.
- PIGNATARI, Décio (1974). *Semiótica e Literatura*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- PONTES, Heloisa. (1998) *Destinos Mistos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- PONTES, Heloisa. (1999a). “Os mistérios do número 8 e a aula inaugural de

- Lévi-Strauss no Collège de France” in: CATANI, Afrânio Mendes e MARTINEZ, Paulo H. (Orgs.) *Sete ensaios sobre o Collège de France* São Paulo: Editora Cortez.
- PONTES, Heloisa. (1999b). “Elias, renovador da ciência social” in: WAIZBORT, Leopoldo (Org.) *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: Edusp.
- PONTES, Heloisa. (2001) “Entrevista com Antonio Candido” in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, volume 16, nº 47.
- PONTES, Heloisa (2004). “A burla do gênero - Cacilda Becker, a Mary Stuart de Pirassununga” in *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP, v.16, nº 1 (junho de 2004).
- PONTES, Heloisa. (2004b) “Modas e modos: uma leitura enviesada de *O Espírito das Roupas*” in *Cadernos Pagu*, v.22.
- PRADO, Antonio Arnoni. (1976) *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra/MEC.
- PRADO, Antonio Arnoni. (1983) *1922 - Itinerário de uma falsa vanguarda*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- PRADO, Antonio Arnoni. (2000) “Entrevista com Antonio Arnoni Prado”, entrevista concedida Augusto Massi, Luiz Roncari *et alli*. Publicada em *Teresa - Revista de Literatura Brasileira*, nº 1, 1º semestre de 2000. São Paulo, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (FFLCH) e Ed. 34.
- PRADO, Antonio Lázaro de Almeida. (1992) “Antonio Candido, antes e depois de Assis” In D’INCAO, Maria Ângela e SCARABÔTOLO, Eloísa Faria (org.) *Dentro do texto, Dentro da Vida*. São Paulo: Companhia das Letras.
- PROPP, Vladimir. (1984) *Morfologia do Conto Maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. (1983) *Roger Bastide: Sociologia* São Paulo: Editora Ática.
- RAMASSOTE, Rodrigo M. (2003) *Antonio Candido e a construção social da crítica literária moderna na USP (1961-1975)*. Monografia de conclusão de curso apresentada ao departamento de Ciências Sociais da UFSCar.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. (1992) “Antonio Candido, sempre agora” In *Revista USP*, nº 13. São Paulo, março-maio de 1992.
- SANTIAGO, Silviano. (1982) *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- SANTIAGO, Silviano. (1989) “História de um livro” in __ *Nas malhas das Letras*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. (1977) “Curtição: o Cortiço do Mestre Candido e o meu” in __ *Por um Novo Conceito de Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro: Eldorado.
- SCHNAIDERMAN, Boris. (1971) *A Poética de Maikóvski*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- SCHNAIDERMAN, Boris. (1984) “Prefácio à edição brasileira” in PROPP, Vladimir. *Morfologia do Conto Maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. (1996) “Questão racial no Brasil” in __ *Negras Imagens*. São Paulo: Edusp.
- SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. (1999) “Questão racial e etnicidade”, in __ MICELI, Sergio (Org.) *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: IDESP, Antropologia, v.1
- SCHWARZ, Roberto. (1978) *O Pai de família*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SCHWARZ, Roberto. (1978) *A lata de lixo da história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SCHWARZ, Roberto. (1979) *Ao Vencedor as batatas*. São Paulo: Editora Duas Cidades.
- SCHWARZ, Roberto. (1981) *A Sereia e o Desconfiado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SCHWARZ, Roberto. (Org.) (1983). *Os Pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- SCHWARZ, Roberto. (1990) Memorial acadêmico apresentado no Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos Lingüísticos (IEL), UNICAMP.
- SCHWARZ, Roberto. (1997) “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’” in __ *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras.
- SCHWARZ, Roberto. (1997b) “Marco histórico” In __ *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras.
- SCHWARZ, Roberto. (1997c) “Entrevista” Entrevista concedida a Fernando de Barros Silva, publicada na *Folha de S.Paulo* em 01/06/97.
- SCHWARZ, Roberto. (1997c) “Antonio Candido: (um verbete)” in *Revista USP*, nº 17. São Paulo: março-maio.

- SCHWARZ, Roberto. (1999) “Adequação nacional e originalidade crítica” in __ *Seqüências Brasileiras*, São Paulo: Companhia das Letras.
- SCHWARZ, Roberto. (2004) “Um crítico na periferia do capitalismo”. Entrevista concedida a Luiz Henrique Lopes dos Santos e Mariluce Moura, publicada em *Pesquisa Fapesp*, nº 98
- SCHWARTZ, Jorge. (1981) *Murilo Rubião: A poética do Uroboro*. São Paulo: Editora Ática.
- SPERBER, Suzy Frankl. (1976) *Caos e Cosmos*. Leituras de Guimarães Rosa. São Paulo: Editora Duas Cidades.
- SÜSSEKIND, FLORA. (1988) “Notas sobre D. Arrigucci e R. Schwarz” in *Novos Estudos Cebrap*, vol.20, março.
- SÜSSEKIND, Flora. (1993) “Rodapés, tratados e ensaios - a formação da crítica literária brasileira moderna” in __ *Papéis Colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- SÜSSEKIND, Flora. (1996) “Recorte e minúcia” in *Literatura e Sociedade*, nº 3.
- SÜSSEKIND, Flora (2004) *Literatura e vida literária*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- VARA, Teresa. (1976) *A Mascarada Sublime*. São Paulo: Editora Duas Cidades
- VARA, Teresa. (1999) “Esboço de Figurino”. In: AGUIAR, Flávio (Org.) *Pensamento e Militância*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- VARA, Teresa. (2001) “Entrevista” in *Magma Revista*. São Paulo, Humanitas/ FFLCH-USP.
- WAIZBORT, Leopoldo. (2002) “Esquema (Parcial) de Antonio Candido” in: *Novos Estudos CEBRAP*, nº . 64.
- WAIZBORT, Leopoldo. (2003) *O Asmodeu Dialético*. Tese de Livre-Docência apresentada no Departamento de Sociologia da FFLCH-USP.
- WISNIK, José Miguel. (1977) *O Coro dos Contrários - a música em torno da semana de 22*. São Paulo: Editora Duas Cidades.